FACULDADE DE DESIGN

THIAGO DE ARAGÃO SOUZA

PROJETO GRÁFICO EDITORIAL: EDIÇÃO DE LUXO DO ROMANCE GÓTICO "O CASTELO DE OTRANTO"

Porto Alegre
2022

THIAGO DE ARAGÃO SOUZA

PROJETO GRÁFICO EDITORIAL: EDIÇÃO DE LUXO DO ROMANCE GÓTICO "O CASTELO DE OTRANTO"

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro Universitário Ritter dos Reis, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Design Gráfico.

Orientadora: Profa. Ma. Carla Andrea Lopes Allegretti

Porto Alegre
2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, que não me deixaram desistir e foram tão compreensivos e carinhosos. Vocês me mostraram o poder que existe nos livros e eu sou muito grato por isso e muito mais. Não consigo imaginar minha vida sem vocês.

Agradeço à minha professora e orientadora, Carla Allegretti, por proporcionar as melhores aulas e por ter abraçado esse projeto. Sem você eu não teria passado da primeira página.

E agradeço minha gatinha, Jill, que, infelizmente, nos deixou no processo desse trabalho. Não foi fácil sem você no meu colo, mas eu consegui. Você sempre estará ronronando no meu coração.

“O mundo é uma comédia para aqueles que pensam, uma tragédia para aqueles que sentem.”

Horace Walpole

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo o desenvolvimento de uma edição de luxo do livro O Castelo de Otranto. Uma obra importante que iniciou a literatura gótica e deixa marcas até os dias atuais, mas que não foi tão valorizada como outras obras do gênero. Com esse propósito é utilizada a metodologia de Matté (2004) calcada na aplicação de trabalhos gráficos-impressos. Foram feitas pesquisas, entre elas, sobre a época e o gênero da edição original. O resultado foi um exemplar inspirado nos elementos gráficos medievais, focado na composição visual, que ganhou ilustrações de capa e entrada dos capítulos.

Palavras-chave: Gótico; Ilustração; Design editorial; Castelo de Otranto.

ABSTRACT

This project aimed to develop a deluxe edition of the book The Castle of Otranto. An important work that started Gothic literature and left marks until the present day, but which was not as valued as other works of the genre. For this purpose, Matté's (2004) methodology is used, based on the application of graphic-printed works. Research was carried out, among them, on the time and genre of the original edition. The result was a copy inspired by medieval graphic elements, focused on visual composition, which gained cover illustrations and chapter entries.

Keywords: Gothic; Illustration; Editorial Design; Castle of Otranto.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Esquema da metodologia de Matté 16
Figura 2 — Metodologia adaptada a partir de Matté (2004) 17
Figura 3 — Igrejas góticas 20
Figura 4 — Obras contemporâneas do gênero e com elementos do gótico 23
Figura 5 — Representação dos elementos do gótico 25
Figura 6 — Phantasmagoria, Nosferatu e O Castelo Assombrado 26
Figura 7 — Primeira e segunda edição (1764-1765) de O Castelo de Otranto 27
Figura 8 — Penny Deadfuls "Black Bess" (1866-68) e "The Flying Dutchman" (1839) 29
Figura 9 — Edições atuais de O Castelo de Otranto 30
Figura 10 — Linha do tempo dos clássicos góticos. 32
Figura 11 — Fotos de referência tiradas na igreja 33
Figura 12 — Capa de Frankenstein e seus elementos 34
Figura 13 — Capa de Drácula e seus elementos 35
Figura 14 — Capa de Carmilla e seus elementos 36
Figura 15 — Capa de O Corvo e Outras Histórias e seus elementos 37
Figura 16 — Manuscrito Iluminado The Black Hours 38
Figura 17 — Manuscrito Iluminado Prayer Book of Queen Claude de France 39
Figura 18 — Manuscrito Iluminado The Hours of Jeanne d'Evreux, Queen of France 40
Figura 19 — Análise dos Manuscritos Iluminados 40
Figura 20 — Síntese comparativa dos livros analisados 42
Figura 21 — Moodboard do projeto 43
Figura 22 — Estrutura de um livro 44
Figura 23 — Estrutura interior de livro 45
Figura 24 — Espelho editorial 46
Figura 25 — Demonstração de capas de livros em miniaturas 47
Figura 26 — Moodboard da capa 48
Figura 27 — Rascunho da capa no papel 49
Figura 28 — Rascunho da capa no digital 50
Figura 29 — Representação da teoria de grande, médio e pequeno 51
Figura 30 — Análise da composição 51
Figura 31 — Roda de cor 52
Figura 32 — Esquemas de cores 52

Figura 33 — Teste de cores 53
Figura 34 — Teste de valores e simplificação 54
Figura 35 — Aplicação de cor base 55
Figura 36 — Moodboard das ilustrações dos capítulos 56
Figura 37 — Rascunho das ilustrações 56
Figura 38 — Rascunho das ilustrações no digital 57
Figura 39 — Textura criada para as ilustrações 58
Figura 40 — Rascunho da moldura 58
Figura 41 — Desenvolvimento da moldura 59
Figura 42 — Rascunho dos símbolos 59
Figura 43 — Rascunho digital dos símbolos 59
Figura 44 — Refino dos símbolos 60
Figura 45 — Geração de Grids 61
Figura 46 — Aplicação de *Grids* 61
Figura 47 — Teste de tipografia para o corpo do texto 62
Figura 48 — Teste de tipografia para o título 63
Figura 49 — Criação do título 63
Figura 50 — Ilustração de capa finalizada 64
Figura 51 — Preparação da capa para impressão 65
Figura 52 — Ilustrações dos capítulos 1-3 65
Figura 53 — Ilustrações dos capítulos 4-5 66
Figura 54 — Folha de guarda 66
Figura 55 — Página de título e ilustração 67
Figura 56 — Finalização da moldura 67
Figura 57 — Normatização 68
Figura 58 — Mockup capa 69
Figura 59 — Mockup capa e contracapa 70
Figura 60 — Mockup folha de guarda 71
Figura 61 — Mockup título 72
Figura 62 — Mockup ilustração Anne Millicent Clarke 73
Figura 63— Mockup sumário 74
Figura 64 — Mockup catalogação 75
Figura 65 — Mockup capítulo 1 76
Figura 66 — Mockup capítulo 2 77

Figura 67 — Mockup capítulo 3.....78
Figura 68 — Mockup capítulo 4.....79
Figura 69 — Mockup capítulo 5.....80
Figura 70 — Mockup do texto 81
Figura 71 — Capa e contracapa do boneco.....82
Figura 72 — Miolo do boneco 83
Figura 73 — Capítulos no miolo do boneco.....84

SUMÁRIO

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA 13
1.3 JUSTIFICATIVA 13
1.4 OBJETIVOS 14
1.4 METODOLOGIA 15
2 PROBLEMATIZAÇÃO 19
3 PESQUISA 20
3.1 Arte gótica do período Medieval 20
3.2 Gótico como forma literária 21
3.3 Elementos do gênero gótico 24
3.4 A cronologia do horror e a importância de O Castelo de Otranto 26
3.5 Pesquisa Sincrônica 30
3.6 Pesquisa Diacrônica 31
3.7 Pesquisa In Loco sobre arquitetura gótica 33
4 ANÁLISES 34
4.1 Análise de Similares 34
4.1 Manuscritos Iluminados 38
5 DEFINIÇÃO DO PROJETO GRÁFICO 41
5.1 Lista de Requisitos 42
5.2 *Moodboard* do projeto 43
6 MODELAÇÃO INICIAL 44
6.1 Espelho e estrutura do livro 44
6.2 Ilustrações de capa e do miolo 46
6.3 Elementos Gráficos 58
6.4 *Grids* 60
7 MODELAÇÃO FINAL 64
7.1 Capa e Ilustrações 64
7.2 Miolo 66
7.3 Normatização 68
7.4 *Mockup* do projeto 69
7.5 Boneco do Projeto 82
8 CONCLUSÃO 85
REFERÊNCIAS 86
APÊNDICE A — Modelação Final do miolo do livro O Castelo de Otranto 89

1 INTRODUÇÃO

Foi em 1764 que Horace Walpole publicou a primeira edição do livro O Castelo de Otranto. Dentro do contexto da época, preocupada com o realismo, valorização do passado histórico e a razão, o autor insere elementos sobrenaturais em uma forma realista que fez sucesso com pequeno-burguês que buscava uma fuga do racionalismo que ditava a vida. De forma inesperada, o livro inaugurou um novo gênero de ficção: o romance gótico, sendo ele um patriarca para o que hoje conhecemos como histórias de terror. (VIDAL, Ariovaldo José. 1994)

O livro foi de suma importância para a história da literatura, que acabou influenciando diversos autores com o passar dos anos. É possível que sem ele, não teríamos Frankenstein, Drácula, as histórias de Edgar Allan Poe e diversas obras que vivem no nosso imaginário e cultura pop que são referenciados em filmes, jogos e músicas até a atualidade.

Porém, O Castelo de Otranto não recebe atenção popular no mesmo nível que outras histórias que ele inspirou. Tanto no Brasil quanto internacionalmente, não existem tantas edições do livro disponíveis e nem adaptações cinematográficas. Muito disso por conta de ser uma história antiga, que pode ser considerada defasada e nada original para os padrões atuais do nosso contexto.

Com isso veio a pergunta de como homenagear uma obra importante e colocar ela nos holofotes? Considerando a análise do mercado editorial feito por Silvio Alexandre (2015), o interesse da literatura pelos jovens tem aumentado, e em específico na ficção especulativa o que tem feito diversas editoras investirem nos gêneros de fantasia, terror e ficção científica. No Brasil, já existem editoras especializadas nesses gêneros, com foco em edições luxuosas e designs bem feitos como a Darkside, Literalize e Aleph.

Tendo em mente de querer trazer reconhecimento a uma obra importante, o presente projeto tem como objetivo criar um recurso tangibilizado pelo Design Gráfico para o livro O Castelo de Otranto, buscando inspirações em pesquisas históricas e sobre o gênero, auxiliado pela metodologia projetual de Matté (2004).

O trabalho de conclusão de curso se estrutura em 8 capítulos. Neste em específico será aprofundado o problema de pesquisa, a justificativa, os objetivos e a metodologia. Do capitulo 2 a 7, apresenta-se o desenvolvimento projetual de forma detalhada, abordando as etapas de pesquisa e análise até o final da produção gráfica. Na conclusão serão expostos se os objetivos foram ou não atendidos.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

O livro O Castelo de Otranto foi lançada em 1764. Seu conteúdo pode ser considerado clichê, com uma linguagem rebuscada e com personagens rasos e caricatos para o padrão da atualidade. Dessa forma é dada a pergunta: Qual seria a melhor forma de despertar o interesse do público leitor a consumir e valorizar a obra O Castelo de Otranto?

- Uma animação baseada no livro.
- Um livro digital.
- Edição de luxo impressa com ilustrações.
- Uma *zine* informativa sobre a importância da obra,

1.3 JUSTIFICATIVA

É ainda debatido os hábitos de leitura do povo brasileiro. É uma atividade que não é considerada uma forma de lazer, pois necessita muito tempo e atenção, diferente de assistir um filme, série, ou usar as redes sociais. Na 5ª edição do "Retratos da leitura no Brasil" (2020) feito pelo Instituto Pró-Livro, consta que no Brasil se lê em média 5 livros por ano, aproximadamente 2,4 livros em parte e 2,5 inteiros.

Porém, estudos feitos pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) indicam que os brasileiros estão lendo mais após a chegada do Covid-19. O período de quarentena fez as pessoas se reconectarem com a leitura. O mercado obteve crescimento de 30% em relação a 2020 no número de livros vendidos. (LIRA, Mylena, 2022)

E olhando para a lista dos mais vendidos, não é incomum encontrar histórias com bruxos, elfos, fadas e criaturas tenebrosas. Sendo que, para o editor e gestor cultural Silvio Alexandre (2015), nenhum livro de ficção especulativa — sendo este um termo guarda-chuva para os gêneros de fantasia, ficção científica, terror e seus subgêneros — aparecia na lista dos mais vendidos, pois estes trabalhos não eram considerados literatura.

Editoras começaram a criar selos editoriais para abrigar esses gêneros literários, e novas editoras especializadas começaram a surgir com foco em edições bem trabalhadas e de luxo: temos a Aleph, com ficção científica, a Literalize, com fantasia, a Trama com thriller e fantasia, e a Darkside Books, com terror.

A editora Darkside, fundada em 2012 e tem o foco na publicação de luxo de livros de terror e seus subgêneros. Eles tiveram sucesso, com um crescimento de 25% a 30% a cada ano, em um período em que os números indicavam retração, com muitas editoras falindo ou se

fundindo (PRATA, João, 2017). De acordo com a Nielsen, site líder mundial em medição de dados e análises de audiência, a editora Darkside tem 60% de seu catálogo na lista dos 5 mil livros mais vendidos no Brasil. E obteve enorme sucesso com seu catálogo de “Medo Clássico”, que publicou de Frankenstein, O Retrato de Dorian Gray, O Médico e o Monstro, coletâneas de Edgar Allan Poe e Drácula.

Desde então, outras editoras como a Pandorga, Principis, Antofágica, Excelsior, Martin Claret e Zahar têm relançado os clássicos góticos em edições, tanto de luxo quanto de edições em brochura.

Porém, foi percebido a falta de atenção em um livro específico, tanto no mercado nacional e internacional. O Castelo de Otranto, escrito por Horace Walpole em 1764, foi o livro que criou o gênero do gótico e que influenciou o terror moderno. Diversos elementos do livro foram passados de geração e são utilizados até hoje por autores renomados — Castelos, cavernas, passagens secretas, atmosferas sombrias, mistérios, profecias e o sobrenatural. Ele abriu portas para obras como Frankenstein e Drácula, outros influenciadores do horror, e também para outros gêneros dentro da ficção especulativa.

Como fundador de um gênero, é uma obra experimental e responde a uma necessidade social dentro da ficção que continua perdurando. Como diria o Rei do Horror, Stephen King (1981) “Inventamos horrores para nos ajudar a lidar com os reais”. O horror não é só uma forma de expressão, é uma forma da população aliviar seus anseios através da arte, vivendo em um lugar seguro tudo o que está acontecendo de ruim ao seu redor.

O seguinte projeto pretende reunir os conhecimentos e interesses pessoais do autor, unindo as paixões pela literatura, em especial dos gêneros gótico e terror, e pela ilustração digital. Para homenagear um livro pouco comentado e importante na história da literatura, que influenciou direta e indiretamente diversas obras que consumimos nos dias de hoje.

1.4 OBJETIVOS

Neste tópico estão apresentados os objetivos gerais e específicos de pesquisa a serem atingidos no presente projeto.

OBJETIVO GERAL

Elaborar uma edição de luxo como forma de homenagem ao livro “O Castelo de Otranto”, que é uma obra importante da literatura, mas pouco comentada.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Pesquisar títulos contemporâneos do gênero e influenciados pelo gótico.
- Pesquisar os elementos do livro O Castelo de Otranto para a cultura pop.
- Analisar os clássicos góticos e os manuscritos iluminados medievais.
- Elaborar a ilustração de capa do livro O Castelo de Otranto.
- Elaborar ilustrações para o miolo do livro O Castelo de Otranto.

1.4 METODOLOGIA

Para Munari (2017) o método de design nada mais é do que uma série de operações necessárias, organizadas em uma ordem lógica ditada pela experiência. Seu objetivo é alcançar resultados máximos com mínimo esforço.

A metodologia escolhida para este trabalho foi a de Volnei Matté (2004), pelo seu foco na aplicação de produtos gráficos-impressos, que beneficia o seguinte projeto por se tratar de um livro. Para ele, a metodologia é um ponto de apoio e não um fator limitante. E usá-la rigidamente traz muitas dificuldades ao desenvolvimento do projeto. Salientando que o mais importante é o processo e o resultado final.

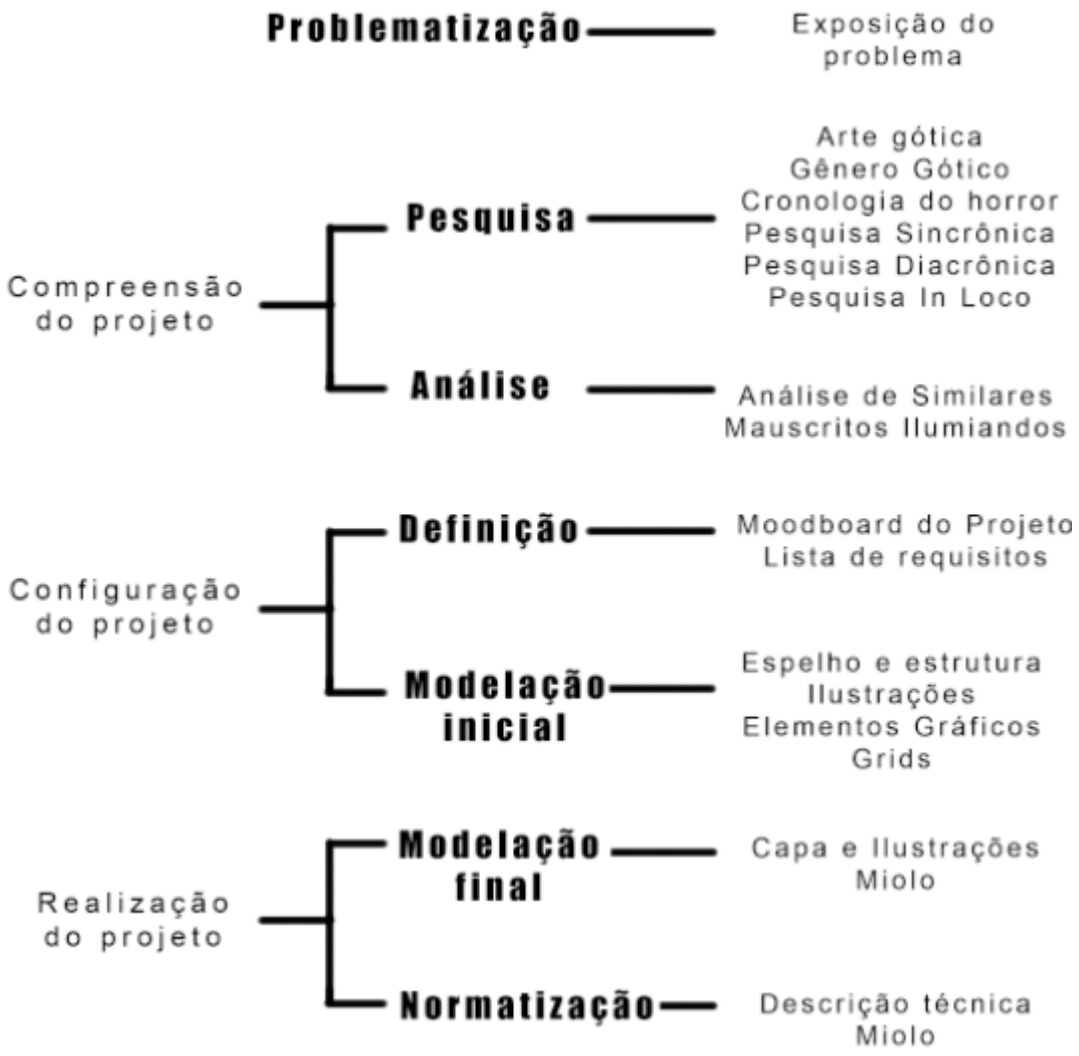
A metodologia se apresenta em oito etapas, conforme a figura 1. Seis delas estão agrupadas em três fases: compreensão do projeto, configuração do projeto e realização do projeto. As duas que sobraram, problematização e supervisão, não foram agrupadas por serem situações independentes que iniciam e finalizam o projeto. (MATTÉ, 2004)

Figura 1 — Esquema da metodologia de Matté

Fonte: Matté (2004)

A metodologia de Matté (2004) terá uma adaptação para se encaixar melhor nos objetivos propostos do projeto gráfico editorial, que terá um foco na parte estética visual. Será removida a etapa de Supervisão, que é o fornecimento de assistência ao setor industrial e ao cliente, como mostrado na figura 2.

Figura 2 — Metodologia adaptada a partir de Matté (2004)



Fonte: Elaborada a partir de Matté (2004)

Para melhor compreensão, segue abaixo as descrições das etapas e o que será feito:

Começando com a problematização, será feita a exposição do problema do projeto, que para Matté (2004), agrega um caráter profissional, determinando o início de maneira definida e clara.

A segunda etapa dentro da “Compreensão do projeto” consiste nas atividades de pesquisa, onde estará uma parte dos objetivos específicos propostos: a pesquisa de elementos do gótico, os livros contemporâneos e a cultura gótica na era medieval. Assim como uma pesquisa diacrônica e sincrônica do gênero. Em seguida, as análises para que possa ser decidido os materiais que serão utilizados, através da comparação livros similares e a composição de manuscritos iluminados.

Na definição será feita a lista de requisitos, que são divididos em requisitos obrigatórios, desejáveis e opcionais. E o *moodboard* do projeto que definirá a essência estética.

Com a modelação inicial, serão apresentados os modelos iniciais e processos da identidade visual e organização do livro. Sendo estes: espelho, grids, tipografia, ilustrações e elementos gráficos. A modelação final consiste no aprimoramento dos modelos, atingindo o nível máximo de finalização do projeto.

A normatização é a etapa que envolve a descrição técnica do projeto e a apresentação final com *mockups* da capa e das páginas internas com as ilustrações aplicadas.

2 PROBLEMATIZAÇÃO

Para Matté (2004), a problematização é definida pela exposição objetiva do problema para identificar as necessidades do projeto, agregando um caráter profissional que determina o início de maneira definida e clara.

O livro O Castelo de Otranto não é muito comentado e lembrado. Sem ser um curta/documentário feito em 1977 por Jan Švankmajer, não existe uma adaptação cinematográfica baseada na obra, da mesma forma que Drácula, Frankenstein ou O Médico e o Monstro — histórias e monstros que hoje fazem parte do imaginário e cultura popular. Tanto as edições do livro internacional e brasileiro não são bem trabalhadas, se mantendo sempre no simplório. Sem ilustrações e sem identidades chamativas que reconheçam O Castelo de Otranto como a primeira obra do gótico.

A partir da pergunta de pesquisa “Qual seria a melhor forma de despertar o interesse do público leitor a se interessar e valorizar a obra O Castelo de Otranto?”, será trabalhado uma edição de luxo do livro “O castelo de Otranto”, para que o material seja conhecido em sua mídia original. O livro terá um design inspirado no período gótico e com ilustrações, visto que as edições do livro internacional e brasileiro não são bem trabalhadas, se mantendo sempre no simplório. Esperando que, dessa forma, se possa chamar a atenção do público leitor e colecionador de histórias do horror gótico.

3 PESQUISA

Para Matté (2004), as pesquisas têm o objetivo de compreender a evolução e o estado-da-arte do produto. Tanto para seus aspectos físicos, informacionais, e para se inteirar do tema abordado. É recomendada a coleta de informações textuais e visuais.

3.1 Arte gótica do período Medieval

O gótico foi um estilo de arte medieval que durou do século XII até o século XVI, sendo uma evolução da arte Românica e precedendo o início do Renascentismo. Foi um movimento artístico de origem francesa e que brotou uma série de obras artísticas de vários tipos, mas é conhecida principalmente por sua arquitetura — encontrada em igrejas e catedrais, conforme a figura 3. (BRITANNICA, 2018)

Figura 3 — Igrejas góticas

Fonte: Desenvolvido pelo autor

O termo gótico foi dado por escritores Italianos renascentistas e tinha um sentido depreciativo, atribuído às tribos góticas bárbaras que destruíram o Império Romano e sua cultura clássica, pois as igrejas não seguiam os ideais de simetria. Essa conotação só se tornou positiva após uma avaliação crítica no século XIX, e já é de consenso que o estilo não tem relação com os Godos. (BRITANNICA, 2018)

De acordo com a historiadora de arte Kelly Richman-Abdou (2022), para que as igrejas evocassem um ar etéreo e a sensação de que atingiam o céu, abandonaram as paredes grossas da arquitetura Românica para paredes finas. Empregaram os arcobotantes — estruturas externas que se ligam a contrapesos para equilibrar as paredes da construção. Também é caracterizada por seus arcos, tetos abobadados e janelas de vitrais. Diferente do imaginário popular sobre o lado escuro do gótico, a intenção principal era permitir mais luz dentro das igrejas.

Uma das maiores formas de produção artística do período Gótico foram os manuscritos iluminados. Eram o embelezamento pictóricos de livros manuscritos com ouro ou prata, cores brilhantes, ou com imagens em miniatura e designs elaborados.

O gótico chegou na literatura no início da era romântica por volta do século XVIII e que, para Elif Notes (2022) “Foi incentivado pelo grupo de escritores que se encantaram com o feitiço do medievalismo. Eles escreveram romances exibindo os elementos de terror, horror, suspense, superstição, mistério e romance”. A ficção gótica focava principalmente no lado escuro da sociedade e sua preocupação com o mal e o pecado. Horace Walpole, escritor de O Castelo de Otranto, pegou emprestado o termo gótico como subtítulo da arquitetura medieval e a aplicou em um contexto de horror.

3.2 Gótico como forma literária

O gênero na literatura está longe de ser uma caixinha fechada. É muito comum e esperado uma sobreposição de elementos e características. Frankenstein é um romance gótico, mas também é considerado o primeiro livro de ficção científica e que possui elementos de horror. Para Chris Angelis (2018), PhD em literatura inglesa, o processo de categorização de gênero se torna um problema se ao invés de inclusão se usa a exclusão. Ou seja, ao invés de tentarmos provar que uma história pertence ao gótico, tentamos provar que não.

> Se eu lhe perguntasse se o Drácula de Bram Stoker pertencia ao "gênero gótico", você provavelmente diria que sim. Afinal, é uma história com um castelo, com criaturas sobrenaturais, com uma sensação de pavor e ameaça à espreita no ar, e com questões relacionadas ao patriarcado. Mas deixe-me perguntar-lhe: seria, então, Hamlet uma obra gótica? Afinal, ele apresenta um castelo, um fantasma, medo e ameaça e – definitivamente –

> questões relacionadas ao patriarcado. E, no entanto, instintivamente pensamos em Hamlet como algo diferente de Drácula. (Chris Angelis, 2018)

É melhor pensar no gótico como uma área ampla, que engloba os gêneros do horror, fantasia e da ficção científica. Dentro da cronologia desses gêneros, o gótico é considerado parte importante para a formação desses gêneros literários no futuro.

É interessante abordar o que é o horror, em específico a diferença confundível do terror e horror. De acordo com o dicionário, terror deriva do latim "terror, oris", com o sentido de "pavor imenso, terror, pânico". E horror também deriva do latim "horror, oris", com o sentido de arrepio. O terror é o sentimento de apreensão e temor na possibilidade de presenciar algo assustador, enquanto o horror temos como sentimento predominante a repulsa e choque após ver algo assustador. O terror é o que precede o horror.

É mais comum no inglês expressar o gênero como horror, porém em português usamos o terror. Apesar dos significados diferentes, ambas as formas abordam os mesmos conteúdos.

Para Sigmund Freud em The Uncanny (1919), o horror vem do *uncanny,* que vem da palavra alemã *unheimlich*, que é traduzida literalmente como algo desconhecido ou estranho. De acordo com Freud (1919), "*unheimlich* é o nome de tudo que deveria ter permanecido ... secreto e oculto, mas veio à luz". E descreve o horror como "Manifestação de recorrentes pensamentos sobre o desconhecido que estão em nossa consciência reprimidos por nosso ego, mas que não são familiares para nós".

Tanto o gótico como o horror usam o desconhecido como recurso narrativo. Ambos usam o mistério, ou o sobrenatural e monstros, muitas vezes para tratar de assuntos tabus da sociedade em suas respectivas épocas. Porém, segundo o site Literary Terms, o Horror tem um propósito de criar sentimentos de medo, pavor, repulsa e terror. Enquanto o Gótico não necessariamente quer te assustar, usando seus elementos mais como atmosfera, e que se utiliza de características do romantismo.

Hoje em dia, a literatura gótica foi substituída pelas histórias de terror, ficção de detetive, suspense e outras histórias que simpatizam com o mistério, o choque e a sensação (Patrick Kennedy, 2020). Temos alguns exemplos, cujos as capas podem ser vistas na figura 4:

Figura 4 — Obras contemporâneas do gênero e com elementos do gótico

Fonte: Desenvolvido pelo autor

- **Assombração da Casa da Colina**

Escrita por Shirley Jackson, que cria uma obra perturbadora, com um terror sutil, sóbrio e sugestionado. Uma atmosfera pesada onde um dos personagens é a própria casa da colina. A história se dá com o Dr. Montague em desvendar os mistérios por traz dos fenômenos sobrenaturais da casa.

- **O Iluminado**

Escrito por Stephen King. Acompanha a família Torrance que, por problemas financeiros, acompanham o pai que vai ser zelador em um hotel durante o recesso de inverno. Porém, a neve bloqueia as estradas, deixando o lugar inacessível. E, com o tempo, descobrem que o hotel tem uma história sombria e macabra. Alguns dos fortes elementos góticos são o passado maligno, a isolação e a psicologia do personagem Jack.

- **Mistborn**

Um livro de Fantasia Épica escrito por Brandon Sanderson e que responde à pergunta “E se o vilão tivesse ganhado a batalha final?”. A história toma forma em Luthadel, uma cidade baseada na arquitetura gótica e que é envolta por névoa e cinzas que caem do céu, e possui um forte aspecto visual de vitrais. Um dos personagens, Kelsier, está atormentado pelo seu passado. E a personagem Vin precisa se passar por uma nobre para descobrir como desestabilizar o atual governo, liderado pelo Senhor Soberano.

- **Coraline**

Escrito por Neil Gaiman. Após abrir uma porta misteriosa, Coraline se encontra em um lugar macabro e fascinante, com seres sobrenaturais. O cenário é um casarão antigo dividido

em apartamentos, com vizinhos excêntricos e uma névoa insistente. Ela lida com ansiedades relacionadas com seu desenvolvimento pessoal

- **A Mulher de Preto**

Obra escrita por Susan Hill nos moldes dos antigos romances góticos. Onde um advogado é chamado para cuidar dos papéis de uma falecida, única moradora de uma casa que fica isolada pela maré que sobe ao anoitecer. Um homem com um passado doloroso e uma locação atmosférica e claustrofóbica com eventos sobrenaturais são algumas das características góticas.

- **Resident Evil**

Resident Evil é uma franquia multimídia que nasceu no vídeo game, com novelizações escritas por S.D Perry. No primeiro livro, um grupo de serviços de resgate e táticas especiais precisa investigar uma mansão perto de Raccoon City, onde assassinatos bizarros têm acontecido. Só para se encontrarem presos em um local infestado de zumbis e armadilhas, com conexões para um sistema de cavernas e um laboratório. A história é cheio de conspirações e experimentos virais.

3.3 Elementos do gênero gótico

O gênero gótico, estabelecido em O Castelo de Otranto, foi o pontapé para uma narrativa e estética atemporal que até hoje reconhecemos na mídia e no imaginário popular quando pensamos em horror e em temas obscuros. Mesmo que o gótico e o terror não sejam a mesma coisa, eles intercambiam temas e elementos que foram importantes para a formação da cultura pop. Em um estudo feito por Robert Harris (2019), alguns desses elementos são:

- Cenário em um castelo, com passagens secretas, escadarias escuras e escondidas e conectados em cavernas.
- Atmosfera de mistério e suspense, com um sentimento ameaçador e o medo do desconhecido.
- Uma profecia antiga que está conectada ao castelo ou seus habitantes, geralmente obscura e confusa.
- Eventos inexplicáveis e sobrenaturais, com fantasmas perambulando ou objetos inanimados ganhando vida, que podem ou não ter uma explicação científica.
- Emoções à flor da pele, geralmente com raiva, surpresa, tristeza e horror.

- Donzelas em perigo, sendo geralmente a figura central da história e enfrentam situações que as fazem desmaiar, gritar e chorar

Figura 5 — Representação dos elementos do gótico

Fonte: Desenvolvido pelo autor

> Em termos mais gerais, a literatura gótica pode ser definida como uma escrita que emprega cenários escuros e pitorescos, dispositivos narrativos surpreendentes e melodramáticos e uma atmosfera geral de exotismo, mistério, medo e pavor. Muitas vezes, um romance ou história gótica gira em torno de uma grande e antiga casa que esconde um terrível segredo ou serve como refúgio de um personagem especialmente assustador e ameaçador. (Patrick Kennedy, 2020)

Para o The Gothic Library (2017), o impacto dos elementos visuais do horror se intensificou antes da invenção dos filmes através do *phantasmagoria*, que era um teatro performado com lanternas que projetavam figuras como fantasmas, esqueletos e demônios.

Em 1896, o filme Francês de George Méliès “O Castelo Assombrado” foi considerado como o primeiro filme de terror, encenando um encontro com o diabo e fantasmas em um castelo medieval. E com o Expressionismo Alemão, trouxe Nosferatu, uma adaptação não oficial de Drácula e que teve enorme influência na estética do horror gótico. Entre as décadas

de 1930 e 1950, a Universal Studios começa a usar as criaturas e inspirações dos livros góticos para criar filmes de terror, como: Drácula, Frankenstein, O Fantasma da Ópera e O Médico e o Monstro. São os primeiros filmes em um universo ficcional compartilhado. E foram os filmes que realmente popularizaram os monstros e a estética para as massas, que são utilizadas até hoje no dia de Halloween (THE GOTHIC LIBRARY, 2017).

Na figura 6, é possível ver nas duas fotos de cima a representação do *Phantasmagoria.* No lado inferior esquerdo está Nosferatu (1922) e no lado inferior direito está O Castelo Assombrado (1896).

Figura 6 — Phantasmagoria, Nosferatu e O Castelo Assombrado

Fonte: Desenvolvido pelo autor

3.4 A cronologia do horror e a importância de O Castelo de Otranto

Castelos antigos e escuros, com uma atmosfera de mistério e suspense. Presságios e visões. Elementos sobrenaturais inexplicáveis. Emoções exageradas e donzelas em apuros. Essas são algumas das características da literatura gótica, que foram popularizadas por Horace Walpole em O Castelo de Otranto, sendo este considerado o primeiro romance gótico.

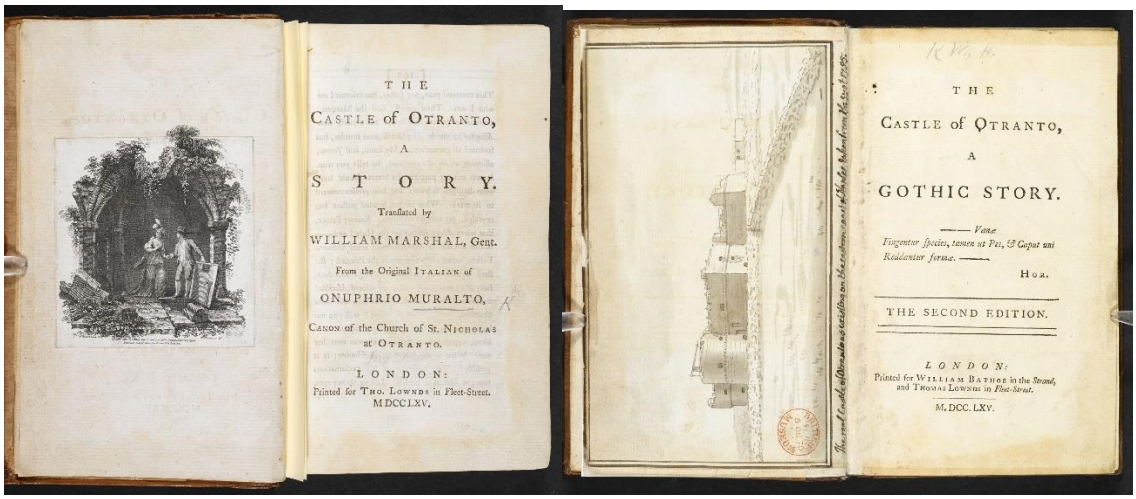
Para Karina Wilson (2013), escritora especialista do terror e criadora do Horror Film History, desde que existiram histórias, existiram histórias sobre o desconhecido. Mitos de criação em todas as culturas estão cheias de monstros e demônios. Temos como exemplo a

mitologia egípcia com seus mundos dos espíritos para ser temido, e os heróis da mitologia Grega e Romana que enfrentavam criaturas como o Minotauro, Medusa e Hydra.

Temos uma das maiores obras conhecidas do mundo, a Odisseia, que narra a luta de Ulisses contra bruxas. E até a bíblia traz criaturas mitológicas, feiticeiras e invocação de espíritos (Mauro Plastina, 2020). Apesar de grande parte desses mitos não serem de fato uma história de terror, é muito clara a inspiração dessas criaturas para o imaginário popular. Criando contos locais que eram passados de boca a boca e ao redor das fogueiras.

Uma das primeiras mídias em que o terror começou a se consolidar como um gênero foi através da literatura pelo fim do século XVIII, porém já haviam traços no passado em 1307 com a publicação de A Divina Comédia ou Malleus Maleficarum em 1486, o manual de caça às bruxas da Idade Média (Kristen Masters, 2013). Mas foi com "O Castelo de Otranto", de Horace Walpole, em 1764, que influenciou os escritores do próximo século, este sendo o primeiro livro gótico, com presenças espirituais, intrigas e acontecimentos inexplicáveis (Mauro Plastina, 2020). Suas duas primeiras edições podem ser vistas na figura 7.

Figura 7 — Primeira e segunda edição (1764-1765) de O Castelo de Otranto



Fonte: The British Library

Na primeira edição, Walpole (1764, pg. 9) escreve no prefácio "A presente obra foi descoberta na biblioteca de uma antiga família católica, no norte da Inglaterra. Foi impressa em Nápoles, em letras góticas, no ano de 1529. Não consta quanto tempo antes teria sido escrita". Foi nessa premissa excitante que o livro ganhou certa popularidade, com muitos leitores acreditando que realmente estavam lendo um manuscrito medieval.

Foi apenas um ano depois, quando o livro foi reimpresso, que Walpole esclarece que ele mesmo foi o autor. Ele escreve: “Como a insegurança quanto a seus próprios talentos e originalidade de sua tentativa foram as únicas razões para que assumisse tal disfarce, o autor acredita que isso ainda possa ser desculpável”. Seu objetivo era criar uma história que misturava o romance novo, marcado pela cópia da natureza com fidelidade, e com o antigo, com imaginação e improbabilidade.

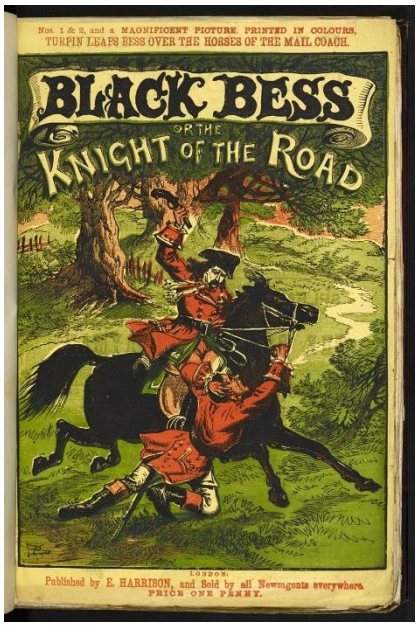
> O autor das próximas páginas acreditou ser possível reconciliar as duas formas. Desejoso de deixar os poderes da fantasia livres para expandirem-se por meio dos espaços ilimitados da invenção, criando, desse modo, situações mais interessantes, ele desejava conduzir os mortais agentes de seu drama de acordo com as leis da probabilidade. Em suma, fazê-los pensar, falar e agir, tal como se suporia que meros homens e mulheres normais fariam em situações extraordinárias. (Horace Walpole, 1765, pg. 12)

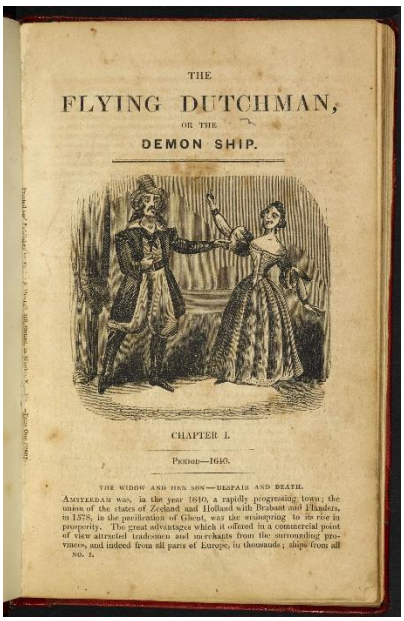
Para Ariovaldo José Vidal (1996, pg. 8), Professor de Teoria Literária da USP, o livro teve um sucesso com o público pequeno-burguês que buscava uma fuga do racionalismo que ditava a vida. Após o lançamento vieram outros clássicos como Os Mistérios de Udolpho (1794), de Ann Radcliffe e O Monge (1796), de Matthew Lewis. Vários imitadores propagaram os conceitos da literatura gótica para as próximas décadas, e que se mantém até hoje em nosso imaginário como uma identidade do horror.

A literatura de terror mudou de direção em uma noite: 17 de junho de 1816, quando Mary Shelley e Dr. Polidori decidiram competir para ver quem criava a história mais fantástica, surgindo assim Frankenstein, publicado em 1818, e The Vampyr, publicado em 1819, criando o sub gênero de vampiro. (Karina Wilson, 2013)

Após a Revolução Industrial o horror se tornou mais visceral. As pessoas queriam distrações depois de tempos vivendo em cidades lotadas e os *Penny Dreadful* eram a maneira mais barata de entretenimento, como visto na figura 8. Eram pequenos livretos curtos e ilustrados, impressos em um papel barato, com os significados em português: *penny* centavos e *dreadful* sinistro. (Kristin Masters, 2013)

Figura 8 — Penny Deadfuls "Black Bess" (1866-68) e "The Flying Dutchman" (1839)





Fonte: The British Library

O século XIX ficou marcado pela ambientação dos castelos assombrados, casarões, esqueletos e calabouços. É uma das estéticas mais fortes relacionada ao horror e que geralmente vem em nossas mentes. Outra publicação importante desta época foi Drácula de Bram Stoker, que eternizou a figura do vampiro na cultura pop para sempre. (Mauro Plastina, 2020).

E uma das maiores influências da época que perdura até hoje foi Edgar Allan Poe, que escreveu em diversas áreas do terror em 17 anos de produção literária, fazendo que suas paisagens fúnebres e personagens grotescos se tornassem a base do gênero de terror. Infelizmente, ele não foi reconhecido em vida e sempre lutou contra a pobreza até sua misteriosa morte em 1849. (Karina Wilson, 2013)

O século XX foi quando o terror realmente ganhou muita popularidade e diversas revistas foram criadas com histórias de novos autores, especialmente nos Estados Unidos depois da Grande Depressão. H.P Lovecraft fez suas publicações na revista Weird Tales em 1923. E mais para frente, em 1974, o considerado Rei do Horror Stephen King começou sua produção literária também em revistas. Esses dois não só foram influenciados pelo que veio antes, como também criaram um novo patamar para histórias de terror (Kristin Masters, 2013)

De acordo com o Dr. Oliver Tearle (2020), pesquisador de literatura, é possível que sem O Castelo de Otranto, não existiria Edgar Allan Poe, conhecido como o Pai do Horror e criador

das histórias de detetive. Ou Frankenstein de Mary Shelley, que criou a ficção científica, e Drácula de Bram Stocker, que popularizou o vampiro para a eternidade. Estes que foram um ponto de virada no século XIX que consolida a força popular da narrativa de horror. E até mesmo Stephen King, considerado o Rei do Horror e um dos autores mais populares da atualidade, com seus personagens tridimensionais e histórias memoráveis que ainda moldam novos autores.

3.5 Pesquisa Sincrônica

Para esta pesquisa, a busca foi dada pelas edições já existentes na atualidade de O Castelo de Otranto, tanto no cenário nacional quanto internacional, para que assim possa se ter uma ideia do que já foi feito no mercado. As edições foram pesquisadas no site Amazon, conforme a figura 9.

Figura 9 — Edições atuais de O Castelo de Otranto

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

a) Edição Brasileira publicada em 2010 pela editora Nova Alexandria. Possui 152 páginas, em brochura. A capa é a imagem fotográfica da entrada de uma igreja gótica em um filtro azulado. A tipografia é sem serifa e o título fica no lado superior direito.

b) Edição Brasileira publicada em 2019 pela editora Escotilha. Possui 111 páginas, em brochura. A capa tem um fundo azul escuro com galhos de arvores em silhueta, há uma enorme lua vermelha texturizada, com um foco no título em amarelo. A tipografia do título é em estilo gótico e com serifa, enquanto o nome do autor é sem serifa.
c) Edição internacional publicada em 2014 pela editora Oxford University Press, USA. Possui 192 páginas, em brochura. A capa é a ilustração de uma figura fantasmagórica cabisbaixa. O título fica em uma listra branca na parte inferior, em uma tipografia serifada.
d) Edição internacional publicada em 2021 pela editora Royal Classics. Possui 96 páginas, em capa dura. A capa é impressa em uma luva — uma proteção de papel que envolve cada exemplar (FIALHO, Luise, 2017), com uma moldura floral e cheia de ornamentos que remetem a época e o estilo das capas dos livros medievais. Não foram encontradas imagens da capa por baixo da luva. A tipografia é serifada, com a letra “C” em estilo gótico.
e) Edição internacional publicada em 2014 pela editora Open Road Media Mystery & Thriller. É uma edição digital de 82 páginas. A capa é a imagem em modelo 3d de um castelo com um fundo em cor sólida, tudo unificado pela cor marrom. A tipografia é serifada e o título fica na parte superior.

3.6 Pesquisa Diacrônica

Para esta pesquisa, o foco foi a busca das edições de livros góticos através do tempo para saber como o design do gênero evoluiu, conforme a figura 10. Para melhor comparação, serão usadas diferentes edições dos clássicos Frankenstein, Drácula e O Corvo, por serem livros famosos e aclamados com uma grande variedade de edições. Os livros foram divididos em três linhas do tempo com quatro épocas diferentes.

Figura 10 — Linha do tempo dos clássicos góticos.

Fonte: Desenvolvido pelo autor

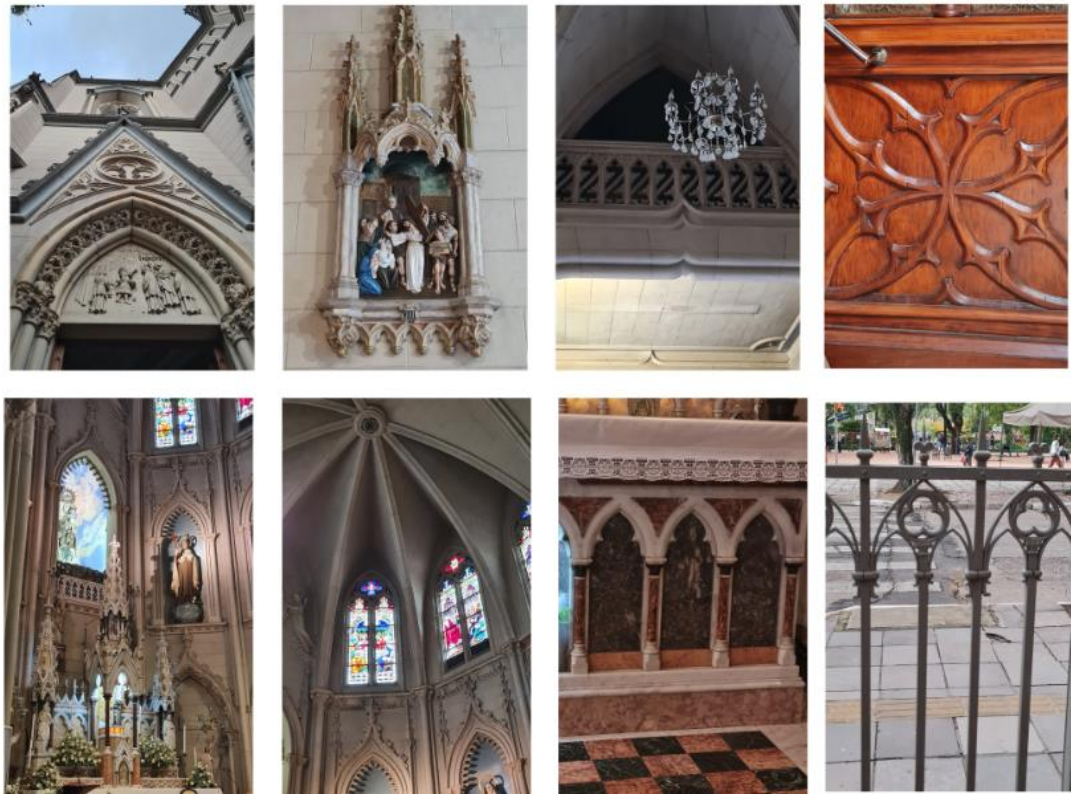
Percebe-se a evolução drástica do design das capas. As primeiras edições foram lançadas em uma época onde as capas eram de couro com apenas o título da obra. Com o tempo, as ilustrações tomaram conta das capas, muitas em um estilo mais realista que remete aos grandes mestres, com tridimensionalidade causada pela luz e sombra. Atualmente, nós vemos um design mais minimalista e o uso de formas dimensionais.

3.7 Pesquisa In Loco sobre arquitetura gótica

Em Porto Alegre, RS, está situada a Igreja do Santíssimo e da Santa Teresinha de Lisieux, inaugurada em 1931, em frente da Praça Farroupilha. Para aquisição de fotos para inspiração e referências visuais do projeto e para imersão, vistas na figura 11.

O projeto arquitetônico ficou a cargo do espanhol Frei Cyríaco de São José, que a fez com fidelidade às regras do estilo gótico, em especifico uma igreja presente na região de Burgos. Foi umas das primeiras igrejas erguidas em honra a Santa Teresinha. Por toda igreja há detalhes decorativos de plantas, animais e pequenas gárgulas (SANCTUARIA, 2015)

Figura 11 — Fotos de referência tiradas na igreja



Fonte: Desenvolvido pelo autor

4 ANÁLISES

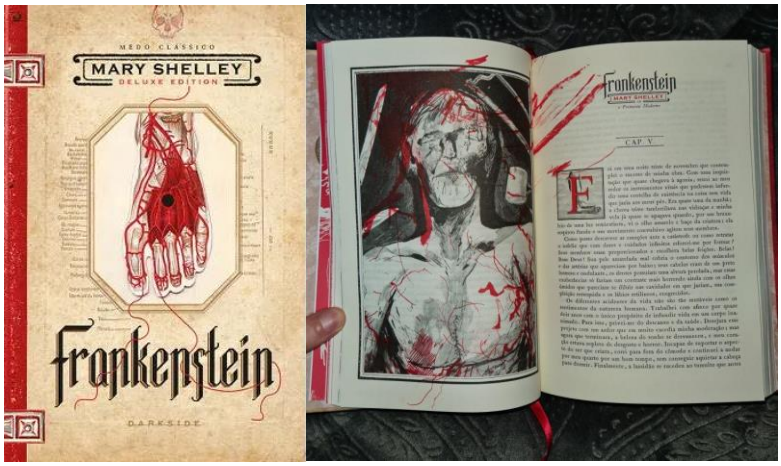
Para Matté (2004), usa-se o conteúdo coletado nas pesquisas para compreender o desenvolvimento do projeto. Nesta etapa, será feita a análise de livros góticos com edições parecidas aos objetivos propostos. E a análise de manuscritos iluminados que vão servir de inspiração para a estética no interior do livro.

4.1 Análise de Similares

A escolha de editoras para comparação se deu pela similaridade da proposta do projeto. A Editora Darkside, pelo foco em livros de terror e seus subgêneros em edições de luxo. E a Editora Pandorga, pelo seu trabalho com a literatura gótica. Os seguintes livros possuem elementos relevantes para os objetivos do projeto.

- Frankenstein (Editora Darkside)

Figura 12 — Capa de Frankenstein e seus elementos



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Papel: Pólen 80g
Dimensões: 23.4 x 15.8 x 2.4 cm
Encadernação: Tela
Páginas: 304
Tipografia capa: Serifada no estilo gótico.
Cores predominantes da capa: Vermelho e bege amarelado.
Tipografia miolo: Serifada.

Ilustrações: Acontecem esporadicamente pelo livro, podendo ser de uma página ou duas. É em um estilo que remete ao expressionismo, com partes em um vermelho vibrante parecendo sangue e formas distorcidas, que parecem ficar piores com o passar do livro enquanto o protagonista Victor fica mais e mais obcecado com a criatura. Rabiscos percorrem os desenhos, dando a sensação de loucura e terror.
Divisões: A cada novo capítulo, o nome do livro é posto na parte superior, com a indicação do capítulo em número romano logo abaixo. O texto inicia com uma capitular com letra vermelha e o desenho de uma parte do corpo.
Acabamentos: Título com verniz e fitilho vermelho.
Preço: R$37,75

- Drácula (Editora Darkside)

Figura 13 — Capa de Drácula e seus elementos

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Papel: Pólen 80g
Dimensões: 16.2 x 23.4 x 4.2 cm
Encadernação: Tela
Páginas: 448
Tipografia capa: Não existe título na capa, mas é usado uma fonte serifada e gótica no título dentro do livro.
Cores predominantes da capa: Preto e dourado.
Tipografia miolo: Serifada, imitando o visual das letras datilografadas

Ilustrações: Ocorrem esporadicamente pelo livro. Seu estilo parece similar uma xilogravura, com muitos detalhes e formas. Muitas vezes é complicado de entender o que acontece na imagem. A ilustração possui uma moldura vermelha.
Divisões: O capítulo começa com a indicação em número romano, e embaixo o nome do personagem que está narrando. Antes do texto está o nome do autor: Bram Stoker. O texto começa com uma capitular em vermelho não muito grande. Se o personagem muda no meio do capítulo, aparece o nome do personagem em uma fonte maior e a data entre duas linhas vermelhas.
Acabamentos: Morcego da capa feita em Hot Stamping. Fitilho vermelho e pintura trilateral em dourado.
Preço: R$47,92

- Carmilla (Editora Pandorga)

Figura 14 — Capa de Carmilla e seus elementos

Fonte: Amazon

Papel: Pólen 80 g.
Dimensões: 14 x 21 x 2
Encadernação: Tela
Páginas: 176
Tipografia capa: Serifada em estilo gótico.
Cores predominantes da capa: Vermelho, branco e preto.
Tipografia miolo: Serifada
Ilustrações: As ilustrações acontecem esporadicamente, e são as artes oficiais feitas para o livro original reutilizado. Elas ilustram momentos do livro e são feitas com a técnica da gravura.

Divisões: Capítulo se inicia com uma ilustração de um colar com o número no meio. Embaixo fica o nome do capítulo e a primeira letra é uma capitular preta no estilo gótico.
Acabamentos: Sem acabamentos.
Preço: R$19,90

- O Corvo e Outras Histórias (Editora Pandorga)

Figura 15 — Capa de O Corvo e Outras Histórias e seus elementos

Fonte: Amazon

Papel: Pólen 80 g.
Dimensões: 14 x 21 x 2
Encadernação: Tela
Páginas: 176
Tipografia capa: Serifada.
Cores predominantes da capa: Cinza, preto e amarelo.
Tipografia miolo: Serifada.
Ilustrações: Ficam na parte final do livro, alternando com curiosidades sobre o autor, e são feitas com a técnica da gravura. São ilustrações antigas e originais feitas para livros de Edgar Allan Poe.
Divisões: Na página esquerda há uma folha preta com o desenho de uma pena. Os capítulos se iniciam na página direita com o nome do conto com uma fonte em um arco. A capitular é a primeira letra preta, sem diferenciação de fonte.
Acabamentos: Título em verniz, fitilho amarelo.
Preço: R$17,20

4.1 Manuscritos Iluminados

Os manuscritos iluminados eram livros feitos a mão e assim denominados pelo uso de tinta dourada e prata, em textos e ilustrações. Produzidos na Europa Ocidental entre o século V ao XVI. Geralmente seus temas de representação são a escritura, folclore e prática Cristã. Eles eram feitos por monges em mosteiros e eram muito caros pelo seu tempo de produção. A invenção da prensa de Gutenberg foi o fim das iluminuras, continuando popular apenas para os ricos e colecionadores (MARK, JOSHUA, 2018).

A arte de quem produzia as iluminuras desempenhou um papel importante no desenvolvimento da arte. Sua fácil portabilidade o tornou um meio simples de transmissão de ideias entre regiões e períodos históricos. (BRITANNICA, 2022)

Foram escolhidas três das mais famosas iluminuras de acordo com o World History (2018) para a análise. Sendo eles: *The Block Hours, Prayer book of Claude de France e The Book of Hours of Jeanne d'Evreux.*

a) The Black Hours, MS M.493 (terminando entre 1460 e 1475)

Figura 16 — Manuscrito Iluminado The Black Hours

Fonte: The Morgan Library

Os dois pontos de informação são descentralizados da página, ficando em um ponto superior e perto da costura. Eles não tomam conta da diagramação, a moldura é grossa e possui ornamentos florais em ouro, que também serve de detalhes para a ilustração. Outra moldura em

preto envolve as páginas, o preto também é usado para destacar o texto do fundo azul. As letras são grandes e com a letra capitular após cada ponto final. A primeira letra capitular é a maior.

b) Prayer Book of Queen Claude de France (1517)

Figura 17 — Manuscrito Iluminado Prayer Book of Queen Claude de France

Fonte: The Morgan Library

A moldura é um desenho que serve para segurar tanto a ilustração quanto o texto. O texto se inicia na mesma página da ilustração, que tem uma conotação religiosa. Cores diversas são adicionadas, mas o vermelho e azul são pontos focais. O dourado fica para o desenho da moldura. As letras são grandes e apenas a primeira serve de letra capitular.

c) The Hours of Jeanne d'Evreux, Queen of France, por Jean Pucelle (1324-28)

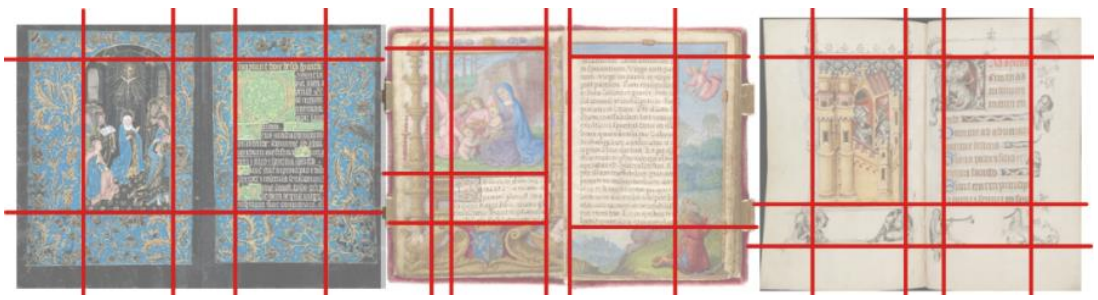
Figura 18 — Manuscrito Iluminado The Hours of Jeanne d'Evreux, Queen of France

Fonte: The Metropolitan Museum of Art

Ilustração e desenhos descentralizados. A moldura é desenhada em linhas e em preto e branco. Vermelho, dourado e azul são usados em partes específicas. As letras são grandes e cada letra após o ponto tem uma capitular, sendo a primeira a maior. A primeira capitular possui um desenho. Quando o parágrafo acaba, o espaço deixado é preenchido com um desenho e a cor vermelha.

A partir da análise é possível tirar alguns pontos em comum entre os manuscritos iluminados. As margens são grandes e o conteúdo não fica centralizado, indo em direção a costura do livro. A quantidade de texto é mínima, dando mais espaço para os elementos artísticos. Na figura 19 é possível ver uma análise de grid para melhor compreender as similaridades.

Figura 19 — Análise dos Manuscritos Iluminados



Fonte: Desenvolvido pelo autor

5 DEFINIÇÃO DO PROJETO GRÁFICO

Com base nas pesquisas e análises, serão utilizadas as edições da editora Pandorga como um guia para uma nova edição de O Castelo de Otranto. Isso se dá pela história ser curta e o formato dessas edições favorecer um livro menor. O tamanho do projeto ficou com 14cm de largura e 21cm de altura.

O projeto será em capa dura. Com uma ilustração de capa um pouco mais realista, como as edições mais antigas dos livros góticos. Essa decisão se dá pela ideia do autor Horace Walpole de unir o antigo com o novo.

Cada capítulo terá uma ilustração de abertura de algum acontecimento da história que virá, assim como ornamentos da arquitetura gótica e um layout que remete a um manuscrito iluminado. Todo o início do livro: folha de guarda, sumário e título também estarão com uma identidade que remete ao gótico e a história.

Para melhor entendimento das análises, será apresentado na figura 20 uma síntese comparativa que une todos os livros analisados:

Figura 20 — Síntese comparativa dos livros analisados

	FRANKENSTEIN (DARKSIDE)	DRÁCULA (DARKSIDE)	CARMILLA (PANDORGA)	O CORVO E OUTRAS HISTÓRIAS (PANDORGA)
Capa	Dura	Dura	Dura	Dura
Papel (Miolo)	Pólen 80g	Pólen 80g	Pólen 80g	Pólen 80g
Encardenação	Tela	Tela	Tela	Tela
Páginas	304pg	448pg	176pg	176pg
Tipografia capa	Serifada gótico	Serifada gótico	Serifada gótico	Serifada
Tipografia miolo	Serifada	Serifada; datilografado	Serifada	Serifada
Cores Predominantes	Vermelho; Bege amarelado	Preto; Dourado	Vermelho; Branco; Preto	Cinza; Preto; Amarelo
Ilustrações	Expressionista	Xilogravura	Gravura	Gravura
Acabamentos	Verniz; Fitilho	Hot Stamping; Fitilho; Pintura trilateral	---	---
Dimensões	23.4 x 15.8 x 2.4cm	23.4 x 16.2 x 4.2 cm	14 x 21 x 2	14 x 21 x 2
Preço	R$37,75	R$47,92	R$19,90	R$17,20

Fonte: Desenvolvido pelo autor

5.1 Lista de Requisitos

1) Requisitos obrigatórios
    - Produção do livro em capa dura;
    - Ilustração de capa;
    - Ilustração para os capítulos;
    - Influência das iluminuras para ornamentos de design.
    - Tamanho: 14cm x 21cm
2) Requisitos desejáveis
    - Papel de capa: Papel paraná 2 mm e couché fosco 115g

- Papel do miolo: Pólen 80g;
- Fita de marca página

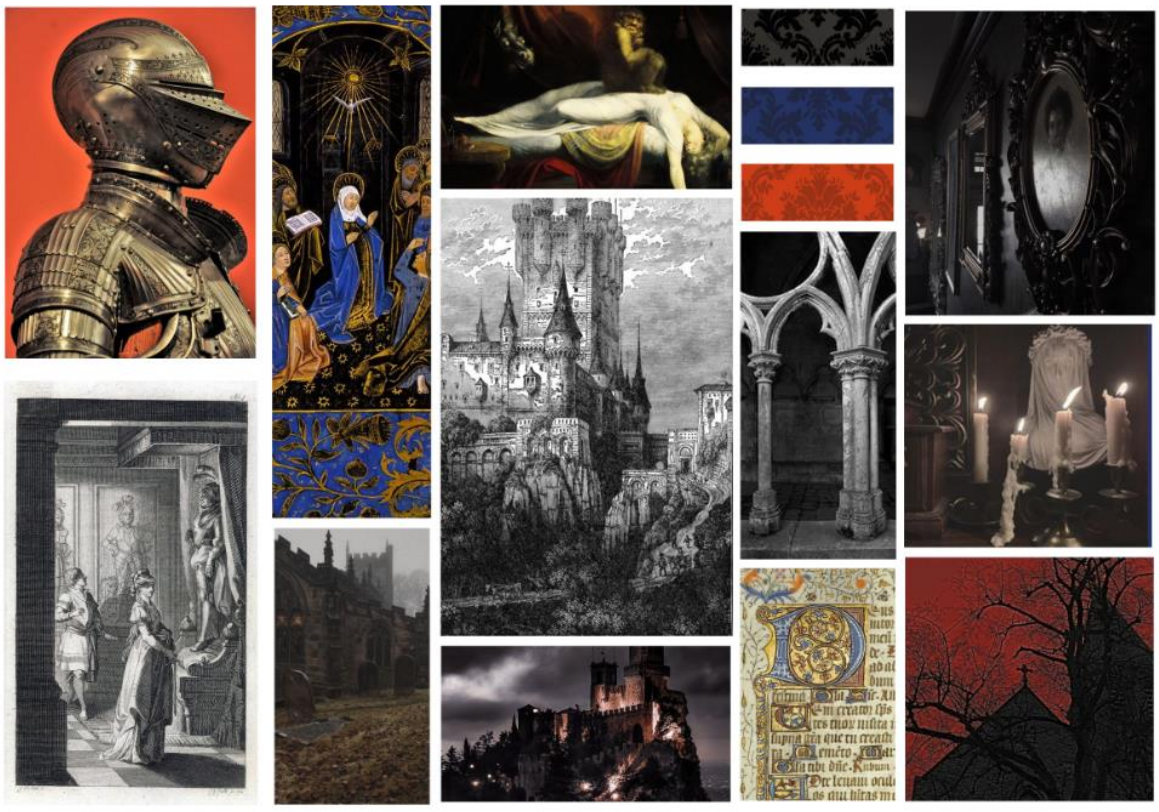
3) Requisitos opcionais
    - Lateral do livro colorida
    - Título em verniz

5.2 *Moodboard* do projeto

Um *moodboard*, ou painel semântico, é um mural que pode conter diversos elementos visuais com o objetivo de criar a visualização da ideia e a essência de um projeto. É um erro do criativo em acreditar que um bom briefing com perguntas é o suficiente para orientar o processo de criação (MORAIS, Jaider, 2019).

O painel na figura 21 foi criado levando em consideração as pesquisas históricas e análises para encontrar a essência do visual medieval-gótico que vai percorrer as ilustrações e os ornamentos, buscando texturas, formas e sensações.

Figura 21 — Moodboard do projeto



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

6 MODELAÇÃO INICIAL

Nesta etapa inicia-se a produção dos modelos iniciais até os modelos intermediários do projeto. Quando necessários, pode ser usado técnicas e métodos de criatividade. Aqui há uma certa liberdade ao profissional para decidir a melhor solução para alcançar os objetivos. (Matté, 2004)

6.1 Espelho e estrutura do livro

Para a editora Letra Capital (2019), o conteúdo de um livro varia de acordo com o autor, mas o projeto gráfico possui uma sequência consagrada de organização de elementos que fazem parte do livro, sendo elas: pré-textuais, textuais e pós-textuais. E para Juliano Loureiro (2020), os livros não precisam ter todos os elementos que fazem parte da estrutura, já que tudo depende do objetivo e valor gasto no processo.

Antes dos elementos internos, o primeiro contato do leitor com o livro será através dos elementos externos, que não compreendem as folhas de leitura e tudo que se pode ver com o livro fechado (LOUREIRO, JULIANO. 2020).

Figura 22 — Estrutura de um livro

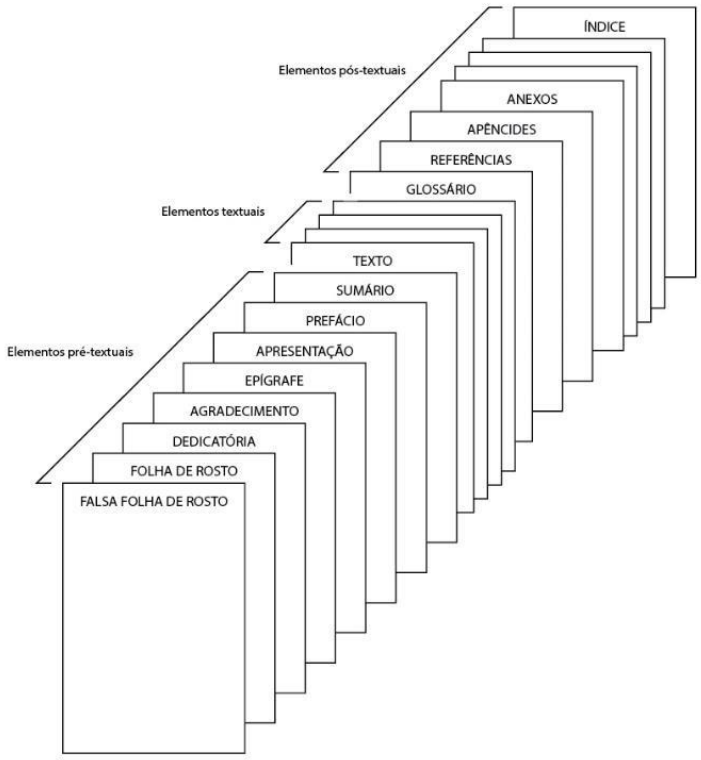
Fonte: Tag Livros (2017)

Um livro possui ao todo quatro capas. A primeira seria o cartão de visitas, onde aparecem as principais informações: título, autor, editora e elementos gráficos. A segunda capa é a oposta à primeira. A quarta capa, ou contracapa, geralmente traz um resumo do livro, código

de barras e depoimentos. E a terceira capa é a oposta à quarta, como mostra a figura 22. (LOUREIRO, JULIANO. 2020).

Considerando que o trabalho será em capa dura, será feita uma folha de guarda, que para Juliano Loureiro (2020) serve para unir a capa e o miolo do livro, junto de um design diferenciado que dá um detalhe extra na edição. A folha de guarda está presente apenas em livros com capa dura. A parte interna que pode ser vista na figura 23, também conhecida como miolo, é o conjunto de páginas que compõem a obra. Na área pré-textual serão utilizadas as páginas de folha de rosto, que geralmente possuem o nome do livro. A ficha catalográfica, onde contém informações bibliográficas sobre a obra. E o Sumário, que organiza os capítulos do livro. Na parte Pós-textual será criada uma área com um resumo sobre o autor.

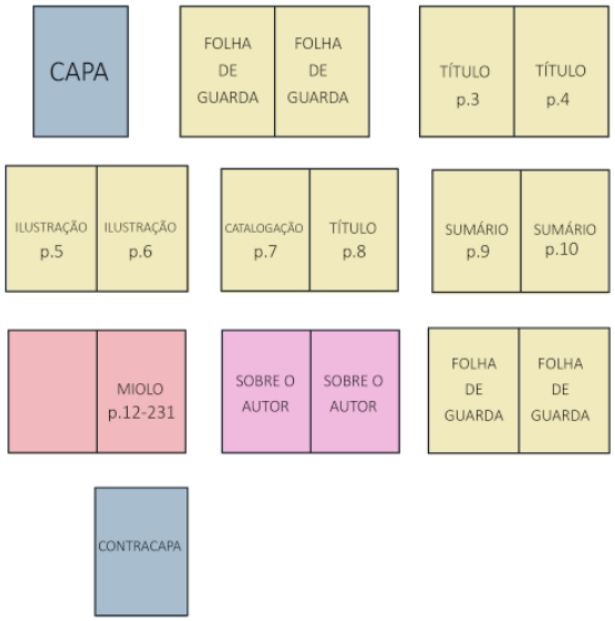
Figura 23 — Estrutura interior de livro



Fonte: Editora Letra Capital

A melhor forma de visualizar a organização do livro do projeto é com o uso de um espelho editorial que pode ser visto na figura 24:

Figura 24 — Espelho editorial



Fonte: Desenvolvido pelo autor

No quesito de materiais, o miolo pode ser feito de papel offset, pólen, couché ou jornal. Enquanto que na capa pode ser usada couché de maior gramatura, papel supremo ou cartão triplex. (LOUREIRO JULIANO. 2020).

O papel do miolo escolhido foi o pólen 80g, por ser um papel amarelado que dá maior conforto visual na leitura, geralmente encontrada em livros de luxo. O efeito amarelado também remete à antiguidade, o que beneficia o livro do projeto. Já a capa, foi escolhido o papel paraná 2 mm, que é um papelão rígido que serve bem a este propósito. A capa será impressa em papel couché fosco 150g e será revestida pelo paraná.

6.2 Ilustrações de capa e do miolo

Uma boa ilustração não é necessariamente uma boa capa para um livro. Não adianta ter uma capa incrível no lado artístico, mas que não vende. A capa, em primeiro lugar, é uma propaganda. Deve existir um balanço, e fazer escolhas que fazem sentido mais pro lado do negócio, e não do estético (PANEPINTO, Lauren, 2017)

Para Panepinto (2017), as recomendações para a criação de ilustrações para capa de livro podem ser resumidas em:

- Composições simples, com o elemento mais importante no centro.
- Hierarquia visual com um grande ponto focal.
- Controle do caminho que o olho faz entre os pontos focais.
- Silhuetas fortes e o uso gráfico do espaço negativo.

Uma capa precisa atrair os olhares e fisgar o possível leitor, pois é um mercado altamente competitivo e com foco no visual. Ela também precisa ser visualmente interessante em um tamanho pequeno quando colocada em sites ou vistas à distância, como pode ser visto na figura 25. Não é necessário que a pessoa entenda a imagem, mas ela tem que ficar interessada pelo uso de cores fortes, formas e silhuetas (PANEPINTO, Lauren, 2017)

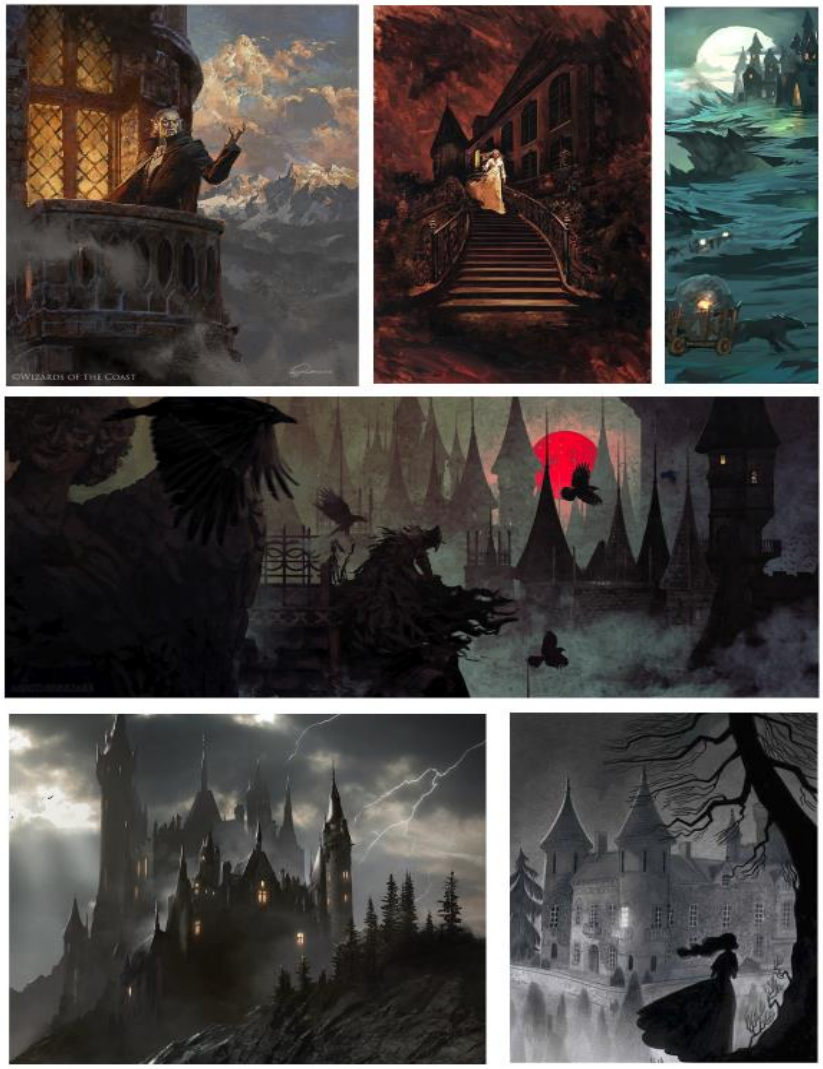
Figura 25 — Demonstração de capas de livros em miniaturas

Fonte: Lauren Panepinto (2017)

Pegando influência dos livros mais antigos estudados na etapa de pesquisa, foi pensado em uma ilustração mais pro lado do realista, com nível de detalhamento elevado e o uso de luz e sombra que cria a forma e dá a sensação do tridimensional, diferente das tendências da atualidade com peças mais gráficas ou minimalistas. Isso se deu por uma das falas do autor do livro trabalhado, Horace Walpole (1765) onde na introdução ele propôs juntar as ideias atuais com as antigas para criar a história. Essa foi uma ideia levada para o design do livro.

O seguinte *moodboard* na figura 26 teve como objetivo definir o estilo da ilustração, o nível de detalhe, de textura, e qual os elementos e emoções seriam passadas:

Figura 26 — Moodboard da capa



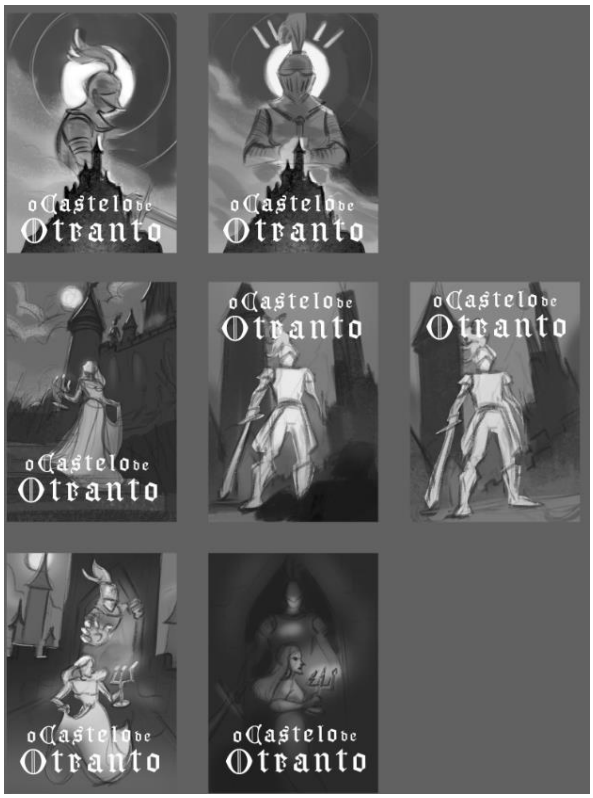
Fonte: Desenvolvido pelo autor

O processo de ilustração se iniciou com a geração de ideias no papel, conforme a figura 27, que foram refinadas no digital, vista na figura 28 . Foi deixada as ideias fluírem sem a necessidade de ilustrar alguma cena da história em específico, apenas pensando na essência do livro e no visual gótico. O título do livro foi colocado com uma fonte provisória como guia para ser visualizada na composição da peça. Nessa etapa também foi levado em consideração as ideias dos elementos de uma boa capa da diretora de arte Lauren Panepinto.

Figura 27 — Rascunho da capa no papel

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 28 — Rascunho da capa no digital



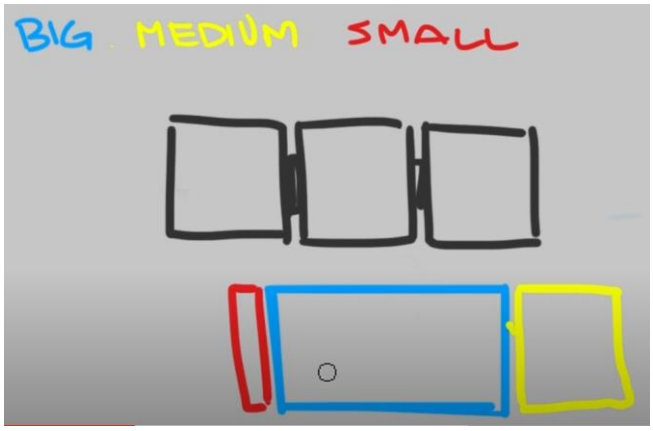
Fonte: Desenvolvido pelo autor

A decisão do rascunho escolhido se deu pelo impacto visual e por ter chego mais próximo de uma cena existente na história. A imagem se baseia na personagem Matilda, que ficará no centro da composição, fugindo do castelo, que será uma silhueta. A lua no topo servirá de fonte de iluminação mais forte, e a segunda fonte de iluminação será as velas do candelabro. O rosto dela e os pontos de iluminação serão os pontos focais da arte. A visão sobe do título para a personagem, dela para a lua, e da lua de volta para a personagem, deixando a composição centralizada.

O tamanho dos elementos foi organizado com a teoria de design de grande, médio e pequeno, representada na figura 29. Para Sinix Design (2017), bons designs podem ser divididos entre formas grandes, médias e pequenas, e o uso inteligente dessas formas criam um apelo visual dentro da composição. Quando tudo tem o mesmo tamanho, pode ficar bem desinteressante. “Nosso cérebro ama ordem, então é encontrado na hierarquia de formas esse apelo básico” (SINIX, 2017).

É possível ver na figura 30 o processo de organização dos elementos por tamanho sugerido por Sinix (2017), onde o castelo em azul é maior, a personagem é em tamanho médio e a luz é o tamanho menor.

Figura 29 — Representação da teoria de grande, médio e pequeno



Fonte: Sinix Design, 2017

Figura 30 — Análise da composição

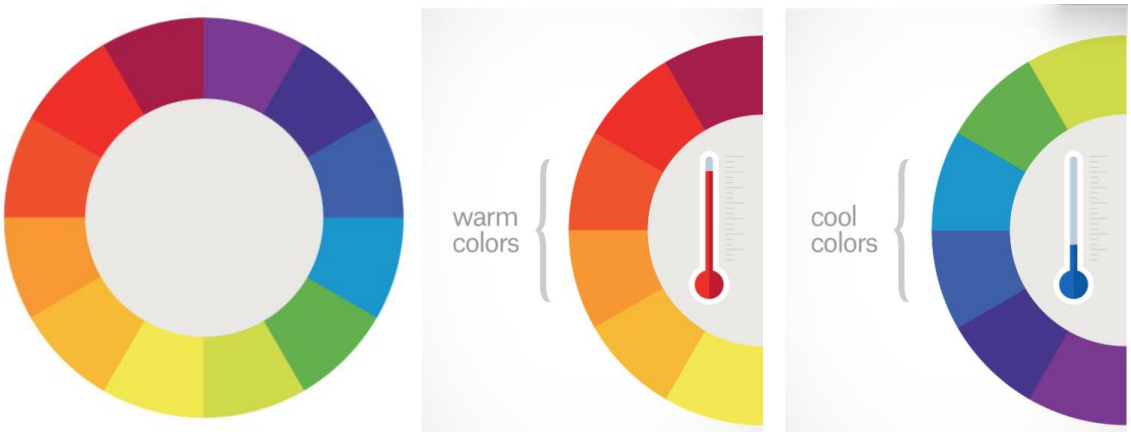
Fonte: Desenvolvido pelo autor

A próxima etapa foi o teste de cores buscando atingir ainda mais o impacto visual e a sensação aterrorizante. Para isso, foram utilizados os conceitos da teoria das cores.

A teoria das cores explica como os humanos percebem cores e os efeitos visuais que elas possuem. Também envolve a mensagem que a cor comunica. (DECKER, Kris. 2017).

De acordo com Decker (2017), na teoria das cores, elas são organizadas em uma roda e agrupadas em três categorias — primárias, secundárias e terciárias. As primárias são vermelho, amarelo e azul. As secundárias surgem com a combinação das primárias, criando verde, laranja e roxo. Já as terciárias são a mistura das primárias com as secundárias, criando uma infinidade de cores. Se dividir o círculo com uma linha no meio, irá separar as cores em quente e frias, conforme a figura 31.

Figura 31 — Roda de cor



Fonte: Kris Decker, 2017

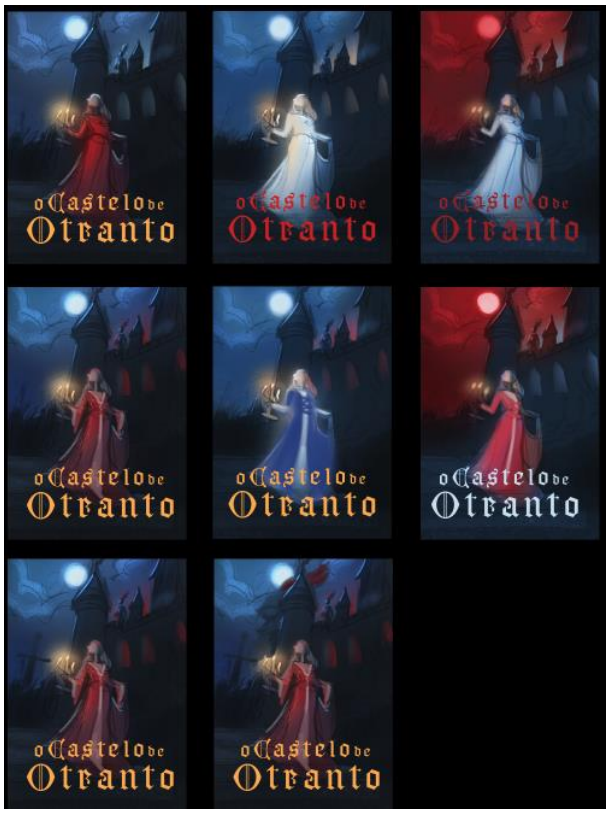
Dentro da teoria, existem os esquemas de cores que ajudam na decisão de quais cores usar através da harmonia e contraste. São divididos em cores complementares, que são as cores opostas na roda. Análogas, que ficam próximas umas das outras. E triádicas, que são espaçadas igualmente, como mostra a figura 32:

Figura 32 — Esquemas de cores

Fonte: Kris Decker, 2017

As cores escolhidas foram tons de azul, vermelho e amarelo. O azul domina o céu e o ambiente, o vermelho, por ser uma cor quente que chama a atenção, fica no vestido da personagem. O amarelo vem das velas, que ajudam a iluminar o vestido e o rosto, conforme a figura 33. A iluminação foi pensada de forma que o castelo ficasse escuro, criando um espaço negativo atrás dela que separasse o foco do fundo e melhorasse a visualização da personagem, e que acaba criando um respiro na composição. Dessa forma existe um contraste entre o quente e o frio, assim como luz e sombra.

Figura 33 — Teste de cores



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Com todas as decisões criativas consideradas, iniciou a etapa de produzir a capa no tamanho original. O primeiro passo foi utilizar as linhas para definir as formas.

Para Justin Morales (2020), um bom design simplesmente não acontece. O designer precisa escolher os elementos como cor, formas e tipografias de forma estratégica. Tudo isso tem um impacto em como as pessoas vão perceber e se engajar com uma peça. De acordo com Morales (2020), esses elementos são:

Linha: O elemento mais básico, sendo dois pontos conectados. Podem ser curvos ou retos, finos ou grossos. Ajudam a direcionar o olhar do observador para o ponto focal.

Formas: Elas podem ser geométricas, como quadrados, triângulos e círculos. Ou orgânicas, como flores, folhas e animais. As formas ajudam a enfatizar uma área da composição.

Cores: É uma ferramenta forte para criar e estabelecer uma sensação e um significado. Ela pode servir sozinha, como plano de fundo ou chamar atenção para outros elementos.

Tipografia: Além de levar uma mensagem, ela também pode transmitir um estado de espírito e um tom para o seu design. Também serve para criar hierarquia visual.

Textura: Se refere na forma em como uma superfície é sentida, ou no caso do design digital, como ela poderia ser sentida. Ela cria dinamismo, apelo visual e profundidade no design.

Espaço: Se refere à área acima, abaixo, ao redor ou atrás de um objeto. Pode ser dividido pelo positivo, que é o ponto de interesse, e o negativo, que é o plano de fundo. Ajuda a simplificar o design e melhorar a leitura da composição.

Apesar da ilustração e do design gráfico usarem técnicas diferentes, seus conceitos são intrínsecos e muitas vezes para atingir o mesmo objetivo. Passar uma informação, sensação e história através de imagens.

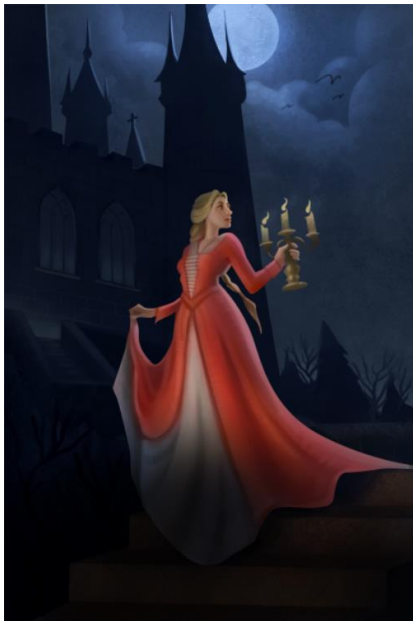
Após a definição das formas que melhor beneficia a composição, a imagem foi colocada em tons de cinza para melhor enxergar o contraste de luz e sombra antes da colorização, que pode ser vista na figura 34. Quando se trabalha com imagens de muitos detalhes, é fácil se perder na leitura e clareza. Foi usada a técnica de “apertar os olhos” proposto por Rob Court (2018) para ver tudo desfocado e simplificar a imagem. A etapa final é a renderização e o refino da imagem.

Figura 34 — Teste de valores e simplificação

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Após aplicar a cor base nos materiais, viu-se a necessidade de sombrear a parte de baixo para não criar muito ruído onde vai ficar o título e dificultar a legibilidade, visto na figura 35.

Figura 35 — Aplicação de cor base



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Para as ilustrações dentro do livro, foi levado maior liberdade artística, sem a preocupação que elas precisam ter o mesmo peso que a capa. Elas foram pensadas para antecederem os capítulos, e serão representações do que virá na história.

A principal influência visual foi a técnica da gravura, conforme a figura 36. Ela se baseia na produção de estampas com chapas metálicas com o uso de um objeto cortante. Foi uma técnica muito utilizada por pintores no século XV. (HODGE, Susie. p.206)

Levando em consideração o prazo do projeto, as ilustrações foram pensadas para serem mais simples, com bastante uso de formas básicas e com linhas e texturas. Tentando atingir uma estética mais gráfica.

Figura 36 — Moodboard das ilustrações dos capítulos

Fonte: Desenvolvido pelo autor

A geração de ideias começou na mídia física, explorando como seriam representadas certas partes da história, conforme a figura 37. Não podiam revelar nada de importante, mas também precisavam instigar o leitor.

Figura 37 — Rascunho das ilustrações

Fonte: Desenvolvido pelo autor

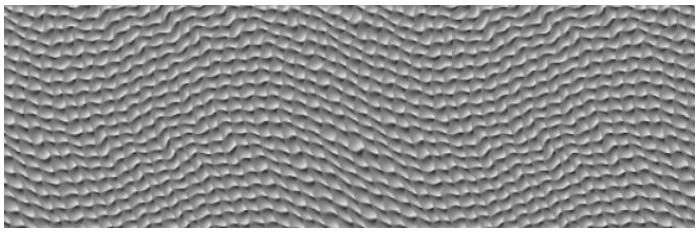
Decidido as imagens de cada capítulo, foram feitas as formas de cada elemento do desenho, como pode ser visto na figura 38. Separados por diferentes tons de cinza para melhor visualização e dar uma leve ideia de onde seria a iluminação.

Figura 38 — Rascunho das ilustrações no digital

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Foi criado uma textura para ser aplicada em cima das ilustrações dos capítulos que simulam a técnica de gravura, como pode ser visto na figura 39:

Figura 39 — Textura criada para as ilustrações

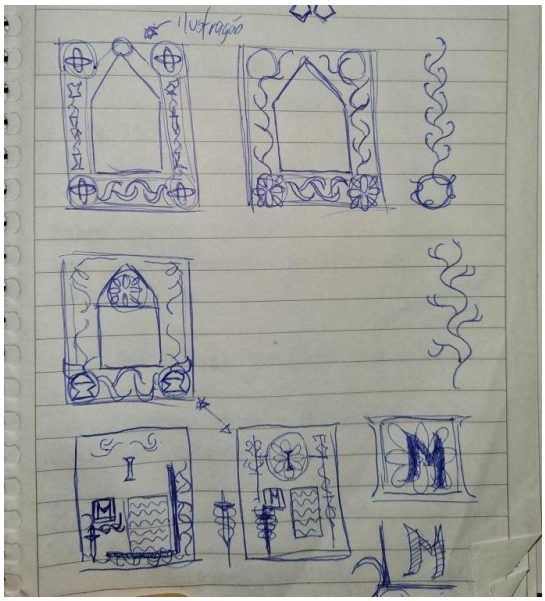


Fonte: Desenvolvido pelo autor

6.3 Elementos Gráficos

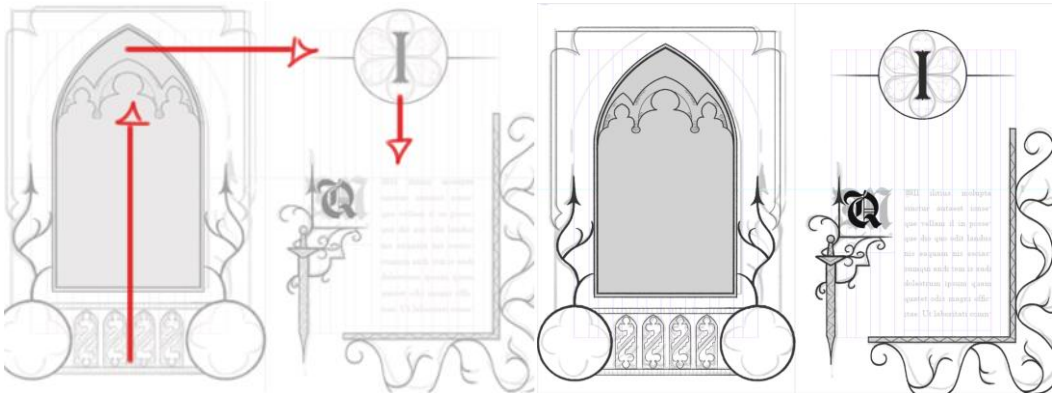
A moldura que abre os capítulos foi pensada de forma que remete ao manuscrito iluminado, com um design um pouco mais limpo, com uso de linhas e elementos que remetem ao gótico. Também foi usado como inspiração as fotos tiradas na igreja do Santíssimo e da Santa Teresinha de Lisieux para a criação de alguns padrões e formas: a janela redonda com uma rosa, o corrimão e os arcobotantes. Diferente das análises, onde as iluminuras possuem uma área de imagem e texto mais perto da costura do livro, foi decidido deixar centralizado para melhor conforto de leitura e distribuição dos elementos, adaptando para o contexto de abertura do capítulo, conforme a figura 41.

Figura 40 — Rascunho da moldura



Fonte: Desenvolvido pelo autor

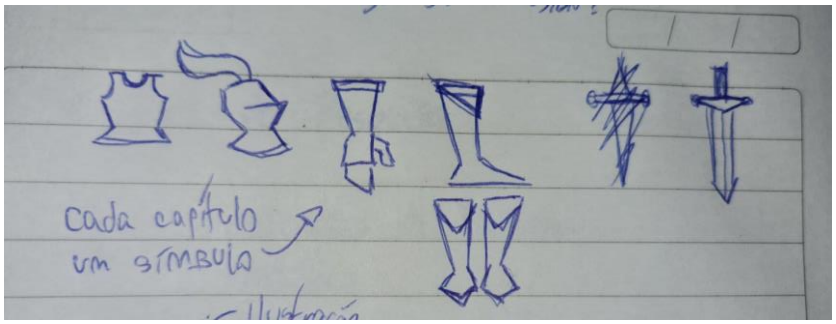
Figura 41 — Desenvolvimento da moldura



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Viu-se a necessidade da criação de alguns ícones, podendo ser vistos nas figuras 42 e 43, para dar mais detalhe e identidade ao projeto. Foi pensado em utilizar as partes de uma armadura medieval para que diferenciem cada capítulo. Os ícones vão ficar tanto na moldura quanto no sumário.

Figura 42 — Rascunho dos símbolos



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 43 — Rascunho digital dos símbolos

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Após os rascunhos, foi feito o refino dos ícones em vetor, conforme a figura 44.

Figura 44 — Refino dos símbolos

Fonte: Desenvolvido pelo autor

6.4 *Grids*

Grid é um dos elementos fundamentais no design, sendo usado para quase tudo dentro da área. É um esqueleto dos projetos que auxilia na criação, com a principal função de organizar as informações dentro de uma estrutura. (ARTY, David, 2018)

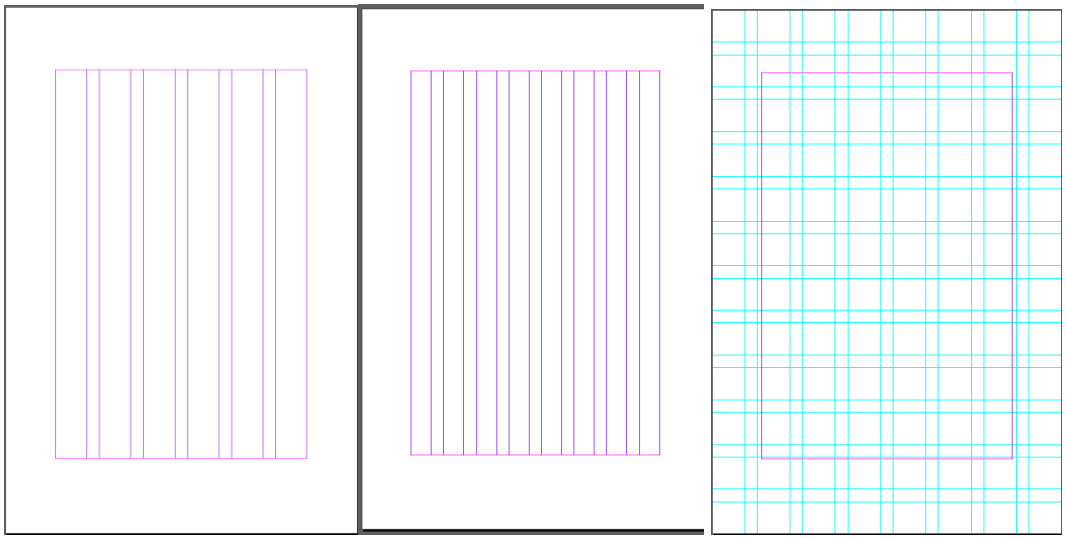
De acordo com David Arty (2018), cada parte de um grid tem um nome e uma função, sendo elas:

- **Margens:** Espaço entre o limite da página e o início do conteúdo, auxiliando no manuseio e dando um respiro aos textos e imagens.
- **Guias Horizontais:** Faixas que quebram o espaço horizontalmente.
- **Colunas:** Estruturas verticais que criam divisões horizontais, e delimita o espaço entre as margens. A largura e a quantidade são da escolha do designer dependendo do tipo de projeto e dos objetivos.
- **Módulos:** Unidades que se formam da junção da coluna com a linha base.
- **Calhas (*gutter*)**: São os espaços de separação entre colunas e linhas.

Os grids podem ter múltiplas colunas. Quanto mais colunas utilizadas, maior a flexibilidade. Outro tipo de grid é o modular, que utiliza linhas verticais e verticais para criar módulos. Geralmente usada em projetos complexos. (ARTY, David, 2018)

Foram gerados três grids para teste, um com 6 colunas, outro com 8 colunas e um grid modular, todos com *gutter* 0,5 cm. Como visto na figura 45.

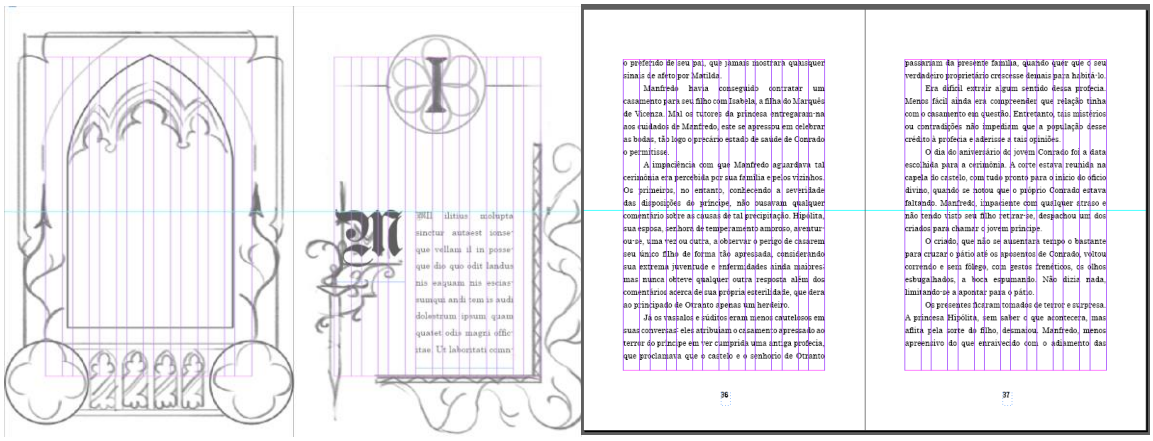
Figura 45 — Geração de Grids



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Quanto maior o número de colunas, maior é a liberdade do designer de criar o layout. Mas como grande parte do conteúdo é textual, com o uso de elementos apenas nas primeiras aberturas dos capítulos, foi escolhido o *grid* com 8 colunas — um meio termo das opções, que pode ser vista em aplicação na figura 46.

Figura 46 — Aplicação de *Grids*



Fonte: Desenvolvido pelo autor

A partir das análises prévias de livros similares, ficou definido que o livro terá 14cm x 21cm, já que o texto não é muito grande e ele se beneficiaria de um modelo menor. As margens laterais ficaram 2cm e a superior e inferior ficaram com 2,5cm.

5.5.5 Tipografia

Considerando a época em que o livro retrata, foi buscado fontes no estilo gótico para ser usados nos principais títulos, na capa e no miolo, conforme nas figuras 47 e 48.

Para o corpo do texto, se deu preferência por famílias tipográficas serifadas, que são pequenos traços que ocorrem no final das hastes da letra. Dessa forma a leitura acaba ficando fluida e facilitada, sendo ideal para leituras longas como livros e jornais. (ARTY, David, 2014). A serifa também dá a sensação de antigo, tradicional e sofisticação, o que combina com o projeto.

Figura 47 — Teste de tipografia para o corpo do texto

Fonte: Desenvolvido pelo autor

A fonte escolhida foi a Century. Dentre as três, ela foi a que mais preenche a página, sendo um pouco mais alongada, deixando a leitura mais dinâmica e confortável. Essa característica também ajudou ao livro ter mais páginas, já que é uma história curta

Figura 48 — Teste de tipografia para o título

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Foram escolhidas duas tipografias para o projeto: a Germânica que será usada no título e a fonte Rooters, que ficará para o nome do autor e que também será utilizada no interior do livro no número de início de capítulos, introdução e prefácio.

Figura 49 — Criação do título

Fonte: Desenvolvido pelo autor

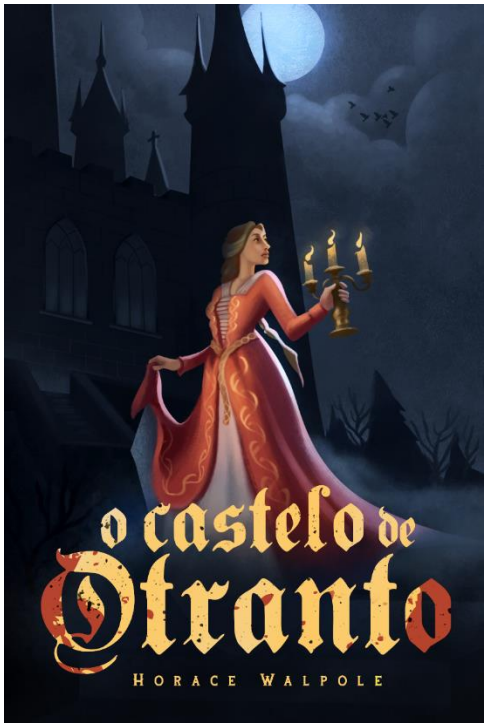
7 MODELAÇÃO FINAL

Para Matté (2004), esta etapa é o aprimoramento dos modelos atingindo o nível máximo do projeto. Será apresentado as escolhas finais e resultados obtidos da etapa anterior, a normatização e os *mockups*.

7.1 Capa e Ilustrações

Na figura 50 pode ser vista a capa já finalizada, com a renderização de materiais e a aplicação do título. O título pareceu um pouco vazio, então se viu a necessidade de adicionar uma textura e duas manchas vermelhas nas extremidades remetendo ao sangue — dando uma sensação de melodrama, que é um dos elementos dos romances góticos.

Figura 50 — Ilustração de capa finalizada



Fonte: Desenvolvido pelo autor

Por fim foi feita a preparação da capa para a impressão, conforme a figura 51. A contracapa foi feita com a reutilização do castelo, porém invertido na horizontal e mais simplificado, simulando o restante da ilustração principal. E a lombada, utilizando um dos ícones mostrados na etapa anterior como um símbolo de editora, o título em sua forma

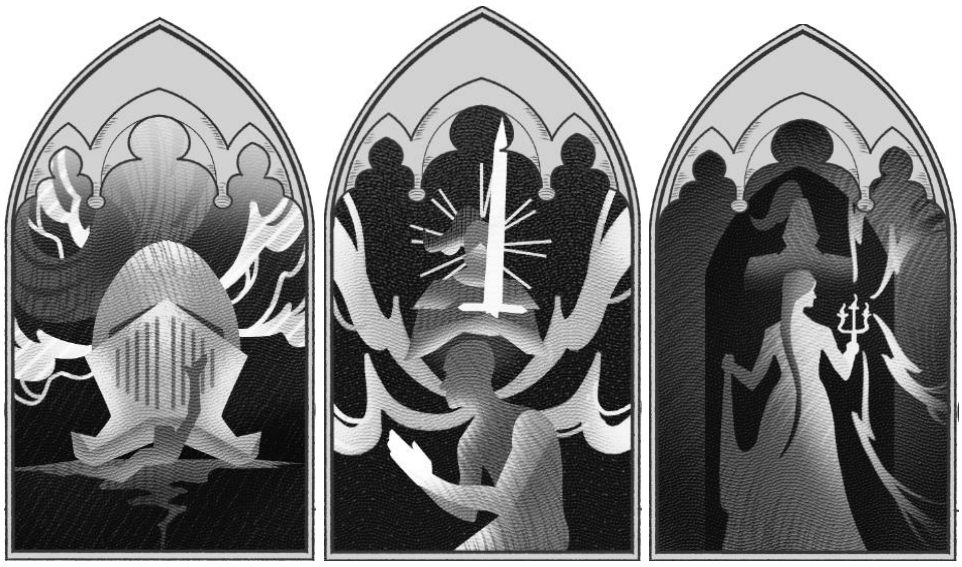
horizontal e um padrão floral. Conforme estipulado no desenvolvimento, as medidas são 14 cm de largura com 21 cm de altura, a lombada mede 2,6 cm.

Figura 51 — Preparação da capa para impressão

Fonte: Desenvolvido pelo autor

As ilustrações de capítulos tiveram uma maior definição de iluminação, e foram adicionados riscos na direção da luz e da ação para trazer um dinamismo. Por fim, foi aplicada a textura de gravura, como visto na figura 52 e 53.

Figura 52 — Ilustrações dos capítulos 1-3



Fonte: Desenvolvido pelo autor

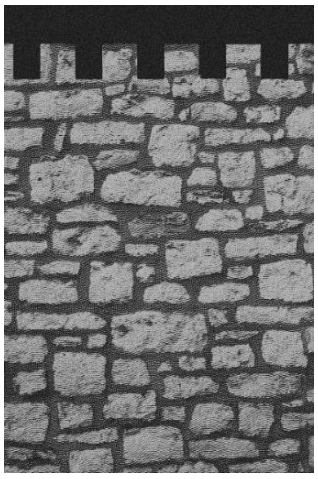
Figura 53 — Ilustrações dos capítulos 4-5

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

7.2 Miolo

A folha de guarda foi feita para simular uma parede de tijolos, conforme a figura 54. Foi aplicado a textura de gravura usada nas ilustrações para adquirir um efeito parecido, unificando os conceitos visuais. A ideia era criar a sensação de que o leitor está entrando em um castelo, já que é a primeira imagem vista após a capa.

Figura 54 — Folha de guarda



Fonte: Desenvolvido pelo autor

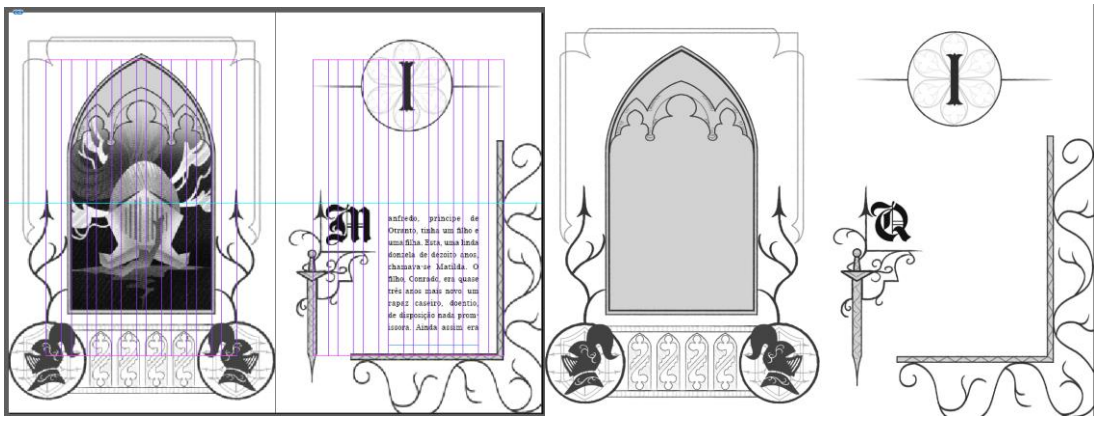
Foram criadas duas páginas introdutórias antes do conteúdo textual do livro. Uma delas foi uma página de título estilizado para introduzir o leitor, utilizando a mesma textura de gravura em um desenho de castelo e com a assinatura original do autor Horace Walpole. E foi utilizada uma das ilustrações de uma edição de 1824 feita por Anne Millicent Clarke, representando a cena inicial da história, que pode ser visto na figura 55.

Figura 55 — Página de título e ilustração

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Por fim, as molduras passaram por um processo de vetorização e a aplicação dos ícones em cada capítulo, conforme a figura 56.

Figura 56 — Finalização da moldura



Fonte: Desenvolvido pelo autor

7.3 Normatização

Para Matté (2004) A normatização é a descrição técnica das informações para a impressão do livro, como pode ser visto na figura 57.

Figura 57 — Normatização

Encardenação: Tela
Lombada: 2,6 cm
Tamanho: 14cm x 21cm
Capa: Capa dura de papel Paraná 2mm
Guarda: Impressa em CMYK 1x0 em papel Vergê 180 g
Impressão de capa: Impressa em CMYK 4x0 em Couché fosco 150 g
Impressão de miolo: Impressa em 1x1 Papel Pólen 80 g
Numero de Páginas: 232

Fonte: Desenvolvido pelo autor

7.4 *Mockup* do projeto

O *mockup* é uma simulação do projeto gráfico, representando de maneira clara e realista o formato, perspectiva, textura, cor e outras detalhes sem que ele tenha entrado em produção. (LEOCÁDIO, Rodrigo, 2020).

Figura 58 — Mockup capa

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 59 — Mockup capa e contracapa

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 60 — Mockup folha de guarda

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 61 — Mockup título

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 62 — Mockup ilustração Anne Millicent Clarke

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 63— Mockup sumário

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 64 — Mockup catalogação

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 65 — Mockup capítulo 1

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 66 — Mockup capítulo 2

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 67 — Mockup capítulo 3

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 68 — Mockup capítulo 4

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 69 — Mockup capítulo 5

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 70 — Mockup do texto

Fonte: Desenvolvido pelo autor

7.5 Boneco do Projeto

Foi feito um boneco que serve como protótipo, simulando o projeto gráfico aproximadamente em sua forma final.

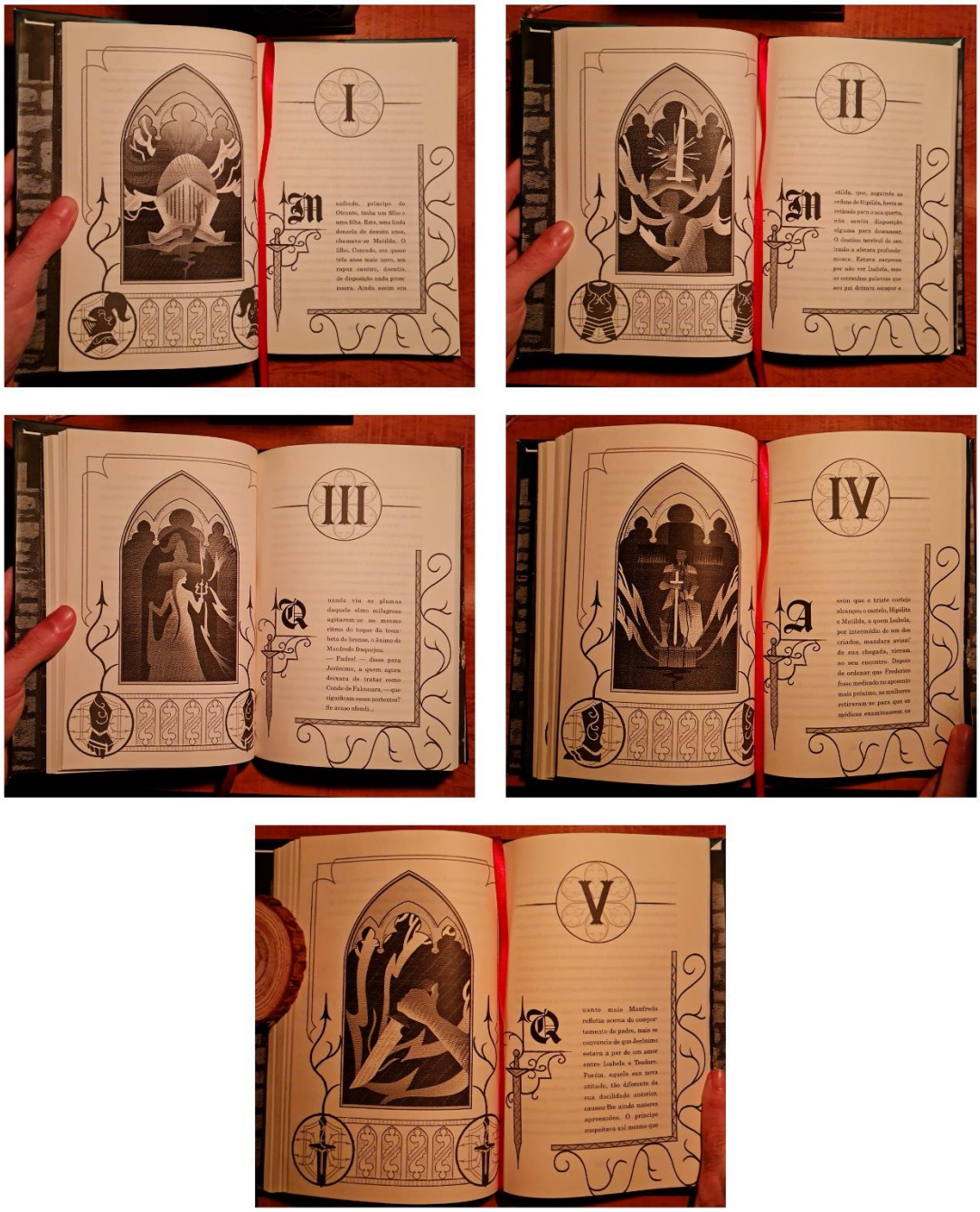
Figura 71 — Capa e contracapa do boneco

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 72 — Miolo do boneco

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Figura 73 — Capítulos no miolo do boneco



Fonte: Desenvolvido pelo autor

8 CONCLUSÃO

Existe um ditado na área criativa de que “nada se cria, tudo se copia”. É comum absorver o melhor de uma obra e desconstruí-la, adicionando novas vivências pessoais e elementos novos que dão um toque fresco em algo que já foi feito e reutilizado diversas vezes. Criando assim, uma infinidade de conteúdo. Só que tudo um dia teve um início, e algumas obras deixam marcas difíceis de apagar, e é muito difícil se distanciar do legado que elas deixaram.

Através da metodologia de Matté (2004), o seguinte projeto teve o objetivo de criar uma edição de luxo de O Castelo de Otranto do autor Horace Walpole. Um livro importante para a história da literatura e para a cultura pop, na qual suas influências do gênero criadas pelo livro podem ser sentidas até os dias atuais. Na ideia de que isso possa propagar conhecimento sobre uma história que não recebe o mesmo tratamento que outros clássicos que vieram depois.

Porém, para responder à pergunta se essa edição de luxo faria com o que as pessoas conhecessem essa história, o livro precisaria passar por um processo de marketing e comercialização através de uma editora com porte para custear o trabalho, o que não é a proposta do projeto. Em questão do prazo e da limitação financeira, que se mostraram dificuldades na realização do trabalho, se teve um foco maior na parte estética visual do livro, com uma melhor aplicação no digital do que na mídia impressa. Porém, os objetivos propostos foram atingidos.

Para um trabalho futuro, pode-se refinar o projeto em seu formato físico buscando maior qualidade, adicionar conteúdos visuais extras que complementem a leitura, e projetar alguma das outras ideias propostas no problema de pesquisa, trabalhando em mídias diferentes. E expandir o projeto, pensando em edições de outros livros importantes da literatura que são deixados de lado, tanto do gótico como de outros gêneros.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Silvio. **Livros de Literatura Fantástica fazem crescer o mercado editorial.** Publish News, 2015. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2015/08/06/livros-de-literatura-fantstica-faz-crescer-o-mercado-editorial> Acesso em: 12 de Maio de 2022.

ANGELIS, Chris. **Differences between Gothic and Horror (and Science Fiction)**. Home For Fiction, 2018. Disponível em:.<https://blog.homeforfiction.com/2018/01/07/differences-gothic-horror-science-fiction/>. Acesso em: 13 de Maio de 2022.

Art In Context. **Gothic Art – Key Concepts and Artworks of the Gothic Period.** Art In Context, 2022. Disponível em: <https://artincontext.org/gothic-art/>. Acesso em: 14 de Maio de 2022.

ARTY, David. **Guia sobre Grid no Design.** Chief Of Design, 2018. Disponível em: <https://chiefofdesign.com.br/en/grid-design/>. Acesso em: 6 de Junho de 2022.

ARTY, David.**Tipografia: Guia Sobre Tipos – Escolhendo a fonte certa [parte 01].** Chief Of Design, 2014. Disponível em: <https://chiefofdesign.com.br/tipografia/>. Acesso em: 6 de Junho de 2022.

Britannica, The Editors of Encyclopaedia. "**Gothic art"**. Encyclopedia Britannica, 2018, <https://www.britannica.com/art/Gothic-art>. Acesso em: 26 de abril de 2022.

Britannica, The Editors of Encyclopaedia. "**Illuminated Manuscript"**. Encyclopedia Britannica, 2020, < https://www.britannica.com/art/illuminated-manuscript >. Acesso em: 26 de abril de 2022.

COURT, Rob. **WHEN THE DRAWING GETS TOUGH—SQUINT!.** The Inscribbles Institute, 2018. Disponível em: <https://scribblesinstitute.com/when-the-drawing-gets-tough-squint/> Acesso em: 2 de Junho de 2022.

DECKER, Kris. **The fundamentals of understanding color theory.** 99design, 2017. Disponível em: <https://99designs.com.br/blog/tips/the-7-step-guide-to-understanding-color-theory/>. Acesso em: 2 de Junho de 2022.

Elif Notes. Gothicism in Literature. Elif Notes, 2022. Disponível em: <https://elifnotes.com/gothicism-in-literature/>. Acesso em: 13 de Maio de 2022.

Fala Universidades. **Filme de terror, horror ou suspense? Entenda as diferenças**. Fala Universidades, 2019. Disponível em: <https://falauniversidades.com.br/filme-de-terror-horror-ou-suspense-entenda-as-diferencas/> Acesso em: 26 de abril de 2022.

FIALHO, Luise. **Quais são as partes de um livro?** Tag Livros, 2017. Disponível em: < https://www.taglivros.com/blog/quais-sao-as-partes-de-um-livro/>. Acesso em 5 de Junho de 2022.

HARRIS, Robert. **Elements of the Gothic Novel**, 2019.

HODGE, Susie. **Breve História da Arte**. 1ª edição. São Paulo : Olhares, 2021

LEOCÁDIO, Rodrigo. O QUE É MOCKUP – DESCUBRA O QUE É E QUAIS AS PRINCIPAIS APLICAÇÕES. Futura Express, 2020. Disponível em: <https://www.futuraexpress.com.br/blog/o-que-e-mockup/>. Acesso em 5 de Junho de 2022

Letra Capital. **Estrutura do livro – como a publicação deve ser organizada**. Letra Capital, 2019. Disponível em: <https://www.letracapital.com.br/estrutura-do-livro-como-a-publicacao-deve-ser-organizada/>. Acesso em: 5 de Junho de 2022

LIRA, Mylena. **Brasileiros lendo mais! Editoras comemoram crescimento do setor de livros e apostilas.** Jcconcursos, 2022. Disponível em: <https://jcconcursos.com.br/noticia/brasil/brasileiros-lendo-mais-editoras-comemoram-crescimento-do-setor-de-livros-e-apostilas-91129>. Acesso em: 12 de Maio de 2022.

Literary Terms. **Horror**. Literary Terms, s.d. Disponível em: <https://literaryterms.net/horror/>. Acesso em: 13 de Maio de 2022.

LOUREIRO, Juliana. **Quais são as partes que compõem um livro?** Livro Bingo, 2020. Disponível em: <https://www.livrobingo.com.br/quais-sao-as-partes-que-compoe-um-livro>. Acesso em: 5 de Junho de 2022.

MARK, Joshua. **Twelve Greatest Illuminated Manuscripts.** World History, 2018. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/article/1185/twelve-greatest-illuminated-manuscripts/>. Acessado em: 16 de Maio de 2022

MASTERS, Kristin. **A brief history of horror literature**. Books Tell You Why, 2013. Disponível em: <https://blog.bookstellyouwhy.com/-a-brief-history-of-horror-literature> Acesso em: 16 de abril de 2022.

MORAIS, Jaider. **Entenda o que é MoodBoard e como essa ferramenta pode ajudar no seu projeto.** Design com Café, 2019. Disponível em: <https://designcomcafe.com.br/moodboard/>. Acesso em: 20 de Maio de 2022.

MORALES, Justin. **What Are The 6 Elements of Design?**. Xd Adobe, 2020. Disponível em: <https://xd.adobe.com/ideas/process/ui-design/6-elements-design/>. Acesso em: 1 de Junho de 2022.

MOURA, Paulo. **Darkside Book: Conheça a editora mais sombria do Brasil**. Hypeness, 2018. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2018/03/darkside-books-conheca-a-editora-mais-sombria-do-brasil/>. Acesso em: 12 de Maio de 2022.

PLASTINA, Mauro. **A origem do terror – Linha do tempo**. Mauro Plastina. Disponível em: <https://mauroplastina.com/origem-do-terror/>. Acesso em: 25 de abril de 2022.

PRATA, João. **Em tempos sombrios do mercado editorial, a Darkside faz uma aposta certeira no terror.** Draft, 2017. Disponível em: <https://www.projetodraft.com/em-tempos-sombrios-do-mercado-editorial-a-darkside-faz-uma-aposta-certeira-no-terror/>. Acesso em: 12 de Maio de 2022.

SANCTUÁRIA. Igreja do Santíssimo Sacramento e Santa Teresinha – Porto Alegre, rio Grande do Sul. Sanctuaria, 2015. Disponível em: < https://sanctuaria.art/2015/08/18/igreja-do-santissimo-sacramento-e-santa-teresinha-porto-alegre-rs/>. Acesso em: 17 de Maio de 2022.

SINIX DESIGN. **Design Theory: Big Medium Small.** 2017. (8 min. 34 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZluGXgpdJj4>. Acesso em: 12 de Maio de 2022

STEWART, Jessica; RICHMAN-ABDOU, Kelly. **What We Can Learn From the Exquisite History and Ornate Aesthetic of Gothic Architecture.** My Modern Met, 2022. Disponível em: <https://mymodernmet.com/gothic-architecture-characteristics/> . Acesso em: 14 de Maio de 2022.

TEARLE, Oliver. **Origins Of Gothic Literature**. Interesting Literature, 2020. Disponível em: <https://interestingliterature.com/2012/12/origins-of-gothic-literature/> . Acesso em: 10 de Maio de 2022.

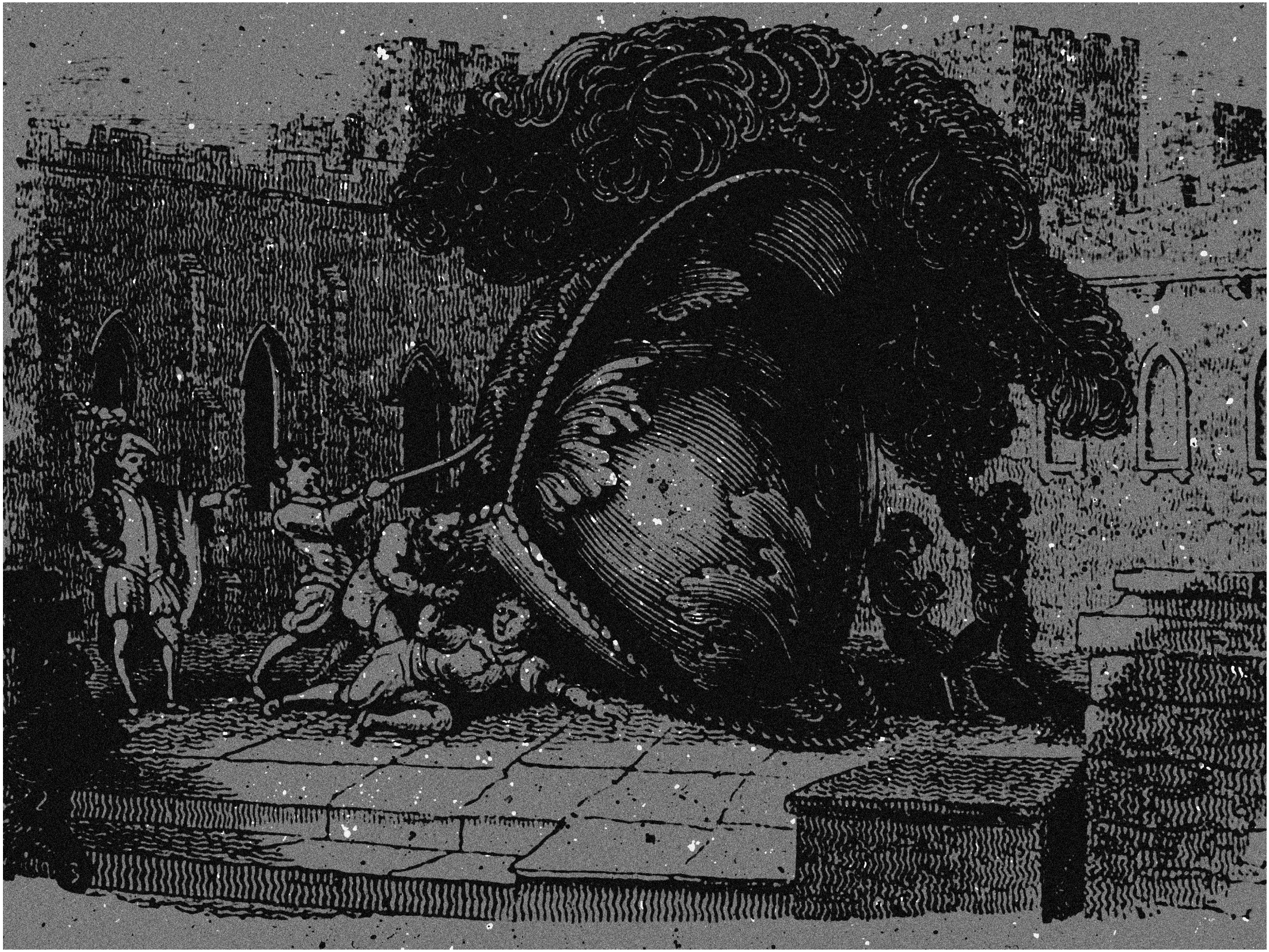
TEARLE, Oliver. **The First Gothic Novel**. Interesting Literature, 2020. Disponível em: <https://interestingliterature.com/2014/04/the-first-gothic-novel/> . Acesso em: 10 de Maio de 2022.

The Gothic Library. **The History of Horror**. The Gothic Library, 2017. Disponível em: <https://www.thegothiclibrary.com/the-history-of-horror/>. Acesso em: 25 de abril de 2022.

WALPOLE, Horace. **O Castelo de Otranto**. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

APÊNDICE A — Modelação Final do miolo do livro O Castelo de Otranto

O castelo de Otranto
Horace Walpole



O castelo de Otranto

Este trabalho contêm a tradução da Editora Nova Alexandria Ltda. O autor do projeto não tem interesse de comercialização, utilizando o texto da obra apenas como base.

© Copyright, 2022. Editora Thisou Ltda.
Todos os direitos reservados.
Título Original: The Castle of Otranto

Capa e Projeto Gráfico
Thiago Souza

Editor
Luiz Baggio Neto

Tradução
Alberto Alexandre Martins

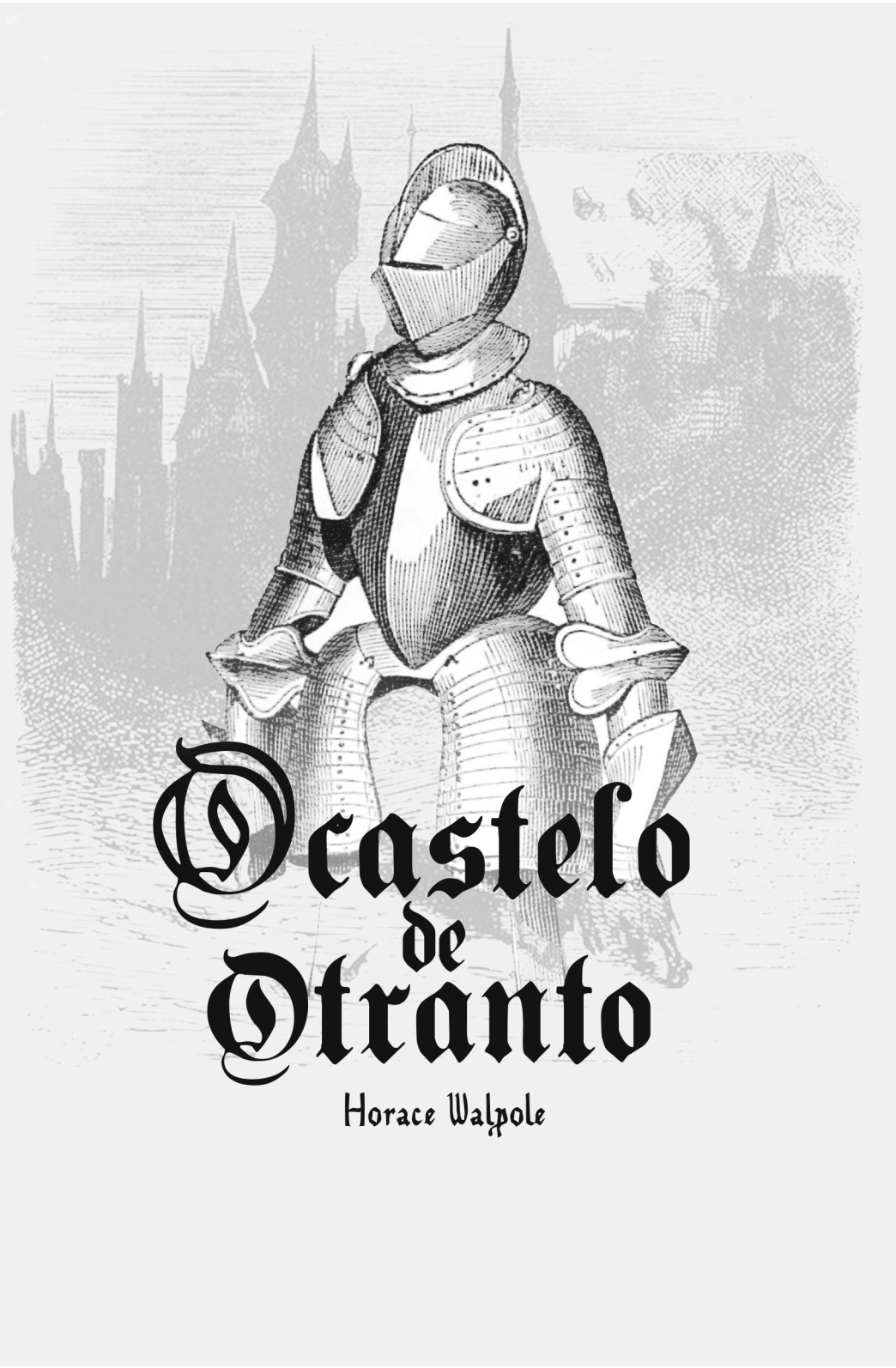
Preparação de Originais
Carla C.S. de Mello Moreira

Revisão
Márcia Cruz Nóboa Leme

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Walpole, Horace (1717-1797)
O Castelo de Otranto / Horace Walpole;
000p

Créditos das Ilustrações

Death of Conradunder the helmet of Alfonso the Good, Castle of Otranto
1824. Courtesy of the Bodleian Libraries, University of Oxford. British Libary.
Beaucé, Vivant 1818-1876 Recueil d'ornements. Sir Thomas Lawrance, 1795.



O castelo de Otranto

Horace Walpole

Sumário

I .35

II .79

III .121

IV .161

V .199

Prefácio

Para a primeira edição

A presente obra foi descoberta na biblioteca de uma antiga família católica, no norte da Inglaterra. Foi impressa em Nápoles, em letras góticas, no ano de 1529. Não consta quanto tempo antes teria sido escrita. Os incidentes principais são tais que parecem situar-se nos tempos mais obscuros do cristianismo; mas a linguagem e a atitude não têm nada que favoreçam o barbarismo. Seu estilo é do mais puro italiano. Se o texto foi escrito de fato numa época próxima da que se supõe tenha ocorrido a história narrada, deve ter sido entre 1095, tempo da primeira cruzada, e 1243, data da última, ou não muito depois disso. Não há nenhuma outra circunstância na

obra que possa levar-nos a descobrir o período em que se passam as cenas. Os nomes das personagens são evidentemente fictícios e, provavelmente, foram disfarçados intencionalmente. Ainda assim as designações espanholas dos criados parecem indicar que o livro não foi redigido antes do estabelecimento dos reis de Aragão em Nápoles, que tornaram os nomes espanhóis comuns em toda a região. A beleza da dicção e o cuidado do autor (moderados, entretanto, por seu juízo singular) levam-me a pensar que a data da composição antecedeu em muito pouco tempo a da impressão. A literatura passava então por um de seus períodos mais florescentes na Itália e muito contribuiu para disseminar o império das superstições, àquela altura tão atacado pelos reformistas. Não é improvável que um padre habilidoso tenha se esforçado por voltar as suas próprias armas contra os renovadores; e pudesse ter se servido de seus talentos para reafirmar no populacho suas antigas crendices e superstições. Se era essa sua intenção, ele realmente atingiu seus objetivos. Uma obra como esta fala tão de perto a centenas de mentes simplórias muito mais do que metade dos livros teóricos que foram escritos desde os dias de Lutero até hoje.

Tal interpretação dos motivos do autor não passa

entretanto de mera conjectura. Quaisquer que sejam seus pontos de vista, ou quaisquer que tenham sido os efeitos de sua execução, tal obra só pode ser apresentada ao público, hoje em dia, como um fato de entretenimento. Mesmo assim, alguma justificativa é necessária. Milagres, visões, adivinhações, sonhos e outros eventos sobrenaturais foram banidos atualmente até mesmo dos romances. O mesmo não se dava quando nosso autor estava escrevendo; muito menos quando a história estaria supostamente se passando. A crença em todas as espécies de prodígios era tão enraizada naquela idade de trevas, que um autor não seria fiel aos costumes da época se omitisse toda menção a eles. Ele próprio não é obrigado a acreditar, mas deve retratar suas personagens como se essas acreditassem.

Se se desculpa essa atmosfera repleta de maravilhoso, o leitor não encontrará mais nada indigno de sua atenção. Admitida a possibilidade dos fatos, todas as personagens se comportam como pessoas que fariam o mesmo na mesma situação. Não há nada bombástico, nem falsidades, floreios, digressões ou descrições desnecessárias. Tudo aí aponta diretamente para a catástrofe. A atenção do leitor não descansa nunca. As leis do drama são observadas praticamente durante toda

a peça. As personagens são bem desenhadas e sustentadas ainda com maior perícia. O medo, o principal agente desse autor, evita que a história se esvaneça em qualquer momento; e é tão frequentemente contrastado com cenas de grande compaixão, que a mente permanece alerta, em constante mudança de intensas paixões.

Alguns podem talvez pensar que as personagens dos servos são muito pouco sérias para o âmbito geral da história; mas além de sua contraposição às personagens principais, a arte do autor é bastante notável em sua condução dos subalternos. Eles revelam muitas das passagens cruciais da história, que não poderiam ser trazidas adequadamente à luz sem a sua ingenuidade e simplicidade; particularmente os temores femininos e a debilidade de Bianca, no último capítulo, contribuem, de modo essencial, para fazer progredir a catástrofe.

É natural que um tradutor tome o partido da obra que adaptou. Leitores mais imparciais talvez não fiquem tão impressionados com as belezas desta peça como eu. Ainda assim, não faço vista grossa para os defeitos deste meu autor. Desejaria que ele tivesse baseado a sua obra numa moral mais útil do que esta, de que os pecados dos pais se Jazem presentes em seus filhos até a terceira ou quarta geração. Duvido que, em seu tempo, mais do

que hoje em dia, a ambição restringisse o seu apetite de dominação diante do temor de tão remoto castigo. E ainda assim, tal moral é debilitada por aquela insinuação bastante direta de que até mesmo tal anátema pode ser corrigido pela devoção a São Nicolau*. Aqui os interesses do religioso têm realmente a preferência no julgamento do autor. Assim mesmo, com todos os seus defeitos, não tenho dúvidas de que o leitor inglês ficará contente com este livro. A compaixão que atravessa toda a obra, as lições de virtude que aí estão inculcadas e a intensa pureza dos sentimentos isentam esta obra das reprovações a que os romances estão tão frequentemente sujeitos. Se obtiver o sucesso que espero, talvez sinta-me encorajado a reimprimir o original italiano, embora com isso possa acabar depreciando o meu próprio labor. Nossa língua não tem os encantos do italiano, tanto em variedade como em harmonia. Essa é particularmente excelente para a narrativa. É difícil narrar em inglês sem tornar-se muito vulgar ou elevar-se demasiado; um defeito que se deve sem dúvida atribuir ao pouco caso que se tem em empregar uma linguagem pura na conversação comum. Todo francês ou italiano, de qualquer classe social, esforça-se ao máximo para falar a própria língua corretamente e com encanto. Não posso

gabar-me de ter feito justiça a meu autor no que toca a esse aspecto: seu estilo é tão elegante quanto a sua condução das paixões é soberba. É uma pena que não tenha empregado seus talentos no gênero para o qual foram eles evidentemente talhados: o teatro.

Não reterei por mais tempo a atenção do leitor, exceto para fazer uma pequena observação. Embora os mecanismos da ação sejam frutos da invenção e os nomes das personagens, imaginários, não deixo de crer que os aspectos essenciais desta história sejam verdadeiros. A ação se desenrola, sem dúvida alguma, em algum castelo existente. O autor frequentemente parece, sem intenção premeditada, descrever algumas' de suas divisões internas. O aposento, diz ele, do. ala direito:, a porto, na ala esquerda; a distância da capela ao apartamento de Conrado; essas e outras passagens são fortes indícios de que o autor tinha um prédio determinado diante de seus olhos. Os curiosos, que têm tempo livre para embrenhar-se em tais pesquisas, talvez possam descobrir-nos escritores italianos a fundação a partir da qual nosso autor edificou a sua obra. Se se acreditar que alguma catástrofe, bastante semelhante à que ele descreve, deu origem a este livro, tal fato irá certamente contribuir

para o interesse no autor e fazer de O Castelo de Otranto uma história ainda mais emocionante.

**Essa referência aparentemente obscura se esclarecerá ao longo da história. São Nicolau aparece no sonho do eremita, e Ricardo promete construir para o santo uma igreja e dois conventos.*

Prefácio II

Para a segunda edição

O modo favorável com que esta pequena obra foi recebida pelo público exige que o autor dê algumas explicações sobre sua composição. Antes, porém, de expor tais motivos, é conveniente que peça desculpas a seus leitores por lhes ter apresentado sua obra sob a figura emprestada de um tradutor. Como a insegurança quanto a seus próprios talentos e originalidade de sua tentativa foram as únicas razões para que assumisse tal disfarce, o autor acredita que isso ainda possa ser desculpável. Entregou sua empreitada ao julgamento imparcial do público, determinado a deixá-la perecer na obscuridade,

caso reprovada; não pensava revelar tal segredo, até que juízes mais habilitados lhe garantissem que podia assumir sua autoria sem corar.

Foi uma tentativa de mesclar duas formas de romances, a antiga e a moderna. Na primeira, tudo era imaginação e improbabilidades; na última, sempre se pretende, e muitas vezes se consegue, copiar a natureza com fidelidade. Não que não haja invenção, mas os grandes recursos da fantasia parecem ter secado em virtude de uma adesão estrita demais à vida comum. Mas, se em seus últimos espécimes, a natureza atrofiou a imaginação, ela apenas levava a cabo sua vingança, uma vez que tinha sido inteiramente excluída dos antigos romances. As ações, sentimentos e conversas dos heróis e heroínas dos tempos antigos eram tão inaturais quanto as estratégias empregadas para pô-los em movimento.

O autor das próximas páginas acreditou ser possível reconciliar as duas formas. Desejoso de deixar os poderes da fantasia livres para expandirem-se por meio dos espaços ilimitados da invenção, criando, desse modo, situações mais interessantes, ele desejava conduzir os mortais agentes de seu drama de acordo com as leis da probabilidade. Em suma, fazê-los pensar, falar e agir, tal como se suporia que meros homens e mulheres normais

fariam em situações extraordinárias. Ele observou que em todos os escritos inspirados, as personagens favorecidas por milagres e testemunhas dos mais estupendos fenômenos nunca perdem seu caráter humano; enquanto que, nas produções de histórias românticas, um evento improvável é invariavelmente sucedido por um diálogo absurdo. Seus atores parecem perder o sentido da realidade no momento em que as leis da natureza desviam-se de seu curso. Como o público aplaudiu tal tentativa, o autor não tem necessidade de dizer que se considerava inteiramente despreparado para a tarefa que desempenhou. No entanto, se a nova estrada por ele aberta puder facilitar o avanço de talentos mais brilhantes, ele os reconhecerá com prazer e modéstia, pois tinha noção de que o projeto era passível de maiores belezas do que sua imaginação, ou maestria na condução das paixões, podia lograr.

Com relação ao comportamento dos criados, ao qual já me referi no prefácio anterior, pedirei permissão para acrescentar mais algumas palavras. A simplicidade de suas atitudes, beirando quase o ridículo, que à primeira vista pareceria não estar em consonância com os moldes sérios desta obra, pareceu-me não só apropriada, como foi planejada intencionalmente dessa forma. Minha

norma foi a natureza. Não importa o quão graves, importantes ou até mesmo melancólicos sejam os sentimentos de príncipes e heróis, eles não produzem os mesmos efeitos em seus criados: pelo menos esses últimos não expressam, ou não deveriam ser capazes de expressar, suas emoções no mesmo tom elevado.

Em minha humilde opinião, o contraste entre o sublime de um e a simplicidade de outro revela o patético que existe no primeiro, sob uma luz mais intensa. A própria impaciência que o leitor experimenta, quando se vê obrigado a demorar-se com as rudes trapalhadas das personagens mais vulgares, que o impedem de logo tomar conhecimento das graves catástrofes que ele espera, talvez a intensifique; em todo caso, tal impaciência certamente prova que ele estava profundamente envolvido pelo evento em questão. Mas a respeito desse tratamento, há uma autoridade mais alta do que a minha. O grande mestre da natureza, Shakespeare, foi o modelo que copiei. Deixe-me perguntar se suas tragédias de Hamlet e Júlio Cesar não perderiam uma porção considerável de seu espírito e de suas maravilhosas belezas, se o humor dos coveiros, as parvoíces de Polônio e as pilhérias desajeitadas dos cidadãos romanos fossem omitidas ou então travestidas de tons heroicos.

Não são a eloquência de Antônio e a ainda mais nobre e comovedoramente simples oração de Bruto estrategicamente exaltadas pelas bruscas expansões de natureza que brotam da boca de seus ouvintes? Essas passagens lembram-nos o escultor grego que, para transmitir adequadamente a ideia de um gigante nas dimensões de um sinete, inseriu aí um menininho da altura de seu polegar.

Não, diz Voltaire em sua edição de Corneille, tal mistura de bufonaria e solenidade é intolerável1. Voltaire é um gênio2— mas não da grandeza de Shakespeare. Sem querer recorrer a autoridades duvidosas, apelarei ao próprio Voltaire. Não farei eu mesmo uso dos elogios que lançou a nosso poeta maior; embora o crítico francês tenha por duas vezes traduzido a mesma fala de Hamlet, alguns anos atrás com admiração, ultimamente com ironia; assim, lamento descobrir que seu juízo vai decrescendo quando deveria estar mais amadurecido. Farei então uso de suas próprias palavras, a respeito do teatro em geral, quando não pensava em recomendar nem em diminuir os métodos de Shakespeare; consequentemente, num momento em que Voltaire estava sendo imparcial.

No prefácio para seu L'Enfant Prodigue (O Filho

Pródigo), uma peça excelente pela qual declaro minha admiração e a qual, mesmo que eu viva mais vinte anos, tenho certeza de que nunca tentarei ridicularizar, ele afirma as seguintes palavras a respeito da comédia (mas aplicáveis igualmente à tragédia, se a tragédia for, como certamente deve ser, uma pintura da vida humana; nem posso conceber por que o riso ocasional deveria ser banido da cena trágica, mais do que a seriedade patética banida da cômica):

On y voit un mélange de serieux et de plaisanterie, de comique et de touchant, souvent même une seule aventure produit tous ces contrastes. Rien n'est si commun qu'une maison dans laquelle un père gronde, une fille occupée de sa passion pleure; le fils se moque des deux, et quelques parens prennent part différemment à la scene, etc. Nous n'inferons pas de là que toute comedie doive avoir des scenes de bouffonnerie et des scenes attendrissantes: il y a beaucoup de très bonnes pièces où il ne régne que de la gayeté; d'autres toutes serieuses; d'autres melangées; d'autres où l'attendrissement va jusque aux larmes: il ne faut donner l'exclusion à aucun genre; et, si l'on me demandait, quel genre est le meilleur, je répondrais celui qui est le mieux traité?

Certamente, se uma comédia pode ser toute

serieuse, a tragédia pode, sobriamente, uma vez ou outra, conceder um sorriso. Quem o proibirá? Poderá o crítico, que em defesa própria afirma que nenhuma forma deve ser excluída da comédia, ditar regras a Shakespeare?

Estou ciente de que o prefácio do qual extraí tal passagem não está em nome de Voltaire, mas de seu editor; no entanto, quem duvida que o editor e o autor eram a mesma pessoa? Ou onde estaria o editor que, de forma tão feliz, incorporou o estilo de seu autor e sua brilhante fluidez de argumentação? Tais trechos refletem indubitavelmente os sentimentos genuínos daquele grande escritor. Em sua "Epístola a Maffei", anteposta a seu Mérope4, ele deixa escapar quase a mesma opinião, embora eu suspeite que com alguma ironia. Repetirei suas palavras e então apresentarei minhas razões para repeti-las. Depois de traduzir uma passagem no Mérope de Maffei, monsieur Voltaire acrescenta:

Tous ces traits sont naïfs: tout y est convenable à ceux que vous introduisez sur la scene, et aux moeurs que vous leur donnez. Ces familiarités naturelles eussent été, à ce que je crois, bien regues dans Athenes; mais Paris et notre parterre veulent une autre espece de simplicité5.

Suspeito, devo dizer, que não haja uma gota de

sarcasmo nessa ou em outras passagens dessa "Epístola"; ainda assim, a força da verdade não é diminuída por levemente estar tocada de ironia. Maffei devia representar uma história grega; com certeza, os atenienses eram juízes tão competentes dos costumes gregos e do modo de apresentá-los, como a plateia de Paris. Ao contrário, diz Voltaire (e não posso deixar de admirá-lo por seu raciocínio), havia apenas dez mil cidadãos em Atenas e Paris tem quase oitocentos mil habitantes, entre os quais se podem contar trinta mil juízes de obras dramáticas. — De fato! Mas ainda que seja um tribunal tão numeroso, acredito que essa é a única instância em que jamais se pretendeu que trinta mil pessoas, vivendo quase dois mil anos depois do período em questão, sejam, unicamente por sua quantidade, consideradas juízes mais preparados do que os próprios gregos para julgar de que maneira deveriam ser tratados os costumes de uma tragédia baseada numa história grega.

Não entrarei numa discussão a respeito da espece de simplicité que a plateia de Paris exige, nem das correntes com as quais esses trinta mil juízes aprisionam uma poesia cujo principal mérito, como ouso inferir de várias passagens do Novo Comentário acerca de Corneille, consiste em voar apesar de tais cadeias6; um mérito que,

se verdadeiro, reduziria a poesia de um elevado esforço da imaginação a um trabalho pueril e desprezível — difficiles nugae7 — perante uma testemunha!

Não posso, entretanto, deixar de mencionar um dístico, que aos ouvidos ingleses sempre soaram como o mais chato e trivial exemplo de precisão circunstancial; mas Voltaire, que leu de modo tão severo nove décimos da obra de Corneille, o destacou para defender em Racine:

De son appartement cette porte est prochaine,
Et cette autre conduit dans celui de la reine.

[De seu apartamento aquela porta é vizinha,
E esta outra conduz àquele da rainha.]

Ah, pobre Shakespeare! Se tivesse apresentado Rosencranz a informar seu companheiro Guildenstern da planta do palácio de Copenhague, em vez de nos presentear com um diálogo moral entre o príncipe da Dinamarca e o coveiro, a iluminada plateia de Paris teria uma segunda oportunidade8 para adorar seus talentos.

O propósito de tudo quanto se disse é resguardar minha própria ousadia sob o exemplo do gênio mais brilhante que este país, pelo menos, produziu. Poderia ter argumentado que, tendo criado uma nova forma

de romance, eu estava livre para empregar quaisquer normas que julgasse adequadas à sua execução. Mas, sinto-me mais orgulhoso de ter imitado, embora de modo débil, pálido e a grande distância, um modelo tão magnífico, do que ter todo o mérito da invenção, a menos que pudesse ter imprimido em minha obra o gênio tanto quanto a originalidade. Do modo como está, o público já a honrou o bastante, seja qual for o patamar em que venham a colocá-la9.

H. W.

Notas

---

1 Voltaire, aqui ataca a representação teatral inglesa e espanhola, e não Corneille: E verdade que em quase todas essas tragédias espanholas, haveria sempre algumas cenas de bufonaria. Esse uso infecta a Inglaterra. Em não muitas tragédias de Shakespeare, encontram-se os gracejos de homens grosseiros ao lado do sublime dos heróis. A que atribuir um modo tão grotesco e tão aviltante ao espirito humano senão ao costume dos príncipes, que sempre se entretém com os seus bufões? ("Comentários sobre El Cid" em Œuvres Complètes, Moland, 1880, xxxi. 203). O ataque de Walpole a Voltaire parece ter-lhe causado posteriormente um certo desconforto. Quando o sobrinho de Voltaire, Florian, quis traduzi-lo, Walpole mencionou que estava "determinado a mostrar somente a primeira edição". Mais tarde, enviou uma cópia da segunda edição para Voltaire com uma carta. "Devo retratar-me, desculpar-me; não dizia nada do que eu pensava. ...tratá-lo-ia com ingratidão e impertinência, se se supusesse que você ficaria ofendido com minhas observações, ou satisfeito com minha retratação" (21 de junho de 1768).

2 A seguinte observação é alheia à presente questão, porém escusável num inglês, que está inclinado a pensar que os severos juízos acerca de nosso imortal compatriota, emitidos por um escritor com tamanha maestria como Voltaire, podem ter sido fruto do humor e da precipitação, mais do que o resultado de um discernimento atencioso. Não será que os talentos do crítico para medir a força e a potência de nossa língua tenham se revelado tão impróprios e incompetentes quanto seu conhecimento de nossa história? Em relação a esse último aspecto, sua própria pena tem deixado evidências bastante gritantes. Em seu Prefácio a Earl of Essex (Conde de Essex) de Thomas Corneille, monsieur Voltaire declara que a verdade histórica foi, em grande parte, deturpada naquela obra. Como desculpa, argumenta que, quando Corneille a escreveu, a nobreza da França era muito pouco lida em matéria de história inglesa; mas agora, diz o comentador, que a estudam, tal equívoco na representação seria insuportável... No entanto, esquecendo que o período da ignorância já se havia passado e que não se faz muito necessário instruir os que já sabem, ele se põe, a partir da exuberância de suas leituras, a narrar para a nobreza de seu país a lista dos favoritos da rainha Elizabeth... dos quais, diz ele, Robert Dudley foi o primeiro e o conde de Leicester, o segundo. Será que alguém algum dia iria acreditar que seria

preciso informar ao próprio monsieur Voltaire que Robert Dudley e o conde de Leicester eram a mesma pessoa?

3 Vê-se aí uma mescla curiosa de aspectos sérios e divertidos, de cômico e de comovente: muitas vezes, mesmo uma única aventura produz todos esses contrastes. Nada é tão comum quanto uma casa na qual um pai dá broncas, uma filha entregue à sua paixão chora; o filho zomba de ambos e alguns parentes tomam parte na cena, cada qual de uma maneira diferente etc. Não inferimos daí que toda comédia deva ter cenas de bufonaria e cenas ternas: existem muitas peças excelentes em que não há nada além da alegria: outras inteiramente sérias; outras ainda misturadas: outras em que o enternecimento chega até as lágrimas — não é preciso excluir nenhum gênero; e se me perguntassem qual gênero é o melhor, responderia "aquele que é melhor trabalhado". (VOLTAIRE. Prefácio ao L'Enfant Prodigue, OEuvres Completes, Moland, 1880, iii. 442-3).

4 Mérope é uma peça do italiano Scipione Maffei que Voltaire adaptou para o francês.

5 Todos esses traços são ingênuos: tudo aí é conveniente àqueles que você introduz na cena e aos costumes que você lhes dá. Tais familiaridades naturais, creio mesmo, teriam sido bem recebidas em Atenas: mas Paris e nossa plateia querem um outro tipo de simplicidade. (VOLTAIRE. "Epístola a Maffei", precedendo Mérope, em Œuvres Completes, Moland, 1880, iv. 188)

6 Consiste em voar apesar de tais cadeias: refere-se à reprovação dos críticos e à aprovação popular do El Cid. Dentre os cinco escritores indicados por Richelieu para escrever uma versão do Cid, Corneille recebeu a incumbência pelo terceiro ato. Contudo, ele foi além da conta na execução da tarefa e foi condenado por seus companheiros, por Richelieu e a Academia, mas a peça obteve sucesso imediato. (Commentaires sur Corneille em Œuvres Complètes, Moland, 1880, xxxi. 205-7).

7 Difficiles nugae: "divertimentos obtidos com esforço" (Marcial, Epigramas II 86 9).

8 A primeira vez teria sido em Berenice de Racine, a segunda, em Hamlet.

9 Ou seja, por comprar o livro, o público já o honrou, não importa em que lugar seu último veredito venha a colocá-lo.

I

Manfredo, príncipe de Otranto, tinha um filho e uma filha. Esta, uma linda donzela de dezoito anos, chamava-se Matilda. O filho, Conrado, era quase três anos mais novo, um rapaz caseiro, doentio, de disposição nada promissora. Ainda assim era

o preferido de seu pai, que jamais mostrara quaisquer sinais de afeto por Matilda.

Manfredo havia conseguido contratar um casamento para seu filho com Isabela, a filha do Marquês de Vicenza. Mal os tutores da princesa entregaram-na aos cuidados de Manfredo, este se apressou em celebrar as bodas, tão logo o precário estado de saúde de Conrado o permitisse.

A impaciência com que Manfredo aguardava tal cerimônia era percebida por sua família e pelos vizinhos. Os primeiros, no entanto, conhecendo a severidade das disposições do príncipe, não ousavam qualquer comentário sobre as causas de tal precipitação. Hipólita, sua esposa, senhora de temperamento amoroso, aventurou-se, uma vez ou outra, a observar o perigo de casarem seu único filho de forma tão apressada, considerando sua extrema juventude e enfermidades ainda maiores; mas nunca obteve qualquer outra resposta além dos comentários acerca de sua própria esterilidade, que dera ao principado de Otranto apenas um herdeiro.

Já os vassalos e súditos eram menos cautelosos em suas conversas: eles atribuíam o casamento apressado ao terror do príncipe em ver cumprida uma antiga profecia, que proclamava que o castelo e o senhorio de Otranto

passariam da presente família, quando quer que o seu verdadeiro proprietário crescesse demais para habitá-lo.

Era difícil extrair algum sentido dessa profecia. Menos fácil ainda era compreender que relação tinha com o casamento em questão. Entretanto, tais mistérios ou contradições não impediam que a população desse crédito à profecia e aderisse a tais opiniões.

O dia do aniversário do jovem Conrado foi a data escolhida para a cerimônia. A corte estava reunida na capela do castelo, com tudo pronto para o início do oficio divino, quando se notou que o próprio Conrado estava faltando. Manfredo, impaciente com qualquer atraso e não tendo visto seu filho retirar-se, despachou um dos criados para chamar o jovem príncipe.

O criado, que não se ausentara tempo o bastante para cruzar o pátio até os aposentos de Conrado, voltou correndo e sem fôlego, com gestos frenéticos, os olhos esbugalhados, a boca espumando. Não dizia nada, limitando-se a apontar para o pátio.

Os presentes ficaram tomados de terror e surpresa. A princesa Hipólita, sem saber o que acontecera, mas aflita pela sorte do filho, desmaiou. Manfredo, menos apreensivo do que enraivecido com o adiamento das

núpcias e com o descontrole de seu servo, indagou imperiosamente:

— Que está acontecendo?

O camarada não respondeu, mas continuou apontando para o pátio interno. Só depois de repetidas perguntas que lhe foram feitas, gritou:

— O elmo! O elmo!

Enquanto isso alguns dos presentes haviam corrido até o pátio, de onde então partiu um confuso burburinho de gritos, horror e espanto. Manfredo, que começava a alarmar-se por não ver seu filho, foi pessoalmente saber o que causava tão estranha confusão. Matilda, solícita, permaneceu para assistir sua mãe, Isabela ficou pela mesma razão, e evitando demonstrar qualquer impaciência pelo noivo, por quem, no fundo, nutria pouco afeto.

O primeiro fato que atraiu a atenção de Manfredo foi um grupo de criados que se esforçavam por erguer do chão alguma coisa que lhe pareceu ser uma montanha de plumas negras. Ele fitava sem acreditar no que via.

— Que estão fazendo? — gritou Manfredo, furibundo.

— Onde está meu filho?

Um alarido de vozes respondeu:

— Oh, meu senhor! O príncipe! O príncipe! O elmo! O elmo!

Irritado como esses sons de lamentação e temendo nem sabia bem o quê, Manfredo avançou rapidamente. Mas que espetáculo para os olhos de um pai! Encontrou seu filho feito em pedaços e quase enterrado sob um gigantesco elmo, uma centena de vezes maior do que qualquer capacete jamais feito para um ser humano e enegrecido por uma quantidade apreciável de plumas pretas.

O horror da visão, a ignorância de todos ao redor quanto às circunstâncias em que ocorrera aquela desgraça e, acima de tudo, o tremendo fenômeno à sua frente, suprimiram a voz do príncipe. Assim mesmo seu silêncio durou mais tempo do que a dor faria prever. Fixou os olhos naquilo que inutilmente desejava não passasse de mera visão: e parecia menos atento à sua perda, do que ensimesmado no estupendo objeto que a havia provocado. Tocou, examinou o elmo fatal; nem mesmo as remanescentes partes misturadas, que ainda sangravam, do jovem príncipe podiam desviar os olhos de Manfredo do prodígio à sua frente.

Todos que haviam conhecido sua afeição especial pelo jovem Conrado estavam agora tão surpresos com

a insensibilidade do príncipe, quanto aterrados com o milagre do elmo. Conduziram o cadáver desfigurado até o saguão, sem receber nenhuma indicação de Manfredo. Tampouco foi ele atencioso para com as damas que haviam permanecido na capela; ao contrário, sem fazer menção às infelizes princesas, sua esposa e sua filha, os primeiros sons que saíram dos lábios de Manfredo foram:

— Cuidem da senhora Isabela.

Os criados, sem se dar conta da singular ordem, foram levados, por sua afeição para com a princesa-mãe, a considerar a ordem como endereçada particularmente a ela, e correram em seu auxílio. Escoltaram-na até seus aposentos, mais morta do que viva e indiferente a todas as estranhas circunstâncias que ouvira, exceto à morte de seu filho. Matilda, que era devotada à sua mãe, apaziguou sua própria dor e perplexidade, pensando apenas em assistir e confortar sua aflita mãe. Isabela, que fora tratada por Hipólita como uma filha e que devolvia tal ternura com igual devoção e afeto, não deixava de dispensar à princesa o mesmo constante cuidado, esforçando-se, ao mesmo tempo, por partilhar e aliviar o peso da dor que se abatia sobre Matilda, por quem nutria a mais cálida simpatia e amizade.

No entanto, a sua própria situação não lhe ocupava

os pensamentos. Não sentia muito pela morte do jovem Conrado, exceto comiseração; e não estava triste em ter se visto livre de um casamento que lhe prometia pouca felicidade, tanto da parte de seu destinado noivo, como da parte do áspero temperamento de Manfredo, que, embora a houvesse distinguido com grandes benevolências, havia imprimido o terror em sua mente, devido a sua severidade despropositada para com princesas tão amáveis quanto Hipólita e Matilda.

Enquanto as damas conduziam a desolada mãe para sua cama, Manfredo permaneceu no pátio, mirando o pavoroso capacete, insensível à multidão que se apinhava à sua volta, atraída pelo estranho acontecimento. As poucas palavras que articulou foram somente para indagar se algum homem sabia de onde aquilo podia ter vindo. Ninguém pôde lhe dar a menor informação. Entretanto, como parecia ser esse o único objeto de sua curiosidade, logo o mesmo aconteceu com os demais espectadores, cujas conjecturas eram tão absurdas e improváveis quanto a própria catástrofe sem precedentes.

No meio daquelas opiniões insensatas, um jovem camponês, que os rumores haviam atraído de uma aldeia próxima, observou que o milagroso elmo era exatamente

como aquele sobre a figura em mármore negro de Afonso o Bom, um dos primeiros príncipes, na Igreja de São Nicolau.

— Vilão! Que está dizendo? — gritou Manfredo, saindo de seu transe numa explosão de raiva e agarrando o rapaz pelo pescoço. — Como ousa pronunciar tal coisa? Pagará com a vida por isso.

Os presentes, que compreendiam tão pouco os motivos da fúria do príncipe como tudo o mais que haviam visto, ficaram atônitos ante essa nova circunstância. O jovem camponês estava ele mesmo mais surpreso, não conseguindo conceber como ofendera o príncipe. Entretanto, recompondo-se, com uma mistura de graça e humildade, desembaraçou-se do punho de Manfredo e, então, com uma obediência que revelava mais sua ressentida inocência do que debilidade, perguntou respeitosamente de que crime era culpado.

Manfredo, ainda mais enraivecido com o vigor com que o jovem se libertara de suas mãos, embora exercido decentemente, do que apaziguado por sua submissão, ordenou a seus vassalos que o agarrassem e, não tivesse sido ele segurado pelos amigos que convidara para as núpcias, teria apunhalado o camponês aprisionado em seus braços.

Enquanto durava essa altercação, alguns dos espectadores haviam corrido até a grande igreja próxima do castelo e voltaram boquiabertos, declarando que faltava o elmo da estátua de Afonso. Com essa notícia, Manfredo tornou-se inteiramente possesso; e, como se procurasse algo em que desanuviar a tempestade que o assolava, lançou-se novamente sobre o jovem camponês, gritando:

— Vilão! Monstro! Feiticeiro! Assim é que feriu o meu filho!

A multidão, carente de algo plausível, conforme suas capacidades, para descarregar seus raciocínios desorientados, tomou as palavras da boca de seu senhor e pôs-se a repeti-las:

— Sim, sim, foi ele, ele! Ele roubou o elmo do túmulo do bom Afonso e rompeu os miolos do nosso jovem príncipe!

E não pararam para pensar em quão assombrosa era a desproporção entre o elmo de mármore que estivera na igreja e aquele de metal que tinham diante dos olhos; nem quão impossível seria para um jovem, que aparentemente não fizera nem vinte anos, suspender uma peça de armadura de tão formidável peso.

O desvario dessas exclamações trouxe Manfredo de

volta a si. No entanto, quer irritado com o fato de o jovem ter observado a semelhança entre os dois capacetes, o que levou posteriormente à descoberta de que um deles faltava na igreja; quer desejando suprimir qualquer rumor sobre tão impertinente suposição; declarou gravemente que o jovem era, com certeza, um feiticeiro e que até que a igreja tivesse tomado conhecimento do assunto, ele manteria o mago que haviam capturado prisioneiro sob o próprio elmo. Assim, ordenou a seus vassalos que erguessem a peça e pusessem o jovem debaixo; declarou que fosse ali mantido sem comida, pois essa, a sua própria arte infernal poderia prover.

De nada adiantou ao jovem opor-se a essa louca sentença; em vão tentaram os amigos de Manfredo desviá-lo dessa resolução tão selvagem e pouco fundamentada. Os demais ficaram encantados com a decisão de seu senhor, a qual, conforme seus julgamentos, tinha grande aparência de justiça, já que o mago deveria ser punido pelo próprio instrumento com o qual ferira. Nem ficaram compadecidos com a possibilidade de o jovem passar fome, pois deveras acreditavam que ele, com suas artes diabólicas, poderia facilmente arrumar alimento para si.

Dessa forma, Manfredo viu suas ordens serem

cumpridas com certo entusiasmo até e, deixando um guarda com ordens estritas para evitar que qualquer alimento fosse servido ao prisioneiro, despediu-se de seus amigos e servidores, e se retirou para seu próprio quarto, depois de ter trancado os portões do castelo, dentro do qual ordenou que permanecessem apenas seus criados.

Enquanto isso, o zelo e a atenção das jovens damas tinham trazido a princesa Hipólita de volta a si, que, em meio ao transe de sua própria dor, frequentemente pedia notícias de seu senhor; queria até mandar seus criados buscarem-no e acabou ordenando a Matilda que a deixasse e fosse visitar e confortar seu pai. Matilda, pouco desejosa de demonstrar qualquer estima por Manfredo, pois tremia com sua austeridade, obedeceu às ordens de Hipólita, que ternamente deixou entregue aos cuidados de Isabela. Inquirindo os servos quanto ao paradeiro de seu pai, foi informada de que este havia se retirado para seus aposentos, recomendando que ninguém ali entrasse. Convencida de que ele mergulhara na dor pela morte de seu irmão e temerosa de renovar suas lágrimas quando visse a única filha que lhe restava, hesitou se deveria perturbar sua aflição; mas sua solicitude, amparada pelas ordens de sua mãe, encorajou-a a

desobedecer as ordens que ele havia dado; uma falta de que ela nunca tinha sido culpada antes.

A doce timidez de sua natureza fez com que hesitasse alguns minutos diante da porta. Ela o ouvia atravessar o quarto d.e um lado para outro com passadas desordenadas; um estado de espírito que aumentou suas preocupações. Estava a ponto de pedir permissão para entrar quando Manfredo abriu repentinamente a porta; e como já estava escuro, somando-se essa circunstância à desordem de sua mente, não percebeu claramente de quem se tratava, mas perguntou enraivecido o que se passava.

Matilda respondeu tremendo:

— Meu querido pai, sou eu, sua filha.

Manfredo, dando um passo para trás, gritou:

— Saia, eu não quero uma filha.

E, recuando apressadamente, bateu a porta diante da aterrorizada Matilda. Esta estava por demais habituada à impetuosidade de seu pai para arriscar uma segunda tentativa. Depois de se recuperar um pouco de tão amarga recepção, enxugou as lágrimas, para evitar o trauma adicional que elas provocariam em Hipólita, que a questionou de modo bastante ansioso acerca da saúde de Manfredo e sobre como ele estava suportando a

perda. Matilda assegurou-lhe que ele estava bem e que suportava sua desgraça como um forte.

— Ele não me deixará vê-lo? — indagou Hipólita pesarosamente. — Não permitirá que eu misture minhas lágrimas com as suas e derrame meu pranto materno no seu peito? Ou está me enganando, Matilda? Sei o quanto Manfredo amava este filho: não terá sido um golpe forte demais para ele? Terá ele sucumbido? Não me responde... Ah, temo o pior! Levem-me, minhas aias: eu irei, irei ver meu senhor. Levem-me até ele imediatamente; ele me é mais caro do que meus próprios filhos.

Matilda fez sinal a Isabela para que não deixasse Hipólita se levantar; e estavam essas duas jovens adoráveis a empregar todos seus doces esforços para deter e acalmar a princesa, quando chegou um criado a mando de Manfredo e disse a Isabela que seu senhor queria falar-lhe.

— Comigo! — gritou Isabela.

— Vá! — disse Hipólita, aliviada por ouvir alguma, notícia de seu esposo. — Manfredo não consegue suportar a visão de sua própria família. Ele crê que está menos perturbada do que nós e teme o peso de minha dor. Console-o, querida Isabela, e diga-lhe que prefiro aplacar a minha angústia do que aumentar a dele.

Já era noite; o criado que acompanhou Isabela levava um archote a sua frente. Quando se aproximaram de Manfredo, que andava impacientemente de um lado para outro da galeria, este estancou e disse asperamente; — Leve embora essa luz e saia.

Então fechou a porta num ímpeto, foi sentar-se num banco contra a parede, fez sinal para que Isabela se sentasse a seu lado. Ela obedeceu, tremendo.

— Pedi que viesse até aqui, senhora — disse e calou-se em seguida, aparentando grande confusão.

— Meu senhor!

— Sim, pedi que viesse por um assunto de grande importância — tornou ele. — Enxugue as lágrimas, minha jovem... Perdeu seu noivo... Sim, destino cruel, e eu perdi as esperanças de minha raça! Mas Conrado não era digno de sua beleza.

— Como? — disse Isabela — certamente meu senhor não crê que estou a fingir o pesar que é meu dever sentir! Minha lealdade e afeição teriam sempre...

— Não pense mais nele — interrompeu Manfredo, — ele era uma criança enfermiça e os céus talvez o tenham levado para que eu não confiasse as honras de minha casa a uma fundação tão frágil. A linhagem dos Manfredos exige inúmeros pilares. A louca afeição que

eu nutria por aquele rapaz cegou os olhos de minha cautela — mas é melhor como está. Espero em alguns anos ter razão em me alegrar com a morte de Conrado.

Palavras não podem descrever o espanto de Isabela. De início pensou que a dor havia perturbado a mente de Manfredo. Seu pensamento seguinte foi o de que esse estranho discurso visava a fazer-lhe cair numa armadilha: receava que Manfredo tivesse notado a indiferença que sentia por seu filho. Por isso, replicou:

— Meu nobre senhor, não duvide de meu afeto; meu coração teria seguido minha mão. Conrado teria recebido todo meu carinho; e o que quer que ocorra comigo, sempre honrarei sua memória e considerarei a sua alteza e a virtuosa Hipólita como meus pais.

— Dane-se Hipólita! — gritou Manfredo. — Esqueça-a desde já, como eu a esqueço. Em resumo, minha senhora, perdeu um marido que não estava à altura de seus encantos: esses agora terão melhor destino. Em vez de um garoto enfermiço, terá um marido no vigor da idade, que saberá dar valor às suas belezas e pode gerar uma prole numerosa.

— Ai, meu senhor — disse Isabela, — minha mente está por demais abalada com a recente catástrofe que atingiu esta família para pensar noutro casamento.

Se meu pai algum dia retornar, e se for de seu agrado, obedecerei, como fiz, quando consenti em dar minha mão ao seu filho: mas até seu retorno permita que eu me abrigue sob o seu teto hospitaleiro e passe essas horas melancólicas confortando suas dores, as de Hipólita e as da bela Matilda.

— Já lhe pedi uma vez antes que não nomeasse essa mulher — exclamou Manfredo com raiva. — De agora em diante ela deve ser uma estranha para você como é para mim. Em resumo, Isabela, como não posso dar-lhe meu filho, ofereço-me a mim mesmo.

— Céus! — gritou Isabela, caindo em si. — Que estou a ouvir! Meu senhor! Meu sogro! O pai de Conrado! Marido da terna e virtuosa Hipólita!

— Digo-lhe — bradou Manfredo imperiosamente — que Hipólita não é mais minha esposa; divorcio-me dela neste instante. Ela já me amaldiçoou por muito tempo com a sua esterilidade: minha sorte depende de ter filhos e confio que esta noite dará novo ímpeto às minhas esperanças.

Com tais palavras, pegou na mão fria de Isabela, semiparalisada de medo e horror. Ela gritou e fugiu. Manfredo erguia-se para persegui-la, quando a lua, que agora estava alta e lançava seus raios sobre a janela

defronte revelou-lhe a visão das plumas do elmo fatal, que se erguia até aquela altura, oscilando para frente e para trás de modo tempestuoso e acompanhado por um ruído rouco e arrastado. Isabela, temendo acima de tudo que Manfredo perseverasse em seu intento, reuniu todas as suas forças e gritou:

— Veja, meu senhor! O próprio céu se mostra contrário às suas ímpias intenções.

— Nem céu nem inferno hão de impedir os meus desígnios — disse Manfredo, avançando novamente para agarrar a princesa.

Naquele instante o retrato do avô de Manfredo, pendurado sobre o banco no qual há pouco os dois haviam se sentado, deu um profundo suspiro e moveu o peito. Isabela, que estava de costas para o quadro, não viu movimento algum, nem percebeu de onde o som partira, mas estancou e disse:

— Ei! Que som foi esse, meu senhor? — e no mesmo instante correu para a porta.

Manfredo, indeciso entre a fuga de Isabela, que agora já alcançara os degraus da escada, e sua incapacidade de desviar os olhos do retrato, que começava a se mover, tinha, no entanto, dado alguns passos em direção à jovem, ainda com os olhos voltados

para o retrato, quando o viu sair da moldura e descer até o chão com ar grave e melancólico.

— Estou sonhando? — gritou Manfredo, tornando a si — ou todos os demônios se reuniram em legião contra mim? Fale, espectro infernal! Se é meu avô, por que também conspira contra seu desgraçado descendente, que sofre tão profundamente por...

Antes que pudesse terminar a frase, o vulto suspirou novamente e fez sinal para que Manfredo o seguisse.

— Adiante! — exclamou Manfredo — hei de segui-lo até o fosso da perdição.

O espectro marchou pesada e solenemente até o fundo da galeria e entrou num aposento na ala direita. Manfredo acompanhava-o a pouca distância, cheio de ansiedade e horror, mas resoluto. Mal o espectro transpôs a porta, esta foi fechada violentamente por uma mão invisível. O príncipe, reunindo as suas forças, tentou abri-la a pontapés, mas logo percebeu que resistia a seus maiores esforços.

— Já que o inferno não satisfará a minha curiosidade — disse Manfredo, — usarei os meios humanos em meu poder para preservar a minha raça; Isabela não me escapará.

Essa jovem, cuja força de vontade cedera ao terror, assim que se afastara de Manfredo, continuou sua fuga pela escada principal. Lá embaixo parou, sem saber para onde dirigir os seus passos, nem em como escapar da impetuosidade do príncipe. Sabia que os portões do castelo estavam fechados e havia guardas no pátio. Se, conforme o seu coração, corresse até Hipólita para avisá-la do cruel destino que a esperava, não tinha dúvidas de que Manfredo a procuraria por lá e sua violência o incitaria a duplicar a injúria que ele concebera, sem deixar-lhes espaço para se precaverem contra a impetuosidade de tais paixões. Uma demora poderia dar-lhe tempo para meditar acerca das horríveis medidas que havia conjecturado, ou produzir alguma circunstância que viesse em seu favor, se ela conseguisse, pelo menos por esta noite, adiar seu odioso intento. No entanto, onde podia se esconder? Como escapar da perseguição que ele infalivelmente faria por todo o castelo?

Enquanto esses pensamentos passavam rapidamente por sua cabeça, lembrou de uma passagem subterrânea que conduzia da cripta do castelo até a Igreja de São Nicolau. Se conseguisse chegar ao altar antes de ser capturada, sabia que até mesmo a violência de Manfredo não ousaria profanar o sagrado lugar; e tomou

a resolução de que, se nenhum outro meio de libertação viesse em seu auxílio, trancar-se-ia para sempre entre as virgens dedicadas, cujo convento era contíguo à catedral. Firmemente decidida, tomou uma tocha que queimava ao pé da escada e rumou correndo para a passagem secreta.

A parte subterrânea do castelo era escavada numa série de vários claustros interligados e não era fácil para alguém em tal estado de ansiedade encontrar a porta que abria para a caverna. Um silêncio assustador reinava nessas regiões subterrâneas, exceto quando, vez por outra, algumas rajadas de vento sacudiam as portas pelas quais ela havia passado e os gongos de ferro ecoavam através daquele longo labirinto de trevas. Cada rumor deixava-a possuída por um novo terror; mas ainda assim temia, acima de tudo, a voz irada de Manfredo ordenando seus criados a perseguirem-na. Ela pisava tão levemente quanto sua impaciência o permitia, ainda assim, com frequência estancava para ouvir se estava sendo seguida. Num desses momentos acreditou ter ouvido um suspiro. Estremeceu e recuou alguns passos. Num instante pensou ter ouvido os passos de alguém. O sangue gelou; com certeza era Manfredo. Todos os pavores que o horror podia sugerir subiram à sua

mente. Condenou-se pela fuga apressada, que a havia exposto à fúria de Manfredo num lugar onde seus gritos provavelmente não atrairiam ninguém em seu auxílio. No entanto, o som não parecia vir de trás. Se Manfredo sabia onde ela estava, ele devia tê-la seguido: ela estava ainda num dos claustros e os passos que ouvira eram nítidos demais para provir de onde ela viera.

Animada com esse pensamento e esperando encontrar um aliado em qualquer um que não fosse o príncipe, ia seguir em frente, quando uma porta, um pouco adiante à sua esquerda, abriu-se suavemente; mas antes que sua tocha pudesse iluminar quem a havia aberto, a pessoa recuou apressadamente ao notar a luz.

Isabela, que cada incidente era bastante para desanimar, hesitou se devia prosseguir. Mas seu temor de Manfredo logo superou qualquer outro horror. A própria circunstância de haver alguém fugindo à sua frente deu-lhe uma certa dose de coragem. Só poderia ser, pensou ela, algum ser/o do castelo. Sua docilidade nunca lhe valera um inimigo e sua consciência inocente dava-lhe esperança de que, a menos que fossem enviados pelo príncipe para procurá-la, seus criados iriam mais ajudá-la do que impedir sua fuga. Assegurada por esses pensamentos e acreditando, pelo que podia observar,

que estava próxima da entrada da caverna subterrânea, aproximou-se da porta que fora aberta, porém, uma súbita rajada de vento, alcançando-a na entrada, apagou a tocha e a deixou na mais completa escuridão.

Palavras não podem descrever o horror da situação em que se encontrava a princesa. Sozinha em local tão sinistro, sua mente ainda impressionada por todos os terríveis acontecimentos do dia, sem condições de escapar,

esperando, a cada momento, a chegada de Manfredo, e longe de estar tranquila, sabendo que se encontrava ao alcance de um desconhecido, que, por alguma razão, parecia escondido lá embaixo — todos esses pensamentos acumularam-se em sua mente extenuada e ela estava prestes a sucumbir a tamanhas apreensões. Encomendou-se a todos os santos do céu e interiormente implorou por sua ajuda. Durante um tempo considerável permaneceu numa agonia desesperada. Por fim, tão levemente quanto possível, procurou a porta e, tendo-a encontrado, tremendo entrou na cripta, de onde haviam partido o suspiro e os passos. Deu-lhe uma espécie de alegria momentânea perceber um tênue raio de luar brilhando desde o teto da cripta, que parecia ter cedido e do qual pendia um fragmento de terra ou de pedra

(ela não conseguia distinguir qual), que parecia ter desmoronado para dentro. Avançou rapidamente para a abertura, quando percebeu um forma humana de pé rente à parede.

Deu um gritou, acreditando ser o fantasma do seu falecido Conrado. A figura, avançando, disse numa voz cordata:

— Não se assuste, senhora; não lhe farei mal.

Isabela, um pouco encorajada pelas palavras e pelo tom de voz do estranho, e lembrando-se de que este devia ser a mesma pessoa que havia aberto a porta, recobrou-se o bastante para replicar:

— Senhor, quem quer que seja, tenha piedade de uma pobre princesa que está à beira da ruína: ajude-me a escapar deste castelo mortal ou em alguns instantes poderei tornar-me miserável para sempre.

— Ai — disse o estranho, — que posso fazer para ajudá-la? Morrerei em sua defesa, mas não conheço este castelo e quero...

— Oh — disse isabela, interrompendo-o com rapidez, — ajude-me apenas a encontrar um alçapão que deve estar por aqui e será o maior serviço que pode fazer por mim; pois não tenho um minuto a perder.

Dizendo essas palavras, começou a tatear o chão,

incitando o estranho a procurar também uma pequena peça de metal incrustada numa das pedras.

— É uma fechadura — disse ela — que abre com uma mola, da qual sei o segredo. Se conseguir encontrar isso, poderei escapar; se não, aí, gentil estranho, receio que o terei envolvido em minhas próprias desgraças: Manfredo suspeitará de você por ter me ajudado em minha fuga e você será uma vítima de seu ressentimento.

— De pouco vale a minha vida — disse o estranho.

— E me será de algum conforto perdê-la tentando libertá-la de tal tirania.

— Jovem generoso — disse Isabela, — como poderei retribuir-lhe...

Enquanto pronunciava essas palavras, um raio de luar caindo através do teto arruinado iluminou diretamente a fechadura que procuravam.

— Oh maravilha! — disse Isabela.— Aqui está o alçapão!

E tomando uma chave, acionou a mola, que descobriu uma argola de ferro.

— Levante a porta — disse a princesa.

O estranho obedeceu e logo abaixo apareceram alguns degraus de pedra, que mergulhavam num outro fosso completamente escuro.

— Devemos descer aqui — disse Isabela. — Siga-me, escuro e assustador como é, mesmo assim não temos como errar o caminho; ele leva direto para a Igreja de São Nicolau. Mas talvez — acrescentou a princesa modestamente — você não tenha motivos para abandonai" o castelo, nem tenho eu mais necessidade de seus préstimos; em alguns minutos estarei a salvo da raiva de Manfredo... Permita apenas com que eu saiba a quem devo minha salvação.

— Nunca a abandonarei — disse o estranho energicamente — até que esteja em segurança. Nem me creia, princesa, mais generoso do que sou. Embora seja você meu principal cuidado...

O estranho foi interrompido por um repentino rumor de vozes que parecia aproximar-se e logo ambos puderam discernir estas palavras:

— Não me falem em feiticeiros... Digo-lhes que ela deve estar no castelo: irei encontrá-la apesar de todos os feitiços.

— Oh céus! — gritou Isabela. — É a voz de Manfredo. Depressa ou estaremos perdidos! E feche o alçapão atrás de você.

Dizendo isso, ela desceu os degraus precipitadamente. Quando o estranho tentou segui-la, deixou

o alçapão escapar de suas mãos: este caiu e fechou-se novamente. Sem ter observado o modo de Isabela tocar a mola e sem tempo para fazer muitas tentativas, ele tentou abri-lo, mas em vão. O barulho da queda do alçapão fora ouvido por Manfredo que, atraído pelo som, lançou-se naquela direção, seguido por seus criados, que levavam as tochas.

— Deve ser Isabela! — gritou Manfredo antes de adentrai' na cripta — ela está escapando pela passagem subterrânea, mas não pode ter ido muito longe.

Qual não foi a surpresa do príncipe quando, em vez de Isabela, a luz das tochas revelou-lhe o jovem camponês, que ele acreditava prisioneiro sob o elmo fatal!

— Traidor! — gritou Manfredo. — Como chegou até aqui? Julgava-o prisioneiro e bem vigiado lá em cima no pátio.

— Não sou traidor — respondeu o rapaz de modo desenvolto. — Nem sou responsável por seus pensamentos.

— Orgulhoso vilão! — exclamou Manfredo — quer provocar o meu furor? Diga-me, como escapou de lá de cima? Corrompeu os guardas e suas vidas pagarão por isso.

— Minha pobreza — disse o camponês calmamente — provará a inocência deles: embora ministros da ira de um tirano, eles são leais a seu senhor e desejosos de cumprir as ordens que tão injustamente lhes foram impostas.

— Será tão arrogante a ponto de suportar a minha vingança? — disse o príncipe. — Mas as torturas extrairão de você a verdade. Diga-me, quero conhecer quem são os seus cúmplices.

— Lá está meu cúmplice! — disse o jovem sorrindo e apontando para o teto.

Manfredo ordenou que as tochas fossem levantadas e percebeu que uma das arestas do elmo enfeitiçado havia penetrado através do pavimento do pátio, quando seus criados o haviam deixado cair sobre o campônio, tendo perfurado até o teto da cripta, deixando uma fresta por onde o rapaz havia se esgueirado alguns minutos antes de ser encontrado por Isabela.

— Foi por esse caminho que desceu? — perguntou Manfredo.

— Foi — respondeu o jovem.

— Mas que barulho foi aquele — indagou Manfredo — que ouvi quando entrava no claustro?

— Uma porta bateu, senhor — disse o camponês. — Ouvi-o tão bem quanto o senhor.

— Que porta? — perguntou Manfredo ansiosamente.

— Não estou familiarizado com o seu castelo, senhor — disse o jovem. — Esta é a primeira vez que estou aqui e esta cripta é a única parte dentro dele em que já estive...

— Mas eu lhe digo — continuou Manfredo, querendo saber se o jovem descobrira o alçapão. — Foi por aqui que ouvi o som: meus criados ouviram-no também.

— Meu senhor — interrompeu um deles apressadamente, — tenho certeza de que foi o alçapão e ele estava a escapar por ali.

— Quieto, imbecil! — disse o príncipe furioso. — Se ele ia escapar como é que está deste lado? Quero saber de sua própria boca que ruído foi aquele que ouvi. Diga-me, de verdade. Sua vida depende de sua sinceridade.

— Minha sinceridade me é mais cara do que minha vida, senhor — disse o camponês. — Nem eu compraria uma vendendo a outra.

— Realmente! Jovem filósofo — disse Manfredo com desprezo, — diga-me então o que foi o ruído que ouvi?

— Pergunte-me o que posso responder — disse o

jovem — e me condene à morte imediatamente se disser uma mentira.

Manfredo, impacientando-se ainda mais com a constante firmeza e indiferença do jovem, gritou:

— Então, muito bem, homem da verdade, responda: foi a porta do alçapão que eu ouvi?

— Foi — disse o jovem.

— Foi! — exclamou o príncipe. — E como você chegou a saber que havia um alçapão por aqui?

— Um raio de luar iluminou uma placa de metal — respondeu ele.

— Mas o que lhe disse que aquilo era uma fechadura? — indagou Manfredo. — Como descobriu o segredo de sua abertura?

— A Providência Divina que me libertou do elmo também foi capaz de me conduzir até a mola da fechadura — respondeu.

— A Providência deveria ter ido um pouco mais longe, pondo-o fora do alcance de minha vingança — disse Manfredo. — Quando a Providência o ensinou a abrir a fechadura, não se deu conta do tolo que é, que não sabe fazer uso de seus favores. Por que não seguiu o caminho que apontava sua saída? Por que fechou a porta do alçapão antes de descer os degraus?

— Também poderia perguntar-lhe, meu senhor — disse o campônio, — como é que eu, desconhecendo por completo esse seu castelo, iria saber que tais degraus conduziam a alguma saída? Mas não vou fugir às suas perguntas. Aonde quer que esses degraus conduzam, talvez eu devesse tê-los explorado — pois não poderia encontrar-me em situação pior do que aquela em que já estava. Mas a verdade é que deixei a porta do alçapão cair e o que se seguiu foi sua chegada imediata. Eu tinha dado o alarme — que me importava ser agarrado um minuto antes ou um minuto depois?

— É verdadeiramente um bandido para os anos que tem — disse Manfredo. — Entretanto, refletindo bem, desconfio que está a brincar comigo: ainda não me contou como conseguiu abrir a fechadura.

— Isso é o que vou lhe mostrar, meu senhor — disse o jovem camponês.

E tomando um pequeno pedaço de pedra que havia caído de cima, debruçou-se sobre o alçapão e começou a bater na peça de metal que a cobria;, tentava ganhar tempo para a fuga da princesa. Tal presença de espírito, acrescida à sinceridade da juventude, surpreendeu Manfredo. Este até sentiu certa disposição em perdoar quem não era culpado de crime algum. Manfredo não era

um desses tiranos bárbaros que se afundam na crueldade sem qualquer provocação. As circunstâncias de seu destino haviam contribuído para dar uma aspereza a seu caráter, o qual era, por sua natureza, bastante humano; e suas virtudes estavam sempre prontas a aparecer, quando as paixões não lhe obscureciam a razão.

Enquanto o príncipe estava envolto nesses pensamentos, um confuso rumor de vozes ecoou através dos longínquos salões. À medida que o som se aproximava, distinguiu claramente o clamor de alguns de seus criados, que se haviam espalhado pelo castelo à procura de Isabela, chamando:

— Onde está o meu senhor? Onde está o príncipe?

— Estou aqui — respondeu Manfredo, quando esses se aproximaram ainda mais. — Encontraram a princesa?

O primeiro a chegar respondeu:

— Oh, meu senhor! Estou feliz por tê-lo encontrado.

— Encontrado a mim? — disse Manfredo. — Vocês encontraram a princesa?

— Acreditamos que a tínhamos encontrado, meu senhor — disse o tal criado, parecendo aterrado, — mas...

— Mas o quê? — gritou o príncipe. — Ela escapou?

— Jaquez e eu, meu senhor...

— Sim, eu e Diego — interrompeu o segundo, que se pôs em auxílio, ainda mais consternado.

— Fale um de cada vez — disse Manfredo. — Pergunto-lhes onde está a princesa?

— Nós não sabemos — responderam ambos ao mesmo tempo; — mas estamos terrivelmente assustados.

— É o que estou vendo, imbecis — clamou Manfredo.

— Que é que lhes deu tanto medo?

— Oh, meu senhor! — disse Jaquez. — Diego viu tamanha coisa! Sua alteza não acreditaria em seus olhos!

— Que grande absurdo é esse? — gritou Manfredo.

— Deem-me uma resposta direta ou por Deus...

— Sim, meu senhor, se apraz à sua alteza ouvir-me — disse o pobre servo. — Diego e eu...

— Sim, Jaquez e eu — gritou seu companheiro.

— Já não os proibi de falarem ambos ao mesmo tempo? — exclamou o príncipe. — Você, Jaquez, responda, que o outro insano parece ainda mais fora de si do que você, o que acontece?

— Meu gracioso senhor — disse Jaquez, — se apraz à sua alteza ouvir-me; Diego e eu, de acordo com as ordens de sua alteza, saímos à procura da jovem princesa, mas sendo possível que encontrássemos o fantasma do meu

jovem senhor, o filho de sua alteza, que descanse em paz, já que não recebeu um enterro cristão...

— Idiota! — gritou Manfredo enraivecido. — Foi então apenas um fantasma o que viram?

— Oh, pior! Pior!, meu senhor! — gritou Diego. — Antes eu tivesse visto dez fantasmas.

— Santa paciência! — disse Manfredo. — Esses imbecis me atrapalham... Fora daqui, Diego! E você, Jaquez, responda-me numa palavra, você bebeu? Está delirando? Você costumava ser um homem de juízo; será que o outro imbecil conseguiu apavorar-se a si mesmo e a você também? Fale. O que ele imagina ter visto?

— Sim, meu senhor — retrucou Jaquez tremendo, — eu ia contar a sua alteza que, desde a calamitosa desgraça de meu jovem senhor, Deus tenha pena de sua alma!, nenhum de nós, leais servos de sua alteza, o que de fato somos, meu senhor, apesar de pobres homens; como estou dizendo, nenhum de nós ousou dar um passo no castelo, senão acompanhado por outro: assim Diego e eu, pensando que a nossa jovem princesa pudesse estar na grande galeria, fomos até lá para procurá-la e dizer-lhe que sua alteza tinha algo a transmitir-lhe.

— Oh, bando de malucos! — gritou Manfredo. — E nesse meio tempo ela escapou porque vocês têm medo de

diabinhos! Idiotas! Ela me deixou na galeria, eu mesmo vim de lá...

— Ela ainda deve estar por lá, por tudo que sei — disse Jaquez; — mas que o diabo me leve antes de eu ir procurá-la lá de novo!... Pobre Diego! Acho que nunca vai se recuperar!

— Recuperar do quê? — disse Manfredo. — Será que nunca saberei o que é que aterrorizou esses dois paspalhos? Estou perdendo meu tempo; siga-me, escravo! Irei ver se ainda está na galeria.

— Pelo amor de Deus, meu bom senhor — gritou Jaquez, — não vá até a galeria! Creio que é Satã em pessoa que está no grande aposento lateral.

Manfredo, que até então havia tratado o terror de seus criados como um pânico sem razão, ficou pasmo ante a nova circunstância. Recordou a aparição do retrato e a porta que se fechou repentinamente no fundo da galeria... Sua voz titubeou e perguntou um tanto desorientado:

— O que é que há no grande aposento?

— Meu senhor — disse Jaquez, — quando Diego e eu entramos na galeria, ele entrou à frente, pois disse que tinha mais coragem do que eu. Assim, quando entramos na galeria, não encontramos ninguém. Olhamos debaixo

de todos os bancos e cadeiras; e ainda assim não encontramos ninguém.

— Os quadros estavam todos em seus lugares? — perguntou Manfredo.

— Sim, meu senhor — respondeu Jaquez; — mas não tivemos a ideia de olhar atrás deles.

— Bem, bem! — disse Manfredo, — prossiga.

— Quando alcançamos a porta do grande quarto — continuou Jaquez, — ela estava fechada.

— E não conseguiram abri-la? — interrompeu Manfredo.

— Oh! sim, meu senhor, houvera Deus que não o tivéssemos! — replicou ele. — Não, não fui eu, foi Diego: ele estava obcecado e avançou, embora eu o alertasse para parar. Nunca mais hei de abrir uma porta que está fechada...

— Não brinque — disse Manfredo estremecendo, — mas me diga, o que viram no aposento grande ao abrir a porta?

— Eu, meu senhor! — disse Jaquez, — eu não vi nada; eu estava atrás de Diego; mas ouvi o barulho.

— Jaquez — disse Manfredo num tom de voz solene, — diga-me, obrigo-o por todas as almas de meus

antepassados, o que é que você viu? O que é que você ouviu?

— Foi Diego que viu, senhor, não fui eu — replicou Jaquez. — Eu só ouvi o barulho. Assim que Diego abriu a porta, gritou e virou-se correndo. Também corri e perguntei "é o fantasma?" "O fantasma! Não, não", disse Diego, o seu cabelo todo em pé, "é um gigante, acho; está todo de armadura, pois vi o seu pé e parte da perna e eles são tão grandes quanto o elmo lá no pátio". Quando ele proferiu essas palavras, meu senhor, ouvimos um violento chacoalhar da armadura, como se o gigante estivesse se levantando; pois Diego depois contou-me que ele acha que o gigante estava deitado, pois o pé e a perna estavam estirados no chão. Antes que pudéssemos chegar ao fim da galeria, ouvimos a porta do aposento cerrar-se às nossas costas, mas não ousamos nos virar para ver se o gigante estava nos seguindo. Mas agora, pensando nisso, creio que o teríamos ouvido se ele estivesse nos seguindo... Mas pelo amor de Deus, meu bom senhor, chame o capelão e mande-o exorcizar o castelo, pois, com certeza, com toda certeza, ele está enfeitiçado.

— Ah, faça isso, meu senhor — gritaram todos os

criados de uma só vez, — ou deixaremos o serviço de sua alteza.

— Calma, estúpidos! — disse Manfredo, — e sigam-me. Quero saber o que tudo isso significa.

— Nós? Meu senhor — gritaram todos numa só voz. — Não subiremos à galeria nem por toda a fortuna do mundo.

O jovem camponês, que até então estivera calado, falou:

— Permita, sua alteza, que eu tente tal aventura. Minha vida não é importante para ninguém: e não temo os anjos maus, nem ofendi nenhum anjo bom.

— Sua atitude é mais nobre do que sua aparência — disse Manfredo, fitando-o com surpresa e admiração. — Mais tarde recompensarei a sua coragem, mas agora... — soltou um suspiro — em tais circunstâncias, confio apenas nos meus olhos. No entanto, permito que me acompanhe.

Manfredo, assim que saíra da galeria em busca de Isabela, havia se dirigido diretamente para os aposentos de sua esposa, julgando que a princesa tivesse procurado refúgio lá. Hipólita, reconhecendo os seus passos, ergueu-se com uma ternura ansiosa para encontrar o seu senhor, que ela não vira desde a morte de seu filho.

Ela teria se lançado em seu peito, num misto de dor e alegria, porém ele a afastou rudemente, dizendo:

— Onde está Isabela?

— Isabela, meu senhor? — exclamou Hipólita perplexa.

— Sim, Isabela — gritou Manfredo imperiosamente, — traga-me Isabela.

— Meu senhor — apressou-se em dizer Matilda, que notara o quanto o comportamento de Manfredo havia chocado a sua mãe, — ela não esteve mais conosco desde que sua alteza chamou-a a seus aposentos.

— Diga-me onde ela está — insistiu o príncipe. — Não quero saber onde ela esteve.

— Meu bom senhor — disse Hipólita, — sua filha está dizendo a verdade: Isabela deixou-nos para atender às suas ordens e não voltou desde então. Mas, meu senhor, acalme-se, retire-se para descansar. Este dia sombrio já o perturbou demasiado. Isabela estará à sua disposição pela manhã.

— O quê? Quer dizer então que sabem onde ela está? — gritou Manfredo. — Digam-me imediatamente, pois não posso perder um instante. E você, mulher — disse, dirigindo-se à esposa, — diga ao seu capelão para vir ao meu encontro imediatamente.

— Isabela — retomou Hipólita calmamente — deve ter se retirado, imagino, para os seus aposentos: ela não está acostumada a velar até estas horas. Bondoso senhor — continuou ela, — faça-me saber o que é que tanto o perturba: será que Isabela o ofendeu?

— Não me encham com perguntas — disse Manfredo, — mas me digam onde ela está.

— Matilda irá chamá-la — disse a princesa, — agora sente-se, meu senhor, e recupere as suas forças.

— O quê? — replicou ele. — Será que você está com ciúmes de Isabela e quer estai' presente ao nosso encontro?

— Pelos céus! meu senhor — disse Hipólita, — que é que sua alteza quer dizer?

— Já vai descobrir dentro em pouco — disse o príncipe cruel. — Mande o seu capelão à minha presença, e espere por mim aqui.

Com tais palavras precipitou-se para fora da sala à procura de Isabela, deixando as duas mulheres estupefatas com as suas palavras e o seu comportamento frenético e perdidas em vãs conjecturas quanto às suas mais profundas intenções.

Manfredo agora estava voltando da cripta, acompanhado do camponês e de alguns de seus criados

que ele havia intimado a segui-lo. Subiu a escada sem parar até alcançar a galeria, em cuja porta encontrou Hipólita e seu capelão. Logo ao ter sido dispensado por Manfredo, Diego fora diretamente para os aposentos da princesa com a noticia do que havia presenciado. Aquela excelente senhora, que tanto quanto Manfredo não duvidava da realidade daquela visão, ainda assim afetava tratá-la como se tudo fosse um delírio do seu criado. Desejosa, no entanto, de evitar ao seu esposo um outro choque, e preparada por uma série de pesares a não tremer diante de novos agravos, estava determinada a sacrificar-se a si mesma em primeiro lugar, se acaso a sorte tivesse escolhido aquela hora para a destruição de todos. Ordenando à relutante Matilda que se recolhesse para descansar, a qual em vão implorou permissão para acompanhar a sua mãe, e esperando somente por seu capelão, Hipólita tinha percorrido a galeria e o grande aposento e agora, com mais serenidade na alma do que havia experimentado em várias horas, encontrou o seu senhor e assegurou-o de que a visão da gigantesca perna e pé não passava de uma fábula; sem dúvida uma impressão causada pelo medo e a escuridão e a sombria hora noturna, nas mentes de seus criados. Ela e o capelão

tinham examinado o quarto e encontrado todas as coisas em seu lugar.

Manfredo, embora convencido, como sua esposa, de que a visão não havia sido obra da fantasia, recobrou-se um pouco da tempestade mental em que tantos e tão estranhos acontecimentos o haviam atirado. Envergonhado também do tratamento inumano que concedera à princesa, que lhe devolvia cada injúria com novos movimentos de ternura e sentimento de dever, sentiu em seus próprios olhos a força do amor que retornava... Mas não menos envergonhado de sentir remorso por alguém, contra a qual ele estava interiormente maturando um ultraje ainda mais grave, dobrou os impulsos do seu coração e não se permitiu nem mesmo um pouco de piedade.

O próximo passo da sua alma foi em direção à mais pura vilania. Ciente da certa submissão de Hipólita, gabava-se de que ela iria não só aquiescer pacientemente quanto ao divórcio, como obedecer, se fosse do seu agrado, para tentar persuadir Isabela a confiar-lhe sua mão... Mas antes que pudesse prosseguir nessa hórrida esperança,

lembrou-se de que Isabela ainda não tinha sido encontrada. Voltando a si, deu ordens para que cada ala

do castelo fosse severamente vigiada e condenou os seus criados a pagarem com a própria vida caso deixassem alguém escapar. Ao jovem camponês, com o qual agora falava mais amigavelmente, ordenou que permanecesse num pequeno quarto junto da escada, em que havia uma cama de pajem, e do qual o próprio príncipe levou a chave, dizendo ao rapaz que viria conversar com ele pela manhã. Então, dispensando os criados e fazendo uma soturna reverência a Hipólita, retirou-se para os seus próprios aposentos.

II

Matilda, que, seguindo as ordens de Hipólita, havia se retirado para o seu quarto, não sentia disposição alguma para descansar. O destino terrível do seu irmão a afetara profundamente. Estava surpresa por não ver Isabela, mas as estranhas palavras que seu pai deixara escapar e

a obscura ameaça à princesa, sua mãe, acompanhada daquele comportamento extremamente furioso, haviam enchido sua doce mente com terror e aflição. Esperou ansiosamente pelo retorno de Bianca, uma jovem dama de companhia que lhe prestava serviços, e que havia mandado saber o que se passara com Isabela.

Bianca logo reapareceu e informou a sua senhora do que havia apreendido com os servos: Isabela não era encontrada em parte alguma. Relatou a aventura do jovem camponês, que fora descoberto na cripta, com as inúmeras adições simplórias dos relatos incoerentes dos servos; e enfatizou, sobretudo, a gigantesca perna e o pé que haviam sido vistos no grande aposento da galeria. Essa última circunstância havia aterrorizado Bianca de tal modo que ficou contente quando Matilda lhe disse que não iria descansar, mas velar até que a princesa-mãe acordasse.

A jovem princesa exauriu-se em conjecturas acerca da fuga de Isabela e das ameaças que Manfredo lançara à sua mãe.

— Mas que assunto tão urgente teria ele a tratar com o capelão? — disse Matilda.— Será que pretende enterrar o corpo do meu irmão secretamente na capela?

— Oh, senhora — disse Bianca, —já adivinhei.

Como você se tornou a sua herdeira, ele está impaciente em casá-la logo: sempre foi louco para ter mais filhos, garanto que agora ele está louco para ter netos. Tão certo quanto o fato de eu estar viva, senhora, finalmente irei vê-la desposar-se. Por favor, a senhora não irá dispensar a sua fiel Bianca; não vai pôr dona Rosaura me vigiando, agora que será uma grande princesa?

— Minha pobre Bianca — disse Matilda, — quão rápido os seus pensamentos voam! Eu, uma grande princesa! Que é que você viu no comportamento de Manfredo, desde a morte de meu irmão, que indique alguma maior ternura por mim? Não, Bianca, seu coração sempre foi um estranho para mim... porém ele é meu pai e não devo queixar-me. Não, se o céu não abriu o coração do meu pai para mim, ele mais recompensa o meu pouco mérito com o amor de minha mãe por mim. Oh, minha querida mãe! Sim, Bianca, é em relação a ela que me incomoda o mau humor de Manfredo. Posso suportar suas asperezas para comigo, pacientemente, mas fere a minha alma quando assisto ao seu rancor infundado para com ela.

— Oh, senhora — disse Bianca, — todos os homens tratam as suas esposas assim, quando estão cansados delas.

— E, no entanto, você me congratulou ainda agora — disse Matilda, — quando imaginou que meu pai desejava casar-me.

— Gostaria de vê-la tornar-se uma grande senhora — replicou Bianca, — não importa o que aconteça. Não quero vê-la mofando num convento, onde já estaria, se tivesse seguido a sua vontade e se a minha senhora, sua mãe, que sabe que um mau marido é melhor que marido algum, não a tivesse impedido... Deus do céu! que barulho é este? São Nicolau, protegei-me! Não estou falando por mal.

— É o vento — disse Matilda — soprando entre as ameias da torre lá em cima: você já o ouviu milhares de vezes.

— Não — disse Bianca, — também não há maldade alguma no que falei: não é pecado falar em matrimônio... E assim, minha senhora, como estava dizendo, se o senhor Manfredo lhe oferecesse um jovem e belo príncipe como noivo, iria você dispensá-lo e diria que preferiria entrar para o convento.

— Graças a Deus, não corro tal perigo! — disse Matilda. — Você sabe quantas propostas para mim ele já recusou.

— E você ainda o agradece, como a um pai que

cumpre o seu dever, não é, senhora?... Pense bem, imagine que amanhã de manhã ele a chame à grande sala do conselho e lá você o encontre com um príncipe adorável ao seu lado, de grandes olhos negros, uma bela testa branca e o cabelo caindo em cachos; em resumo, senhora, um jovem herói semelhante ao retrato de Afonso na galeria, diante do qual a senhora fica sentada, admirando-o horas a fio.

— Não fale tão levianamente de tal quadro — interrompeu Matilda suspirando, — sei que a adoração com a qual olho aquele retrato não é comum... Mas não estou apaixonada por um painel colorido. O caráter daquele príncipe virtuoso, a veneração da qual minha mãe me imbuiu em relação à sua memória, as orações que, não sei por que razão, ela insiste para que eu reze diante do seu túmulo, tudo isso concorreu para me convencer de que, de um modo ou de outro, meu destino está ligado a algo que se relaciona com ele.

— Deus! como pode ser assim? — indagou Bianca. — Sempre ouvi que a sua família não tinha nenhum parentesco com a dele. E certamente não consigo entender por que minha senhora, a princesa, a envia numa manhã fria ou numa noite úmida para orar diante do seu túmulo. Conforme o almanaque, ele não é santo.

Se você deve rezar, por que ela não diz para você rezar para o nosso grande São Nicolau? É para ele que rezo pedindo um marido.

— Talvez eu entendesse tudo mais claramente se minha mãe me explicasse as suas razões — disse Matilda. — Mas é o mistério que ela mantém que me inspira assim... Não sei que nome dar a isso. Como ela nunca age por capricho, tenho certeza de que há algum segredo fatal em tudo isso. Ah, eu até sei: em sua agonia pela morte de meu irmão, ela deixou escapar algumas palavras que davam a entender algo assim.

— Oh, cara senhora — disse Bianca, — o que ela disse?

— Não — disse Matilda. — Se um pai deixa escapar uma palavra e quer que ela se perca, não cabe a um filho repeti-la.

— O quê? Arrependeu-se do que disse? — perguntou Bianca. — Tenho certeza, senhora, de que pode confiar em mim.

— Meus próprios insignificantes segredos, sim, eu posso, quando tiver algum — replicou Matilda; — mas nunca os de minha mãe. Um filho só deve ter olhos e ouvidos para o que os seus pais desejam.

— Bem! com toda certeza a senhora nasceu para

santa — disse Bianca, — e não há como resistir à própria vocação: a senhora ainda vai acabar num convento. Mas nesse ponto, minha senhora, Isabela não seria tão reservada comigo: ela permite que conversemos sobre rapazes; e quando um belo cavaleiro veio ao castelo, confessou-me que desejaria que seu irmão Conrado fosse parecido com ele.

— Bianca! — disse a princesa, — não permito que mencione minha amiga desrespeitosamente. Isabela tem o temperamento alegre, mas sua alma é pura como a virtude em pessoa. Ela conhece o seu jeito fútil e falastrão e talvez até tenha, uma vez ou outra, a encorajado, para afastar a tristeza e animar a solidão em que meu pai nos mantém encerradas.

— Santa Maria! — disse Bianca, dando um pulo, — está aí de novo! Boa senhora, não está ouvindo nada? Com certeza este castelo está assombrado!

— Calma! — disse Matilda — e ouça! Penso ter ouvido uma voz... mas deve ser a imaginação; seus temores devem ter me contagiado.

— É verdade! é verdade! senhora — disse Bianca, quase chorando de desespero, — tenho certeza de que ouvi uma voz.

— Há alguém dormindo no quarto lá debaixo? — disse a princesa.

— Ninguém ousou deitar-se lá — respondeu Bianca, — desde que o grande astrólogo que foi o tutor do seu irmão se afogou. Com certeza, senhora, o seu fantasma e o do jovem príncipe agora estão se encontrando no quarto de baixo. Pelo amor de Deus, vamos correr para os aposentos da sua mãe!

— Ordeno-lhe que não dê um passo — disse Matilda.

— Se forem espíritos atormentados, podemos aliviar os seus sofrimentos conversando com eles. Não nos podem causar mal algum, pois não os ofendemos... e se quisessem, será que estaríamos mais seguras num quarto do que noutro? Passe-me o meu terço; faremos uma oração e então iremos falar com eles.

— Oh, cara senhora, eu não falaria com um fantasma por nada neste mundo — exclamou Bianca.

Mal acabara de dizer essas palavras, ouviram abrir-se a janela do pequeno quarto logo abaixo do de Matilda. Escutaram com toda a atenção e em poucos minutos pensaram estar ouvindo uma pessoa cantando, mas sem conseguir distinguir as palavras.

— Esse não é nenhum espírito maligno — disse

a princesa em voz baixa, — é, sem dúvida, alguém da família. Abra a janela e descobriremos de quem é a voz.

— Não ouso, senhora — disse Bianca.

— Você é mesmo uma grande tola — disse Matilda, abrindo a janela com cuidado.

No entanto, o barulho provocado pela princesa foi ouvido pela pessoa que estava embaixo, que parou, e, conforme as duas concluíram, percebeu que a janela tinha sido aberta.

— Há alguém aí embaixo? — indagou a princesa. — Se houver, fale.

— Sim — disse uma voz desconhecida.

— Quem é? — tornou Matilda.

— Um desconhecido — devolveu a voz.

— Que desconhecido? — disse ela. — E como foi que chegou até aí numa hora dessas, quando todas as entradas do castelo estão trancadas?

— Não estou aqui por minha vontade — respondeu a voz, — mas perdoe-me, senhora, se perturbei seu descanso: não sabia que havia alguém a escutar-me. Como o sono me abandonou, deixei o leito e vim à janela passar estas tristes horas esperando o dia amanhecer, cheio de impaciência para poder abandonar logo este castelo.

— Suas palavras e sua voz — disse Matilda — traem alguma melancolia. Se está infeliz, tenho piedade de você. Se a pobreza o aflige, deixe-me sabê-lo; irei contá-lo à princesa, cuja alma nunca deixa de comover-se pelos aflitos e ela o ajudará.

— Estou mesmo infeliz — disse o estranho — e não sei o que é a fartura. Mas não me lamento da sorte que o céu escolheu para mim: sou jovem e sadio e não tenho vergonha de sustentar-me a mim mesmo. No entanto, não pense que sou orgulhoso e que desdenho a sua generosa oferta. Eu me lembrarei de você em minhas orações e rezarei por bênçãos para a sua graciosa pessoa e nobre senhora... se suspiro, senhora, é pelos outros, não por mim.

— Já sei, senhora — disse Bianca, sussurrando no ouvido da princesa. — Esse é aquele jovem camponês e com toda certeza ele está apaixonado! Bem, é uma bela aventura! Vamos, senhora, vamos cutucá-lo! Ele não a conhece, pensa que a senhora é uma das damas de companhia da princesa Hipólita.

— Você não tem vergonha, Bianca? — disse a princesa. — Que direito temos nós de espionar os segredos do coração desse rapaz? Ele parece sincero e virtuoso e nos revelou que está infeliz: será que tais

circunstâncias nos autorizam a agir como se ele fosse o nosso brinquedo? Será que temos o direito de abusar da sua confiança?

— Deus! Quão pouco a senhora sabe do amor! — replicou Bianca, — os apaixonados não sentem prazer maior do que em falar a respeito de suas amadas.

— E você quer que eu me torne a confidente de um camponês?— disse a princesa.

— Bem, então, deixe-me falar com ele — disse Bianca, — embora eu tenha o privilégio de ser a dama de honra de sua alteza, nem sempre ocupei cargos tão elevados; além disso, se o amor iguala todos os níveis, ele os eleva também: tenho um profundo respeito por qualquer rapaz apaixonado.

— Calma, sua tolinha! — exclamou a princesa. — Embora ele tenha dito que está infeliz, daí não se depreende que esteja apaixonado. Pense em tudo o que aconteceu hoje e me diga se não existem outras desgraças além das que o amor provoca.

Voltando-se para o desconhecido, ela continuou:

— Estranho, se os seus infortúnios não foram causados por sua própria ação e se estiver ao alcance da princesa Hipólita minorá-los, dou-lhe minha palavra que ela se tornará sua protetora. Quando puder sair

deste castelo, dirija-se ao bom padre Jerônimo no convento contíguo à Igreja de São Nicolau e conte-lhe a sua história, o mais exato que puder: ele não tardará em avisar a princesa, que age como uma mãe para todos aqueles que precisam da sua proteção. Adeus: não é apropriado para mim manter uma conversa com um homem a esta hora.

— Que os santos a protejam, boa senhora! — retornou o camponês. — Mas, oh, se um pobre e insignificante estranho puder implorar-lhe um minuto a mais da sua atenção... Terei essa felicidade? A janela ainda não está fechada... poderia perguntar-lhe...

— Fale rápido! — disse Matilda, — a madrugada está chegando. Não quero que os homens que vão para os campos nos percebam. Que queria perguntar?

— Não sei como... Não sei se ouso — disse o jovem desconhecido, hesitando, — mas a bondade com a qual há pouco me falou dá-me coragem. Senhora! posso confiar em sua pessoa?

— Céus! — disse Matilda — que você quer dizer? Que iria confiar a mim? Fale abertamente, se tal segredo pode ser confiado a uma alma virtuosa.

— Queria perguntar-lhe — disse o camponês,

recompondo-se — se o que ouvi dos criados é verdade, que a princesa Isabela sumiu do castelo?

— Que lhe importa saber? — replicou Matilda. — Suas primeiras palavras revelavam uma cuidadosa e digna gravidade. Agora quer bisbilhotar os assuntos secretos de Manfredo? Adeus. Cometi um erro ao confiar em você.

Dizendo tais palavras, fechou a janela rapidamente, sem dar ao jovem tempo para responder.

— Eu teria agido cora mais sabedoria — disse a princesa para Bianca, com alguma rispidez, — se tivesse deixado você conversar com esse camponês: a curiosidade dele se parece muito com a sua,

— Não me é apropriado discordar de sua alteza — disse Bianca, — mas talvez as perguntas que eu lhe fizesse nos teriam trazido mais proveito do que as que a senhora lhe fez.

— Oh, sem dúvida — disse Matilda, — você é uma pessoa muito discreta! E posso saber que perguntas lhe faria?

— Um espectador muitas vezes vê o jogo melhor do que aqueles que o estão jogando — respondeu Bianca. — Será que sua alteza acredita que tal interesse por Isabela é resultado de mera curiosidade? Não, não, senhora; há

mais coisa aí do que seus elevados parentes estão percebendo. Lopez me disse que todos os criados acreditam que esse jovem camarada planejou a fuga da senhora Isabela... Agora, por favor, senhora, considere... Você e eu sabemos que a senhora Isabela nunca teve grande afeto pelo príncipe, seu irmão. Ora! ele é assassinado bem no momento crítico... não estou acusando ninguém. Um elmo despenca lá da lua — assim diz o senhor seu pai, — mas Lopez e todos os outros dizem que este rapazola é um mago e o roubou do túmulo de Afonso.

— Acabe logo com esta maluquice impertinente — disse Matilda.

— Sim, senhora, como quiser — exclamou Bianca, — no entanto, é muito esquisito que a senhora Isabela tenha desaparecido no mesmo dia e que esse jovem feiticeiro tenha sido encontrado perto do alçapão... Não estou acusando ninguém, mas se o meu jovem senhor teve morte honesta...

— Não ouse em sã consciência — proclamou Matilda — lançar qualquer suspeita acerca da pureza da minha querida Isabela.

— Com pureza ou sem pureza — disse Bianca, — desaparecida ela está. Um estranho é descoberto, do qual nunca ninguém ouviu falar. Quando questionado,

diz que está apaixonado, ou infeliz, o que é a mesma coisa — não, ele confessou que estava infeliz por outros; e quando é que alguém se sente infeliz por um outro a não ser quando está apaixonado? E logo depois ele pergunta, inocentemente, oh pobre alma!, se a senhora Isabela fugiu.

— Certamente — disse Matilda — suas considerações não são inteiramente sem fundamento. O sumiço de Isabela intriga-me; a curiosidade deste estranho é mesmo esquisita, no entanto, Isabela nunca escondeu um só pensamento de mim.

— Assim ela lhe disse — afirmou Bianca — para extrair seus próprios segredos; mas quem sabe, senhora, esse estranho pode ser um príncipe disfarçado? Deixe-me abrir a janela, senhora, e fazer-lhe urnas poucas perguntas.

— Não — retrucou Matilda, — eu mesma perguntarei se ele sabe algo de Isabela: ele não é digno para que eu estenda a conversa além disso.

Mas quando ia abrir a janela, ambas as mulheres ouviram tocar o sino na entrada posterior do castelo, na ala direita da torre, onde Matilda se recolhia. Isso impediu que a princesa reatasse a conversa com o estranho.

Depois de permanecer em silêncio por algum tempo, a princesa voltou-se para Bianca:

— Estou convencida de que qualquer que tenha sido a causa da fuga de Isabela, não foi por um motivo insignificante. Se esse desconhecido a ajudou nisso, ela deve estar-lhe reconhecida por sua lealdade e valor. Notei, você não, Bianca?, que suas palavras tinham um tom de profunda e incomum compaixão. Não era a fala de um rufião: suas frases eram dignas de um homem bem-nascido.

— Quanto a isso, senhora — retrucou ela, — se ele conseguiu escapar de sob o elmo, encontrará maneiras de escapar também da ira do senhor seu pai. Não duvido que ele tenha um talismã ou algo assim em seu poder.

— Para você tudo se resolve com magia — disse Matilda, — mas um homem que mantém contato com os espíritos infernais não ousa empregar aquelas temerárias e sagradas palavras que pronunciou. Você não reparou com que fervor jurou recordar-se de mim em suas orações? Sim, Isabela, sem dúvida, acreditou em sua piedade.

— Não me recomende demasiado ã piedade de um rapazola e de uma donzela que consentiu em escapar! — exclamou Bianca. — Não, não, senhora, a princesa

Isabela é de feitio muito diverso do que a senhora imagina. Ela, de fato, costumava suspirar e levantar os olhos para o céu quando estava em sua companhia, porque sabia que a senhora é uma santa, mas quando estava de costas...

— Você a está julgando mal! — disse Matilda. — Isabela não é nenhuma hipócrita; ela tem senso de devoção; simplesmente nunca afeta uma vocação que não sinta. Ao contrário, sempre combateu minha inclinação para o claustro e, embora eu admita que me fazer mistério de sua fuga confunde-me, embora isso pareça estranho à amizade que nos une, não posso esquecer o ardor desinteressado com que ela se opunha ao meu desejo de tomar o véu. Queria ver-me casada, mesmo sabendo que o meu dote seria uma perda para os filhos dela e do meu irmão. Pelo bem dela, pensarei o melhor desse jovem camponês.

— Então a senhora acha que pode haver alguma afeição entre eles? — disse Bianca.

Enquanto falava, um criado entrou apressadamente no quarto e contou à princesa que a senhora Isabela fora encontrada.

— Onde? — perguntou Matilda.

— Ela tomou abrigo no santuário da Igreja de São Nicolau — respondeu o criado. — O padre Jerônimo

trouxe pessoalmente a notícia; ele está lá embaixo com sua alteza.

— Onde está minha mãe? — tornou Matilda.

— Está nos seus aposentos e pediu a sua presença, senhora.

Manfredo havia se levantado com o primeiro raio do amanhecer e fora até o quarto de Hipólita perguntar-lhe sobre o paradeiro de Isabela. Enquanto ele a interrogava, trouxeram-lhe a mensagem de que Jerônimo desejava falar-lhe. Manfredo, sem suspeitar a razão da visita do padre e sabendo que ele era o encarregado de Hipólita por suas obras de caridade, ordenou que fosse admitido, pretendia deixar os dois a sós, enquanto continuava sua busca por Isabela.

— Seu assunto é comigo ou com a princesa? — indagou Manfredo.

— Com ambos — replicou o santo homem. — A princesa Isabela...

— Onde está ela? — interrompeu Manfredo avidamente.

— ...está no claustro de São Nicolau — continuou Jerônimo.

— Esse não é assunto para Hipólita — disse Manfredo um tanto confuso, — retiremo-nos para o meu

quarto, padre, e me informe sobre como ela chegou até lá.

— Não, meu senhor — respondeu o bom homem, com um ar de firmeza e tamanha autoridade que fizeram recuar até mesmo o resoluto Manfredo, que não podia deixar de admirar as santas virtudes de Jerônimo. — Meu assunto é com ambos; e, com a benevolência de sua alteza, na presença de ambos hei de tratá-lo. Mas antes, devo indagar à princesa se ela está a par das razões que levaram a senhora Isabela a se ausentar deste castelo.

— Não, por minha alma — disse Hipólita. — Será que Isabela me acusa de alguma coisa?

— Padre — interrompeu Manfredo, — tenho o devido respeito para com a sua sagrada profissão; mas eu sou o soberano aqui e não permitirei que padre algum interfira nos assuntos de minha casa. Se tem algo a dizer, espere por mim nos meus aposentos. Eu não costumo permitir que minha esposa tome conhecimento dos assuntos secretos do meu estado; eles estão fora da jurisdição de uma mulher.

— Meu senhor — disse o santo homem, — não sou nenhum intruso nos segredos das famílias. Minha missão é promover a paz, curar as feridas, pregar o arrependimento e ensinar a humanidade a dobrar suas paixões

mais obstinadas. Perdoo as palavras pouco amigáveis de sua alteza: conheço meu dever e sou o ministro de um príncipe mais poderoso do que Manfredo. Dê ouvidos àquele que fala por minha boca.

Manfredo estremeceu de raiva e vergonha. O semblante de Hipólita demonstrava seu espanto e uma impaciência em saber aonde isso iria conduzir. Seu silêncio revelava bem seu respeito por Manfredo.

— A senhora Isabela — prosseguiu Jerônimo, — recomenda-se muito a suas altezas; agradece tanto pela hospitalidade com que foi tratada neste castelo e lamenta a morte do seu filho e sua própria infelicidade em não se tornar filha de tão nobres e sábios príncipes, os quais ela sempre respeitará como se fossem seus próprios pais: ela reza ao céu pela contínua união e felicidade de ambos.

A esta altura Manfredo corou.

— Mas não lhe sendo possível continuar em sua companhia, ela pede o consentimento de ambos para permanecer no santuário até que tenha alguma notícia do paradeiro de seu pai; ou, pela confirmação de sua morte, considere-se livre, com a aprovação de seus tutores, para contratar novo casamento.

— Não darei tal consentimento — exclamou Manfredo, — mas insisto em que ela retorne ao castelo

sem demora: eu sou responsável por sua pessoa perante os seus tutores, e não permitirei que fique sob a guarda de mais ninguém além da minha.

— Sua alteza deve ponderar se, nas atuais circunstâncias, isso ainda pode ser considerado adequado, — replicou o padre.

— Não quero conselhos de ninguém — irrompeu Manfredo, corando. — A conduta de Isabela dá margem a estranhas suspeitas... e aquele jovem vilão, que foi, pelo menos, cúmplice da sua fuga, se é que não foi a causa...

— A causa! — interrompeu Jerônimo. — Será que foi um rapazola a causa da sua fuga?

— É intolerável! — gritou Manfredo. — Devo ser admoestado em meu próprio castelo por um monge insolente? Suponho que tem intimidade com os seus amores.

— Rogaria a Deus para banir suas rudes acusações se sua alteza já não soubesse, em sã consciência, quão injustas elas são. De fato, rogo a Deus para que perdoe tal rudeza e imploro a sua alteza que deixe a princesa em paz, naquele sagrado recinto, onde ela não está sujeita a ser perturbada pelas fantasias vãs e mundanas das palavras de amor vindas de qualquer homem.

— Não implore a mim — disse Manfredo, — volte lá e chame a princesa a seu dever.

— É meu dever impedir que ela retorne para cá — disse Jerônimo. — Ela está onde os órfãos e as virgens encontram-se a salvo das artimanhas e embustes deste mundo; e nada, a não ser a autoridade de um pai, a tirará de lá.

— Sou seu pai — gritou Manfredo — e estou dando uma ordem.

— Ela desejava tê-lo como pai — disse o padre, — mas o céu, que impediu tal relação, dissolveu para sempre todos os laços que os uniam. Anuncio para sua alteza...

— Pare! Homem por demais atrevido — disse Manfredo, — e fuja do alcance da minha ira.

— Santo padre — disse Hipólita, — é Sua missão não temer as pessoas; deve dizer aquilo que o seu dever o obriga. Mas é meu dever não ouvir nada que o meu senhor não deseja que eu ouça. Vou recolher-me à capela e orar à Virgem abençoada para que o inspire, com seus santos conselhos, e devolva ao coração do meu bom senhor a desejada paz e ternura.

— Excelente mulher! — disse o padre. — Meu senhor, estou à sua disposição.

Manfredo, seguido pelo padre, encaminhou-se para os seus aposentos. Fechando a porta, falou;

— Percebo, padre, que Isabela o colocou a par de meus propósitos. Agora ouça minha resolução e obedeça. Razões de estado, razões das mais urgentes, de que dependem a segurança minha e do meu povo, tornam necessário que eu tenha um filho. É inútil esperar um herdeiro de Hipólita. Eu escolhi Isabela. O senhor deve trazê-la de volta e deve fazer ainda mais. Sei da influência que o senhor exerce sobre Hipólita: a consciência dela está em suas mãos. Ela é, admito, uma mulher impecável: sua alma está ancorada no céu e despreza as pequenas grandezas deste mundo. O senhor pode apartá-la daqui inteiramente. Convença-a a consentir na dissolução do nosso casamento e entrar para um convento — ela pode distribuir todo o seu dote, como quiser, e terá os meios de ser tão pródiga para com a sua ordem, tanto quanto ela ou o senhor podem desejar. Assim estará afastando as calamidades que pairam sobre as nossas cabeças e terá o mérito de salvar da destruição o Principado de Otranto. O senhor é um homem prudente e, embora o fogo do meu temperamento tenha me arrastado a proferir algumas expressões impróprias, honro suas virtudes e quero pôr

em suas mãos a paz da minha vida e a preservação da minha família.

— Que a vontade de Deus seja feita! — clamou o padre. — Sou apenas seu ínfimo instrumento. Ele faz uso da minha língua para dizer-lhe, ó príncipe, desses insustentáveis desígnios. Suas injúrias à virtuosa Hipólita foram ouvidas pelo trono celestial.. Por minha voz, o céu censura-o por suas adúlteras intenções de repudiá-la; por minha voz, alerta-o a não prosseguir em seu incestuoso desígnio, com sua nova filha. O firmamento, que a libertou da sua fúria, quando a sentença que tão recentemente caiu sobre sua casa devia ter-lhe inspirado outros pensamentos, continuará a protegê-la. Mesmo eu, um pobre e desprezível padre, sou capaz de protegê-la da sua violência... Eu, pecador como sou, e impiedosamente acusado por sua alteza de cúmplice de não sei que amores, desprezo as riquezas com que tentou subornar a minha honestidade. Amo a minha ordem, honro as almas devotas, respeito a caridade da sua esposa; não trairei a confiança que ela tem em mim, nem servirei à causa da religião com loucas e pecaminosas alianças... Mas, veja só, os negócios de estado dependem de sua alteza ter um filho. O céu zomba das visões míopes dos homens. Ainda ontem, qual casa era tão grande, tão próspera quanto a

de Manfredo?... — Onde está o jovem Conrado agora?... Meu senhor, respeito suas lágrimas, mas não pretendo estancá-las... Deixe que corram, príncipe, o céu as levará mais em conta para a causa dos seus negócios do que um casamento que, fundado em luxúria ou política, jamais poderia prosperar. O cetro, que passou da raça de Afonso à sua, não pode ser preservado por uma união que a Igreja nunca permitirá. Se for a vontade do Altíssimo que o nome de Manfredo desapareça, resigne-se, meu senhor, aos seus decretos e esteja assim à altura de uma coroa que nunca passará... Venha, meu senhor, prefiro essa tristeza... Vamos até a princesa: ela não está a par de suas cruéis intenções, nem eu pretendia mais do que alarmá-lo. O senhor viu com que dócil paciência, com quais tremendos esforços de amor, ela ouviu, ela recusou Ouvir a extensão da sua culpa. Sei que ela anseia por ampará-lo em seus braços e lhe assegurar sua imutável afeição.

— Padre — disse o príncipe, — o senhor não compreende a natureza da minha compunção. Verdadeiramente, tenho em alta conta as virtudes de Hipólita, considero-a mesmo uma santa e desejaria, fosse pela saúde da minha alma, estreitar ainda mais os laços que nos uniram... Mas, aias! padre, o senhor não

conhece a mais amarga das minhas dores! Já faz algum tempo que tenho tido escrúpulos quanto à legalidade da nossa união: Hipólita é minha prima em quarto grau... É verdade que obtivemos uma dispensa; mas fui informado de que ela também já fora prometida a outro. É isso que pesa no meu coração: a esse estado de matrimônio ilegal, imputo a desgraça que, com a morte de Conrado, abateu-se sobre mim!... Alivie minha consciência desse fardo; dissolva o nosso casamento e complete o piedoso trabalho que as suas divinas palavras iniciaram na minha alma.

Quão profunda foi a angústia que o bom homem experimentou quando se deu conta da armadilha do astucioso príncipe! Tremeu por Hipólita, cuja ruína, ele viu, já estava desenhada; e temeu que, se Manfredo perdesse a esperança de recuperar Isabela, sua impaciência de ter um filho o dirigisse para algum outro alvo, que talvez não fosse tão imune às tentações de alguém que possuía um posto tão elevado quanto Manfredo.

Por algum tempo o santo homem permaneceu absorto em seus pensamentos. Por fim, acreditando que alguma esperança poderia advir da demora, achou que o melhor a fazer seria evitar que o príncipe desistisse

inteiramente de recuperar Isabela. O padre sabia que podia contar com ela para sustentar os seus pontos de vista, por sua afeição para com Hipólita e pela aversão com que lhe narrara as intenções de Manfredo, até que as censuras da Igreja pudessem ser dirigidas contra o divórcio.

Com isso em mente, como se comovido pelos escrúpulos do príncipe, disse finalmente:

— Meu senhor, estive ponderando o que sua alteza acaba de me dizer; e se, na verdade, é a delicadeza da sua consciência o real motivo da sua repugnância por sua virtuosa esposa, longe de mim aumentar-lhe ainda mais o peso no seu coração! A Igreja é uma mãe indulgente; confesse-lhe os seus pesares: somente ela pode administrar o conforto da sua alma, seja satisfazendo sua consciência ou, ao examinar seus escrúpulos, pondo-lhe em liberdade e lhe permitindo os meios legais para dar prosseguimento à sua linhagem. Neste último caso, se a senhora Isabela vier a concordar...

Manfredo, concluindo que ou tocara profundamente o bom padre ou o sermão que este inicialmente lhe pregara fora apenas um tributo pago paia salvar as aparências, ficou superexcitado com essa transformação repentina e passou a repetir as mais magníficas

promessas, se ele obtivesse sucesso por intermédio do padre. O bem-intencionado religioso de tudo fez para não o decepcionar, determinado que estava a contrariar as suas intenções, em vez de apoiá-las.

— Uma que agora nos entendemos um ao outro — continuou Manfredo, — espero, padre, que o senhor me satisfaça num ponto. Quem é o jovem que encontramos na cripta? Estará ele a par da fuga de Isabela? Diga-me verdadeiramente: é ele o seu amante? ou será o agente para a paixão de um outro? Muitas vezes suspeitei da indiferença de Isabela para com o meu filho: mil circunstâncias acumulam-se em minha mente para confirmar tal suspeita. Ela mesma estava tão consciente disso que, quando eu lhe falava na galeria, ela antecedeu-se às minhas suspeitas e começou a justificar-se por sua frieza para com Conrado.

O padre, que nada sabia acerca do rapaz senão o que ouvira muito rapidamente da princesa, sem saber o que se passara com ele e também sem considerar suficientemente o temperamento impetuoso de Manfredo, imaginou que seria oportuno lançar algumas sementes de ciúme em sua mente. Elas poderiam ter algum uso mais tarde, fosse predispondo o príncipe contra Isabela, se ele insistisse em tal união; fosse atraindo a sua

atenção para uma falsa pista, voltando os seus pensamentos para uma intriga imaginária e evitando assim que ele se envolvesse em alguma nova perseguição.

Com essa política infeliz, ele respondeu de modo a confirmar a crença de Manfredo em alguma relação entre

Isabela e o rapazola. O príncipe, cujas paixões precisavam de muito pouco combustível para arder violentamente, ficou furioso com o que o padre acabara de sugerir-lhe.

— Acabarei de vez com essa intriga — gritou.

E deixou Jerônimo bruscamente, ordenando-lhe que ali permanecesse à sua espera; rumou apressadamente para o grande saguão do castelo e mandou que o camponês fosse trazido à sua presença.

— Seu grande impostor! — disse o príncipe, assim que avistou o rapaz — Onde está a sua tão proclamada verdade? Terá sido a Providência, terá sido ela, e os raios da lua que revelaram a fechadura do alçapão aos seus olhos? Diga-me, rapaz atrevido, quem é você e há quanto tempo mantém relações com a princesa Isabela — e tome cuidado para responder-me com mais certezas do que fez ontem à noite, ou outras torturas extrairão o resto de verdade que ainda há em você.

O rapaz, percebendo que a sua participação na fuga da princesa fora descoberta, e concluindo que nada mais do que dissesse poderia favorecê-la ou prejudicá-la, retorquiu:

— Não sou um impostor, senhor meu; nem mereço essa linguagem rude. Respondi a todas as perguntas que sua alteza me dirigiu ontem à noite com a mesma veracidade com que falarei agora; e isso não por medo de torturas, mas porque a minha alma odeia falsidades. Por favor, repita suas perguntas, meu senhor; estou pronto para dar-lhe todas as satisfações que puder.

— Você sabe o que eu quero saber — retornou o príncipe — e está apenas querendo ganhar tempo para escapar delas. Seja direto: quem é você? e há quanto tempo é conhecido da princesa?

— Trabalho na aldeia próxima — disse o camponês.

— Meu nome é Teodoro. A princesa encontrou-me na cripta ontem à noite; até então eu nunca estivera em sua presença.

— Tanto posso acreditar nisso, como não — disse Manfredo, — mas ouvirei a sua história antes de analisar a sua veracidade. Diga-me, que razão deu-lhe a princesa para que você a ajudasse a escapar? Sua vida depende da sua resposta.

— Disse-me — retornou Teodoro — que estava à beira da destruição, e que, se não pudesse escapar do castelo, corria o risco de, em poucos minutos, ficar miserável para o resto da sua vida.

— E com base nessas afirmações levianas, no relato de uma tola menininha — disse Manfredo, — você ousou ir contra a minha vontade?

— Não temo desagradar a homem algum — disse Teodoro — quando uma mulher necessitada põe-se sob minha proteção.

Enquanto ocorria tal inquirição, Matilda seguia para os aposentos de Hipólita. No extremo superior do saguão, onde Manfredo estava sentado, havia uma galeria com painéis repletos de janelas e através das quais Matilda e Bianca deveriam passar. Ao escutar a voz do seu pai e vendo os criados todos reunidos à sua volta, ela parou para saber o que ocorria. Logo o prisioneiro atraiu a sua atenção. O modo firme e composto com o qual respondia às indagações e o cavalheirismo da sua última resposta, as primeiras palavras que ela ouviu distintamente, puseram-na num estado de ânimo a seu favor. O porte do jovem era nobre, belo e imponente, mesmo em tal situação; e o seu semblante logo atraiu completamente a sua atenção.

— Céus! Bianca — disse a princesa suavemente — será que estou sonhando? Aquele rapaz não tem exatamente a feição do retrato de Afonso pendurado na galeria?

Ela não pôde dizer mais nada, pois a voz do seu pai veio num crescendo:

— Essa bravata — disse ele — supera todas as suas outras insolências. Agora experimentará a ira com a qual quer brincar. Agarrem-no — prosseguiu Manfredo — e amarrem-no. A primeira notícia que a princesa terá do seu protetor será a de que ele perdeu a cabeça por sua causa.

— A injustiça com que me ofende — disse Teodoro — convence-me de que agi corretamente ao libertar a princesa da sua tirania. Que ela seja feliz, o que quer que aconteça comigo!

— Este é um amante! — gritou Manfredo num acesso de fúria — um camponês diante da morte jamais seria acometido por tais sentimentos. Diga-me, diga-me, seu

trapaceiro, quem é você ou as lanças irão extrair-lhe este segredo a qualquer custo.

— Sua alteza já me ameaçou de morte — disse o jovem — pela verdade que contei. Se é essa toda a

retribuição que devo esperar por minha sinceridade, não me sinto tentado a satisfazer mais essa vã curiosidade.

— Então não falará? — rugiu Manfredo.

— Não — retorquiu ele.

— Levem-no para o pátio — disse Manfredo; — quero ver sua cabeça cortada do corpo neste instante.

Ao ouvir tais palavras, Matilda desmaiou. Bianca estremeceu e gritou:

— Socorro! Socorro! A princesa está morta!

Manfredo surpreendeu-se com tais gritos e perguntou o que se passava. O jovem camponês, que também os ouvira, ficou aterrado e fez ansiosamente a mesma pergunta. Manfredo, porém, ordenou que o levassem rapidamente para o pátio de execução e ali o mantivessem à espera, até que ele próprio tivesse tomado conhecimento das razões dos gritos de Bianca. Quando finalmente compreendeu a situação, considerou tudo como mero ataque de pânico feminino e ordenou que Matilda fosse transportada para os seus aposentos. Em seguida, rumou para o pátio e, ordenando a um de seus guardas, obrigou que Teodoro se curvasse e se preparasse para receber o golpe fatal.

O destemido rapaz recebeu a amarga sentença com tamanha resignação que comoveu o coração de

todos, exceto o de Manfredo. Ele desejava sinceramente entender o significado das palavras que ouvira relacionadas com a princesa, mas temendo exasperar ainda mais o tirano contra ela, desistiu de saber. Dignou-se unicamente a pedir um confessor para que lhe fosse permitido apaziguar-se os céus. Manfredo, que esperava saber mais da história do rapaz por meio do confessor, prontamente concedeu-lhe esse desejo. Estando convencido de que o padre Jerônimo estava agora a seu favor, ordenou que fosse chamado e procedesse à confissão.

O santo homem, que não previra a catástrofe que a sua imprudência ocasionara, caiu de joelhos diante do príncipe e lhe implorou, do modo mais solene, que não derramasse sangue inocente. Recriminou-se amargamente por sua indiscrição, tentou livrar o rapaz de toda a culpa e se esforçou por todos os meios para aplacar a ira do tirano. Manfredo, mais inflamado do que apaziguado pela intercessão de Jerônimo, cuja reação agora o levava a pensar que fora enganado por ambos, ordenou ao religioso que cumprisse com o seu dever, dizendo que não iria conceder ao prisioneiro muitos minutos para a sua confissão.

— Nem estou pedindo muitos, meu senhor — disse o infeliz rapaz. — Meus pecados, graças a Deus!, não são

tão numerosos, nem excedem o que se poderia esperar na minha idade. Enxugue as suas lágrimas, bom padre, e vamos com isso: este é um mundo malvado e não tenho motivos para deixá-lo com remorso.

— Oh, desgraçado jovem! — exclamou Jerônimo. — Como pode suportar ver a mim com paciência? Eu sou seu assassino! Sou eu a razão dessa hora sombria!

— Do fundo da minha alma perdoo-o — disse o jovem. — assim como espero que o céu me perdoe. Ouça minha confissão, padre, e me dê a sua bênção.

— Como posso prepará-lo apropriadamente para a sua passagem? — disse Jerônimo. — Não poderá ser salvo se não perdoar seus inimigos. Está disposto a perdoar este ímpio?

— Sim, estou — disse Teodoro.

— E isso não o comove, cruel príncipe? — voltou-se o religioso.

— Eu o chamei para confessá-lo — disse Manfredo severamente, — não para interceder por ele. Primeiro joga-me contra ele... que o sangue desse rapaz caia sobre a sua cabeça.

— Cairá! cairá! — disse o bom homem, num transe de dor. — Você e eu nunca poderemos seguir para onde este abençoado jovem está indo.

— Ande logo! — gritou Manfredo. — Não darei mais ouvidos nem a lamúrias de padres nem a gritos de mulheres.

— O quê? — disse o jovem. — Será possível que a minha sorte tenha causado o que ouvi? Então a princesa está novamente em seu poder?

— Desse modo você apenas me recorda a minha própria ira — exclamou Manfredo. — Prepare-se, este é o seu último momento.

O jovem, que se indignou ainda mais, e comovido também com a tristeza que percebeu ter impingido em todos os espectadores, tanto quanto no padre, reprimiu suas emoções e, tirando o seu gibão e desabotoando a gola, ajoelhou-se para as suas orações. Quando se inclinou, a sua camisa escorregou para abaixo do ombro, descobrindo a marca de uma seta avermelhada.

— Louvor aos céus! — exclamou o santo homem, perplexo — que estou vendo? É meu filho! meu Teodoro!

A torrente de emoções que se seguiu pode ser imaginada, mas não descrita. As lágrimas dos presentes ficaram suspensas pelo espanto, mais do que pela alegria

do encontro. Pareciam inquirir nos olhos do príncipe o rumo dos seus próprios sentimentos. Surpresa, dúvida, ternura e respeito sucederam-se um ao outro no semblante do rapaz. Ele recebeu com modesta submissão a efusão das lágrimas e abraços do ancião; ainda assim, temeroso de ter esperanças e já conhecendo o inflexível temperamento de Manfredo, lançou um olhar para o príncipe, como a dizer "ficará ainda impassível diante de uma cena como esta?".

O coração de Manfredo não perdera inteiramente a capacidade de comover-se. Em seu espanto esqueceu a raiva: no entanto, o seu orgulho impediu que se mostrasse afetado. Ele até mesmo se perguntou se tal descoberta não seria uma estratégia do padre para salvar o jovem camponês.

— Que significa isso? — disse ele. — Como pode ser seu filho? Está de acordo com a sua profissão ou reputada santidade reconhecer num camponês o fruto dos seus amores ilegítimos?

— Oh Deus! — disse o santo homem. — Está questionando o fato de ser ele o meu filho? Poderia sentir a angústia que sinto, se não fosse seu pai? Poupe-o! bom príncipe, poupe-o! e revide em mim como quiser.

— Poupe-o! poupe-o! — gritaram os presentes — para o próprio bem desse bom homem.

— Calma! — disse Manfredo severamente — Preciso saber mais, antes de estar disposto a perdoar. O filho bastardo de um santo pode não ser ele mesmo um santo.

— Príncipe injusto! — disse Teodoro — não acrescente o insulto às suas crueldades. Se sou o filho desse homem venerável, embora não um príncipe como você, saiba que o sangue que corre em minhas veias..,

— Sim — disse o padre interrompendo-o, — o sangue dele é nobre; nem é ele um ser abjeto, assim como s. ele tem se referido, meu senhor. Ele é meu filho legítimo e poucas casas existem em toda a Sicília mais antigas do que a dos Falconara... Mas ah, senhor, que significa o sangue? Que significa a nobreza? Somos todos répteis, miseráveis criaturas pecadoras. Só a compaixão pode distinguir-nos do pó do qual viemos e ao qual retornaremos.

— Basta de sermões! — disse Manfredo. — Esquece-se de que não mais é o padre Jerônimo, mas sim o Conde de Falconara. Deixe-me conhecer a sua história, terá tempo para fazer reflexões morais depois, se não conseguir obter o perdão para esse bruto criminoso.

— Mãe de Deus! — disse o padre. — Será possível que o meu senhor possa recusar a um pai a vida do seu único filho, há muito tempo perdido? Que sua alteza me humilhe, me despreze, faça pouco de mim ou me aflija, aceite a minha vida pela dele, mas poupe o meu filho!

— Agora pode sentir então o que é perder um único filho? — disse Manfredo. — Há poucos instantes pregava-me a resignação. Minha casa, se ao destino aprouver, pode perecer, mas o Conde de Falconara...

— Ah, meu senhor — disse Jerônimo, — confesso que o ofendi; mas não agrave ainda mais os sofrimentos de um velho homem. Não me gabo da minha família, nem penso em tais vaidades — é a natureza que pede por este rapaz; é a memória da querida mulher que o trouxe à luz... Ela morreu, Teodoro?

— Faz tempo que a sua alma está entre os eleitos — disse Teodoro.

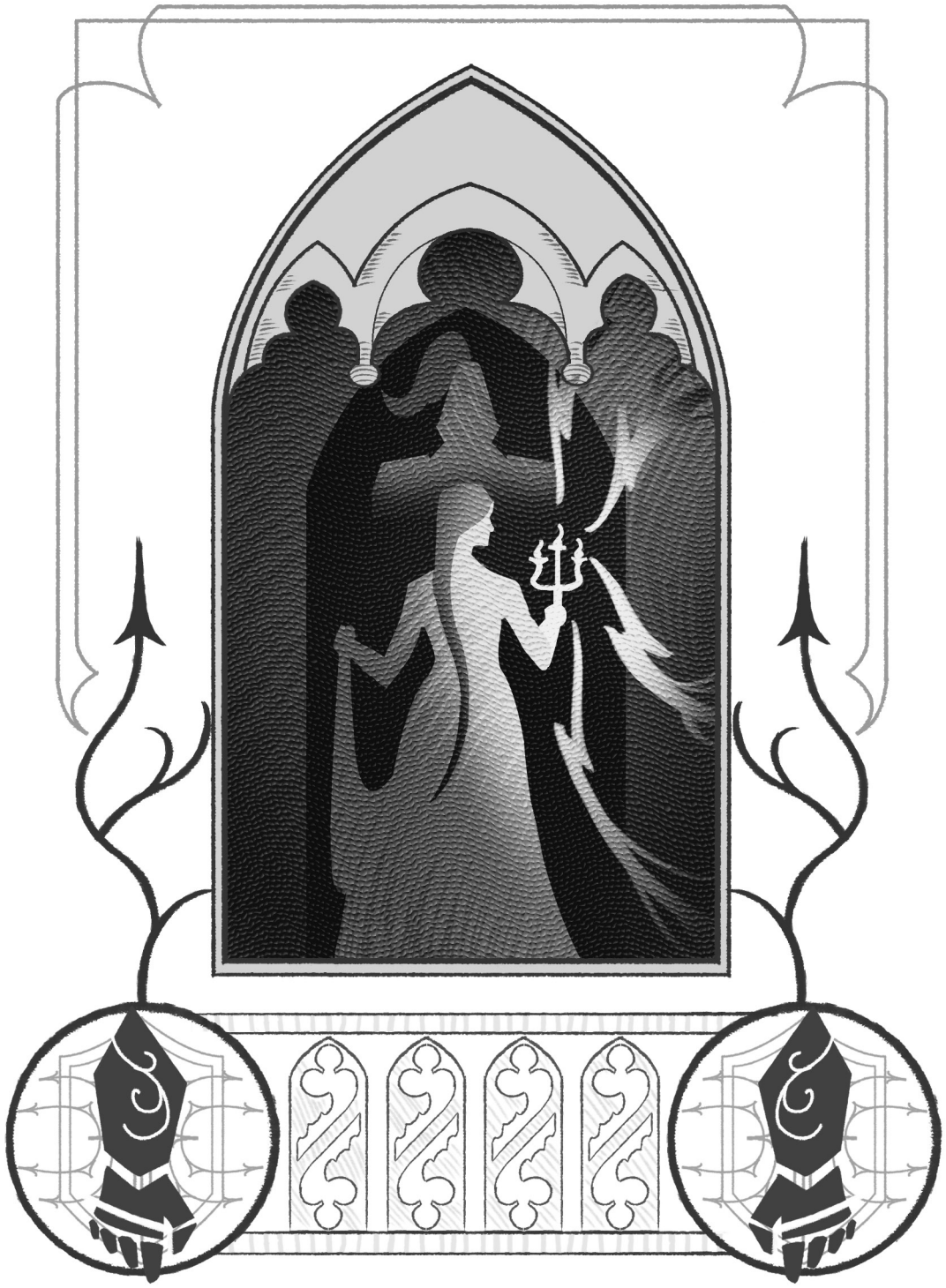
— Oh, como? — gritou Jerônimo. — Conte-me... Não. Lá ela está feliz! Você é tudo o que me importa agora! Grande e venerável senhor, pode conceder-me, pode conceder-me a vida do meu pobre filho?

— Volte para o seu convento — respondeu Manfredo, — traga a princesa; obedeça-me em tudo aquilo que já combinamos e lhe prometo a vida do seu filho.

— Oh!, meu senhor — disse Jerônimo, — então é a honestidade o preço que devo pagar pelo bem deste querido rapaz?

— Por mim — gritou Teodoro, — prefiro morrer mil vezes a manchar a sua consciência. O que este tirano quer do senhor exatamente? A princesa está a salvo do seu poder? Proteja-a, venerável ancião!, e deixe que toda a sua irá despenque sobre mim.

Jerônimo esforçou-se por conter a impetuosidade do jovem, mas antes que Manfredo pudesse responder, ouviu-se um galope de cavalos e soou uma trombeta de bronze do lado de fora dos portões do castelo. No mesmo instante, as plumas do elmo encantado, que ainda se encontrava no outro lado do pátio, agitaram-se tempestuosamente e aquiesceram três vezes como se uma cabeça invisível fizesse reverência.



III

Quando viu as plumas daquele elmo milagroso agitarem-se no mesmo ritmo do toque da trombeta de bronze, o ânimo de Manfredo fraquejou.

— Padre! — disse para Jerônimo, a quem agora deixara de tratar como Conde de Falconara, — que significam esses portentos? Se acaso ofendi...

As plumas agitaram-se ainda com mais violência do que antes.

— ...mísero príncipe que sou! — gritou Manfredo. — Santo padre! não pode ajudar-me com suas orações?

— Meu senhor — replicou Jerônimo, — os céus, sem dúvida, estão descontentes com o modo com que trata os seus servos. Devote-se à Santa Igreja e deixe de perseguir os seus ministros. Liberte esse jovem inocente e aprenda a respeitai' o sagrado hábito que estou usando — não se brinca com o que é celeste: está vendo...

A trombeta soou novamente.

— Reconheço que fui um tanto precipitado — disse Manfredo. — Padre, vá até a vigia e pergunte quem está no portão.

— O senhor me concede a vida de Teodoro? — replicou o padre.

— Concedo — disse Manfredo, — mas pergunte quem está lá fora.

Jerônimo, agarrando-se ao pescoço do filho, despejou uma torrente de lágrimas que revelavam a alegria da sua alma.

— Você prometeu ir até o portão — disse Manfredo.

— Pensei — disse Jerônimo — que sua alteza iria

desculpar o fato de agradecê-lo primeiramente deste modo, num tributo do meu coração.

— Vá, querido senhor — disse Teodoro, — obedeça ao príncipe; não mereço que este senhor adie a sua satisfação por minha causa.

Jerônimo, ao inquirir quem estava lá fora, obteve a resposta:

— Um arauto!

— De quem? — indagou ele.

— Do cavaleiro da espada gigantesca — disse o arauto — e devo falar com o usurpador de Otranto.

Jerônimo voltou ao príncipe e repetiu a mensagem nas mesmas palavras em que fora proferida. Os primeiros sons deixaram Manfredo aterrado, mas quando se viu mencionado como usurpador, sua raiva reacendeu-se e todo o seu ânimo se inflamou.

— Usurpador! Vilão insolente! — gritou ele. — Quem ousa questionar o meu título? Retire-se, padre; este não é um assunto para monges: eu mesmo irei ao encontro desse presunçoso. Vá para o seu convento e prepare o retorno da princesa: o seu filho será um refém da sua lealdade. A vida dele depende da sua obediência.

— Santo Deus! meu senhor — exclamou Jerônimo, — Sua alteza acabou de libertar espontaneamente o

meu filho, neste instante. Já esqueceu tão prontamente a intervenção do céu neste caso?

— O céu — replicou Manfredo — não envia arautos para questionar o título de um príncipe legítimo. Eu até mesmo duvido se Ele nos comunica a Sua vontade através dos padres — mas isso é assunto seu, não meu. No momento, já conhece as minhas disposições e não será um arauto impertinente que salvará a vida do seu filho, se não voltar em breve com a princesa.

Era inútil ao santo homem replicar. Manfredo mandou que o conduzissem ao portão dos fundos e o trancassem fora do castelo; em seguida, determinou a algum dos seus ordenanças que levasse Teodoro para o topo da torre negra e que o vigiasse estritamente; mal permitindo que pai e filho trocassem um rápido abraço de despedida. Retirou-se então para o salão e, sentando-se no seu trono de príncipe, ordenou que o arauto fosse trazido à sua presença.

— Bem, seu insolente — disse o príncipe, — que quer comigo?

— Venho à sua presença — retrucou ele, — Manfredo, usurpador do Principado d.e Otranto, enviado pelo renomado e invencível cavaleiro, o cavaleiro da espada gigantesca, em nome do seu senhor, Frederico,

Marquês de Vicenza, exigir a senhora Isabela, filha daquele príncipe, a qual, de modo vil e traidor, o senhor mantém em seu poder, tendo corrompido os seus falsos tutores durante a sua ausência. Além disso, ele exige que renuncie ao Principado de Otranto, o qual o senhor usurpou do dito senhor Frederico, o mais próximo em sangue ao último senhor legítimo, Afonso o Bom. Se não cumprir de imediato essas justas exigências, ele o desafia para um duelo mortal.

Assim dizendo, o arauto depôs o seu bastão.

— E onde está esse valentão que o enviou? — disse Manfredo.

— A uma légua daqui — respondeu o arauto. — Ele vem para assegurar as exigências do seu senhor, uma vez que ele é um verdadeiro cavaleiro assim como você é um usurpador e ladrão.

Apesar dessas injúrias, Manfredo considerou que não era do seu interesse provocar o marquês. Sabia o quão bem fundada era a intimação de Frederico, nem era essa a primeira vez que a ouvia. Os antepassados de Frederico tinham assumido o título de príncipes de Otranto desde a morte de Afonso o Bom. Mas Manfredo, seu pai e seu avô haviam se mostrado poderosos demais para que a casa de Vicenza pudesse destroná-los.

Frederico, um jovem príncipe corajoso e apaixonado, havia desposado uma bela jovem da qual estava enamorado e que morrera ao dar à luz Isabela. Sua morte o perturbou de tal forma que ele se engajou numa cruzada e rumou para a Terra Santa, onde foi ferido num combate contra os infiéis, sendo sido feito prisioneiro e dado como morto.

Quando tais notícias chegaram aos ouvidos de Manfredo, este subornou os tutores da senhora Isabela para que a entregassem como noiva para o seu filho Conrado; por meio dessa, aliança, ele propunha unir os interesses das duas casas. Fora também esse um dos motivos que o levara a tornar a súbita resolução de desposar Isabela, quando da morte de Conrado; idêntica consideração o levava agora a procurar obter o consentimento de Frederico para esse casamento. Estratégia semelhante inspirava-o também com a ideia de convidar o cavaleiro de Frederico para o seu castelo, para que este nada soubesse da fuga de Isabela, proibindo rigorosamente que os seus criados a mencionassem.

— Arauto — disse Manfredo, tão logo havia ruminado tais pensamentos, — volte para o seu senhor e diga-lhe que, antes de liquidarmos as nossas diferenças pela espada, Manfredo quer conversar com ele. Diga-lhe

que é bem-vindo em meu castelo, no qual, por minha palavra de verdadeiro cavaleiro que sou, ele terá uma recepção cortês e segura para ele e os seus seguidores. Se não pudermos resolver as nossas disputas por meios amigáveis, juro que ele poderá partir a salvo e terá plena satisfação de acordo com a lei das armas, assim me ajude Deus e a Santíssima Trindade.

O arauto fez três reverências e se retirou.

Enquanto durava essa entrevista, a mente de Jerônimo era agitada por mil paixões contraditórias. Temia pela vida do seu filho e a sua primeira ideia foi persuadir Isabela a retornar ao castelo. No entanto, temia também o pensamento da sua união com Manfredo. Assustava-o a cega submissão de Hipólita à vontade do seu marido e, embora não duvidasse de que poderia incitar a sua fé a não consentir num divórcio, se pudesse ter acesso a ela, ainda assim, se Manfredo descobrisse que essa obstrução provinha dele, isso se revelaria igualmente fatal para Teodoro. Ele estava impaciente para saber de onde vinha o arauto, que tão sem-cerimônia contestara o título de Manfredo; no entanto, ele não ousava ausentar-se do convento, com medo de que Isabela o abandonasse e tal fuga fosse-lhe imputada. Retornou, então, desconsolado para o monastério, incerto quanto à

conduta que deveria seguir. Um monge que o encontrou no pórtico e percebeu seu ar melancólico disse:

— Ah, irmão, é mesmo verdade que perdemos então a nossa excelente princesa Hipólita?

O santo homem ficou perplexo e gritou:

— Que quer dizer com isso, irmão? Estou vindo do castelo neste instante e a deixei em perfeita saúde.

— Martelli — replicou o outro monge — passou pelo convento há apenas um quarto de hora, em seu caminho vindo do castelo, e relatou que sua alteza estava morta. Todos os nossos irmãos foram para a capela orar por seu trânsito feliz para uma vida melhor e me pediram que aqui permanecesse para esperar a sua chegada. Eles sabem do seu santo apego àquela boa senhora e estão aflitos pela dor que isso pode causar-lhe... De fato, todos nós temos razões para chorá-la, ela era uma verdadeira mãe para a nossa casa... Mas esta vida é apenas uma peregrinação, não nos devemos lamuriar... Todos nós iremos segui-la, que o nosso fim seja como o dela!

— Bom irmão, você está sonhando — disse Jerônimo, — estou lhe dizendo que venho do castelo e deixei a princesa com saúde... Onde está a senhora Isabela?

— Pobre senhora! — retornou o religioso.

— Contei-lhe a triste notícia e lhe ofereci conforto espiritual; recordei-lhe a condição transitória da mortalidade e a aconselhei a tomar o véu: citei o exemplo da santa princesa Sanchia de Aragon.

— O seu zelo é louvável — disse Jerônimo de modo impaciente, — mas no momento é desnecessário: Hipólita está bem — pelo menos confio no Senhor que ela esteja; não ouvi nada em sentido contrário... Mesmo levando em conta a severidade do príncipe... Bem, irmão, mas onde está a senhora Isabela?

— Não sei — disse o monge, — ela chorou muito e disse que iria retirar-se para o seu quarto.

Jerônimo deixou bruscamente seu companheiro e rumou apressadamente em busca da princesa, porém ela não se encontrava no quarto. Indagou aos criados do convento, mas não obteve resposta. Procurou em vão por todo o monastério e na igreja, enviou mensageiros pela vizinhança para saber se a tinham visto, mas sem resultado. Nada podia igualar a perplexidade desse bom homem. Concluiu que Isabela, suspeitando que Manfredo houvesse precipitado a morte da sua esposa, tinha se alarmado e se retirado para algum esconderijo mais secreto. Essa. nova fuga iria provavelmente elevar a fúria do príncipe às alturas. A notícia da morte

de Hipólita, embora parecesse quase inacreditável, aumentou a sua preocupação e, embora a fuga de Isabela traduzisse a sua aversão por Manfredo, Jerônimo não extraía daí nenhum conforto, uma vez que isso colocava em perigo a vida do seu filhe, Resolveu, então, voltar ao castelo, acompanhado de vários dos seus irmãos, de modo a que todos atestassem a sua inocência perante Manfredo e, se necessário, intercedessem junto com ele por Teodoro.

O príncipe, enquanto isso, dirigira-se para o pátio e ordenara que os portões do castelo fossem abertos para receber o cavaleiro desconhecido e seu séquito. Em poucos minutos a cavalaria chegou. Primeiramente vieram dois batedores com as suas bandeiras. Em seguida um arauto acompanhado por dois pajens e dois trombeteiros. Então uma centena de soldados a pé. Atrás desses vinha o mesmo número de cavaleiros. Depois deles, cinquenta criados vestidos em roupas pretas e escarlates, as cores do cavaleiro. Seguia um cavalo conduzido por um vassalo. Dois arautos de cada lado de um nobre a cavalo, transportando as bandeiras com as armas de Vicenza e Otranto entrelaçadas — fato que muito ofendeu Manfredo, mas este reprimiu o seu ressentimento. Mais dois pajens. O confessor do cavaleiro

rezando o terço. Mais cinquenta homens a pé vestidos do mesmo modo. Dois cavaleiros portando armaduras completas, os visores abaixados, acompanhantes do cavaleiro principal. Os escudeiros dos dois cavaleiros carregando os seus escudos e divisas. O escudeiro do cavaleiro. Cem nobres carregando uma enorme espada e parecendo sucumbir sob o seu peso. O próprio cavaleiro num cavalo castanho, em armadura completa, sua lança em riste, sua face inteiramente oculta pelo visor, que era encimado por um grande número de plumas negras e escarlates. Cinquenta soldados a pé com trombetas e tambores encerravam o cortejo, que serpenteava para a direita e esquerda, de modo a abrir espaço para o cavaleiro principal.

Assim que se aproximou do portão, este parou e o arauto avançou, lendo novamente as palavras do desafio. Os olhos de Manfredo estavam fixos na gigantesca espada e ele mal parecia prestar atenção nas palavras que eram ditas, mas a sua atenção foi logo perturbada por uma tempestade de vento que se ergueu atrás dele. Voltando-se, viu as plumas do elmo encantado agitar-em-se da mesma extraordinária maneira com que tinham feito há pouco. Só alguém intrépido como Manfredo não sucumbiria sob a concorrência de tantos fatores que

pareciam anunciar a sua desgraça. Recusando trair, na presença de estranhos, a coragem que sempre manifestara, Manfredo tomou a palavra:

— Senhor cavaleiro, quem quer que seja, dou-lhe as boas-vindas. Se for mortal, seu valor aqui encontrará um seu igual; e se for um verdadeiro cavaleiro, se escusará de empregar feitiçaria para atingir o seu objetivo. Venham tais presságios do céu ou do inferno, Manfredo confia na justiça da sua causa e no auxílio de São Nicolau, que sempre protegeu sua casa. Desmonte, senhor cavaleiro, e descanse. Amanhã terá um combate honesto e que Deus esteja ao lado do mais justo !

O cavaleiro não deu resposta alguma e, depois de desmontar, foi conduzido por Manfredo ao grande saguão do castelo. Enquanto atravessavam o pátio, o cavaleiro parou para observar o misterioso elmo e, ajoelhando-se diante dele, pareceu rezar em silêncio por alguns minutos. Erguendo-se, fez sinal ao príncipe para que prosseguisse. Assim que entraram no saguão, Manfredo propôs ao estranho que se desfizesse da armadura; mas o cavaleiro balançou a cabeça recusando.

— Senhor cavaleiro — disse Manfredo, — isso não é cortês da sua parte, mas por minha boa-fé não irei contrariá-lo, nem deverá ter aqui qualquer razão para

se queixar do príncipe de Otranto. Não tenho nenhuma armadilha planejada e espero que não haja nenhuma da sua parte.

Manfredo deu-lhe um anel.

— Tome isto em penhor: você e seus amigos usufruirão as leis da hospitalidade. Descansem aqui até que sejam trazidos os refrescos; irei apenas dar ordens para a acomodação do seu séquito e em breve retornarei.

Os três cavaleiros inclinaram a cabeça como que aceitando a sua cortesia. Manfredo determinou que o séquito do estranho cavaleiro fosse conduzido para uma hospedaria vizinha, fundada pela princesa Hipólita para acomodar peregrinos. Enquanto atravessava o pátio para retornar em direção ao portão, a gigantesca espada soltou-se de seus carregadores e, caindo no chão no extremo oposto àquele em que se encontrava o elmo, ali quedou imóvel. Manfredo, já quase insensível a aparições sobrenaturais, superou o choque desse novo prodígio e retornando ao saguão no qual o banquete estava pronto, convidou seus silenciosos hóspedes a ocuparem os seus lugares.

Manfredo, não importa o quão sombrio estivesse o seu coração, esforçou-se por inspirar alegria a toda aquela gente. Fez-lhes várias perguntas, mas foi

respondido apenas por sinais. Eles ergueram os seus visores só o suficiente para se alimentar, mas, mesmo assim, em quantidades muito pequenas.

— Senhores — disse o príncipe, — vocês são os primeiros hóspedes que recebo dentro dessas paredes e que desdenham manter qualquer conversa comigo. Nem acredito que seja comum que príncipes como eu exponham o seu estado e dignidade diante de estranhos, desprovidos de palavras. Vocês dizem que vêm em nome de Frederico de Vicenza: sempre ouvi falar que ele era um cavaleiro galante e cortês, nem passaria por sua mente, ouso dizer, que lhe fosse desonroso, numa conversa, misturar-se com um príncipe que é seu igual e não inteiramente desconhecido pelos seus feitos em armas... Ainda assim permanecem em silêncio... Bem! Seja como for, pelas leis da hospitalidade e da cavalaria, vocês são senhores sob este teto: ajam como quiser... Mas, por favor, passem-me um copo de vinho; certamente não irão recusar que eu brinde à saúde das suas formosas damas.

O cavaleiro principal suspirou, fez o sinal da cruz e estava a ponto de levantar-se da mesa.

— Senhor cavaleiro — disse Manfredo, — o que acabei de dizer foi apenas brincadeira: não o contrariarei

em nada. Faça o que lhe convier. Uma vez que o seu ânimo não é de alegria, fiquemos tristes. Talvez assuntos de negócio apelem mais à sua imaginação. Retiremo-nos e veja se o que tenho a revelar-lhe pode ser melhor aproveitado do que os vãos esforços que fiz como passatempo.

Manfredo, então, conduzindo os três cavaleiros a um aposento interior, fechou a porta e, convidando-os a sentar, começou assim, dirigindo-se à figura principal:

— O senhor vem, se bem entendo, em nome do Marquês de Vicenza, para reclamar a senhora Isabela, sua filha, que se ligou diante da Santa Igreja a meu filho, por consentimento dos seus tutores legais; e exigir que entregue meus domínios a seu senhor, que se considera o mais próximo em sangue ao príncipe Afonso, cuja alma descanse em Deus! Começarei pela última das suas exigências. Você deve estar a par, o seu senhor está a par, de que recebi o Principado de Otranto do meu pai, Dom Manuel, assim como ele o recebeu do seu pai, Dom Ricardo. Afonso, seu predecessor, ao morrer sem herdeiros na Terra Santa, legou os seus domínios ao meu avô Dom Ricardo, em consideração por seus leais serviços...

O estranho abanou a cabeça.

— Senhor cavaleiro — tornou Manfredo

calorosamente, — Ricardo era um homem valente e íntegro; era um homem piedoso, testemunho disso são a magnífica fundação da igreja aqui vizinha e os dois conventos. Era protegido especialmente por seu padroeiro São Nicolau... Meu avô era incapaz... Digo. senhor, dom Ricardo era incapaz... Desculpe-me, sua interrupção me perturbou... Venero a memória do meu avô... Bem, senhores! Ele manteve este estado; ele o manteve através da sua boa espada e pela graça de São Nicolau; o mesmo fez meu pai e o mesmo, senhores, farei eu, aconteça o que acontecer... Mas Frederico, seu senhor, é o mais próximo em sangue... Consenti em pôr o meu título na ponta de uma espada. Será que isto implica, senhores, um título ilegítimo? Eu poderia ter perguntado "onde está Frederico, seu senhor?". Os relatos o dão como morto em cativeiro. Vocês dão a entender, suas ações dão a entender, que ele está vivo... Não os questiono... Eu poderia, senhores, eu poderia, mas não o faço. Outros príncipes incitariam Frederico a tomar a sua herança pela força, se puder; eles não exporiam a sua dignidade num único combate: não se submeteriam à decisão de alguns desconhecidos e, ainda por cima, mudos!... Perdoem-me cavaleiros, estou inflamado, mas se ponham os senhores no meu lugar. Valiosos cavaleiros que são,

não se alterariam ao ter sua própria honra e a dos seus ancestrais postas em questão...? Mas vamos ao ponto. Exigem que eu entregue a senhora Isabela... Senhores, devo perguntar se estão autorizados a recebê-la...

O cavaleiro anuiu.

— ...a recebê-la — continuou Manfredo. — Bem, sim! Estão autorizados a recebê-la... Mas, gentil cavaleiro, posso perguntar se tal autorização confere-lhe plenos poderes?

O cavaleiro assentiu novamente.

— Muito bem! — disse Manfredo. — Ouçam então o que tenho a propor-lhes... Vocês estão diante, cavaleiros, do mais desgraçado dos homens!

A essa altura Manfredo começou a chorar.

— Concedam-me a sua compaixão, pois, sim, eu a mereço. Saibam que perdi a minha única esperança, a minha alegria, o sustento de minha casa... Conrado morreu ontem de manhã....

Os cavaleiros mostraram-se surpresos.

— Sim, senhores, o destino dispôs do meu filho. Isabela está livre.

— Entregue-a então — gritou o principal cavaleiro, rompendo o silêncio.

— Concedam-me um pouco mais da sua paciência

— prosseguiu Manfredo. — Alegro-me em descobrir, por essa prova da sua boa vontade, que esta questão pode ser tratada sem derramamento de sangue. Não são razões do meu interesse pessoal que ditam o pouco que ainda me resta dizer. Estão contemplando em mim um homem desgostoso com o mundo: a morte do meu filho destruiu em mim todo o apego às coisas terrenas. Poder, grandeza, já não têm mais quaisquer encantos para mim. Era meu desejo transmitir o cetro que recebi honrosamente dos meus antepassados para o meu filho — mas isso acabou! A própria vida tornou-se-me tão indiferente que aceitei seu desafio com alegria: um bom cavaleiro não tem maior satisfação do que ir para o túmulo cumprindo a sua vocação. Qualquer que seja a vontade divina, eu me submeto, pois hoje, senhores, sou um homem profundamente amargurado. O Príncipe Manfredo não é alvo de inveja... Mas, sem dúvida, vocês conhecem a minha história...

Os cavaleiros deram mostras de ignorá-la e pareceram curiosos em que Manfredo prosseguisse.

— Será possível, senhores — continuou o príncipe, — que a minha história seja um segredo para vocês? Nunca ouviram nada relacionado a mim e Hipólita?

Os cavaleiros balançaram a cabeça negativamente.

— Não! Então, senhores, aí vai. Muitos consideram-me ambicioso. A ambição, ai de mim, é composta dos mais brutos materiais. Se eu fosse ambicioso, não teria sido por tantos anos uma vítima dos escrúpulos da consciência... Mas estou cansando a sua paciência: serei breve. Saibam, então, que há muito tempo ando mentalmente perturbado a respeito da minha união com a princesa Hipólita. Ah, senhores, se estivessem familiarizados com aquela excelente mulher! Se soubessem o quanto a adoro como esposa e o quanto a estimo como amiga... Mas o homem não nasceu para a felicidade completa! Ela partilha dos meus escrúpulos e com o seu consentimento eu trouxe essa questão perante a Igreja, pois somos parentes em grau demasiado próximo. Espero, a qualquer momento, a sentença final que irá separar-nos definitivamente. Tenho certeza de que sentem por mim... percebo que sentem... Perdoem-me estas lágrimas!...

Os cavaleiros olharam-se uns aos outros, como que se perguntando aonde tudo isso iria levar. Manfredo continuou:

— Tendo a morte do meu filho ocorrida no momento em que a minha alma sofria tal ansiedade, tudo que o que pensei foi em renunciar a meus domínios e me afastar

para sempre do convívio da humanidade. A minha única dificuldade foi escolher um sucessor, que fosse temo para com o meu povo, e dispor da senhora Isabela, que me é tão cara quanto os do meu próprio sangue. Era meu desejo restaurar a linhagem de Afonso, até mesmo em seu mais distante grau de parentesco; embora, perdoem-me, eu esteja convencido de que fosse a sua vontade que a linhagem de Ricardo tivesse substituído a sua própria. Ainda assim, onde iria eu encontrar os seus parentes? Eu nada sabia de Frederico, seu senhor. Ele fora feito prisioneiro dos infiéis ou estava morto; e se estivesse vivo e em casa, será que ele deixaria o próspero estado de Vicenza pelo irrisório Principado de Otranto? Se não o fizesse, poderia eu suportar o pensamento de ver um duro e insensível vice-rei dando ordens para o meu desafortunado povo fiel?... Pois, senhores, eu amo o meu povo e graças a Deus sou amado por ele... Mas vocês podem estar perguntando: "Aonde quer chegar este longo discurso?". Então serei breve, senhores. Com a vinda de tais cavaleiros, o céu parece apontar uma saída para essas dificuldades e os meus infortúnios. A senhora Isabela está livre e eu em breve também estarei. Eu me submeteria a qualquer coisa pelo bem do meu povo... Mão seria a melhor, a única maneira de extinguir

a disputa entre as nossas duas famílias, se eu tomasse a senhora Isabela como esposa?... Surpreendem-se... Mas, embora as virtudes de Hipólita me sejam sempre caras, um príncipe não deve pensar em si mesmo: ele nasceu para servir o seu povo.

Neste instante um criado entrou na sala, informando Manfredo de que Jerônimo e vários dos seus irmãos pediam-lhe uma audiência imediata.

O príncipe, irritado por essa interrupção e temendo que o monge revelasse aos estranhos que Isabela se refugiara no convento, ia proibir a entrada de Jerônimo. Mas, recordando-se que este certamente chegara para notificar-lhe a volta da princesa, Manfredo começou a desculpar-se perante os cavaleiros por deixá-los por alguns instantes, mas foi impedido de retirar-se com a chegada dos religiosos. Manfredo censurou-os asperamente por sua intromissão e os teria expulsado do aposento; mas Jerônimo estava agitado demais para obedecer. Proclamou em voz alta a fuga de Isabela, com protestos da sua própria inocência.

Manfredo, perturbado com notícia e não menos com o fato de esta chegar ao conhecimento dos estranhos, passou a proferir frases sem sentido, ora ralhando com o padre, ora desculpando-se diante dos cavaleiros; ao

mesmo tempo ansioso por saber o que se passara com Isabela, mas temeroso de que os estranhos também viessem a perceber tudo. Impaciente por lançar-se em sua busca, porém receoso de que os outros a ela se juntassem, ofereceu-se para enviar mensageiros a sua procura, mas o cavaleiro principal, rompendo de uma vez o seu silêncio, censurou asperamente Manfredo por seu comportamento ambíguo e sombrio, e indagou a causa da primeira ausência de Isabela do castelo.

Manfredo, lançando um olhar severo para Jerônimo, como que lhe dando uma ordem de silêncio, tentou explicar que, quando da morte de Conrado, ele a havia mandado para o convento até que pudesse decidir a melhor forma de encaminhar o seu destino. Jerônimo, que temia pela vida do seu filho, não ousou contradizer essa mentira; mas um dos seus irmãos, que não sofria da mesma ansiedade, declarou francamente que ela havia buscado refúgio em sua igreja na noite precedente. O príncipe em vão tentou encobrir essa descoberta, que o lançava num estado de terrível confusão e vergonha. O principal cavaleiro entre os desconhecidos, surpreso com as contradições que ouvira e quase inteiramente convencido de que Manfredo escondia a princesa, sem

conseguir conter a preocupação com sua fuga, precipitou-se para a porta dizendo:

— Príncipe traidor! Isabela será encontrada.

Manfredo tentou detê-lo, mas os outros cavaleiros puseram-se ao lado do seu camarada, que se libertou do príncipe e correu para o pátio, chamando por seus criados. Manfredo, percebendo que era inútil dissuadi-lo dessa busca, ofereceu-se para acompanhá-lo. Conclamando então seus próprios servos e trazendo Jerônimo e alguns dos monges para guiá-los, saíram do castelo; mas não antes que Manfredo, em particular, desse ordens para que o séquito do cavaleiro fosse mantido a distância, e para o próprio cavaleiro fingia estar enviando um mensageiro do seu séquito.

Assim que a companhia saiu do castelo, Matilda, que sentira profunda atração pelo jovem camponês, desde o momento em que o vira ser condenado à morte no saguão, e cujos pensamentos só buscavam encontrar meios de salvá-lo, foi informada por uma das criadas de que Manfredo havia enviado todos os seus homens em perseguição a Isabela. Em sua pressa, ele dera essa ordem para todos, não pretendendo, contudo, estendê-la ao guarda que vigiava Teodoro, mas esqueceu de mencioná-lo. Os criados, prontos a obedecer a tão

peremptório príncipe, e movidos pela sua própria curiosidade e gosto para se lançar em qualquer caçada precipitada, deixaram o castelo sem um só homem. Matilda, livrando-se da companhia de suas damas, subiu à torre negra e, destravando a porta, apresentou-se diante do surpreso Teodoro.

— Jovem — disse ela, — embora dever filial e modéstia feminina condenem o passo que estou dando, ainda assim, a sagrada compaixão, superando todos os outros laços, justifica este ato. Fuja! As portas de sua prisão estão abertas: meu pai e seus criados saíram, mas podem retornar logo. Ponha-se a salvo e que os anjos do céu dirijam os seus passos!

— Você é certamente um desses anjos! — disse o enlevado Teodoro. — Ninguém, exceto um anjo abençoado, poderia falar, agir e se mostrar assim como você!... Posso conhecer o nome da minha divina protetora? Penso ter ouvido menção a seu pai: será possível? Pode alguém com o sangue de Manfredo sentir compaixão?. Adorável senhora, não me responde... Mas como você mesma está aqui. Por que descuida de sua própria segurança e desperdiça seus pensamentos com um pobre coitado como Teodoro? Fujamos juntos: a vida que a senhora acaba de salvar será dedicada à sua defesa.

— Ai de mim! Você está enganado — disse Matilda suspirando; — sou filha de Manfredo e não corro nenhum perigo.

— Que surpresa ! — disse Teodoro — Ontem à noite fui abençoado em prestar-lhe o auxílio que agora sua compaixão tão carinhosamente me paga.

— Você ainda está enganado — disse a princesa, — mas não há tempo para explicações. Fuja, virtuoso jovem, enquanto está em meu poder salvá-lo. Se meu pai retornar, aí sim nós dois teremos motivos para tremer.

— Como assim? — exclamou Teodoro — Então pensa, encantadora jovem, que eu aceitaria minha vida em troca de alguma desgraça para você? Preferiria morrer mil vezes...

— Não corro risco algum — disse Matilda — exceto por essa demora. Parta já! Ninguém pode saber que eu presenciei sua fuga.

— Jure por todos os santos do céu — disse Teodoro — que nunca suspeitarão de você; do contrário juro permanecer aqui, qualquer que seja a minha sorte.

— Oh! Você é generoso demais — disse Matilda, — mas fique sossegado que nenhuma suspeita poderá cair sobre mim.

— Dê-me sua graciosa mão como penhor de que

não está me enganando — disse Teodoro — e deixe-me lavá-la com as lágrimas ardentes da gratidão.

— Não — disse a princesa. — Controle-se.

— Ai — disse Teodoro, — nunca conheci senão infortúnios até o presente momento; talvez seja sempre esse o meu destino. Aceite os castos entusiasmos da sagrada gratidão: é minha alma que se derramaria em suas mãos.

— Controle-se! Parta já — disse Matilda, — Que Isabela iria pensar, vendo-o a meus pés?

— Quem é Isabela? — perguntou o jovem camponês surpreso.

— Pobre de mim! Temo estar tratando com um farsante! Já esqueceu sua curiosidade esta manhã? — exclamou Matilda.

— Seus olhares, suas ações, toda a sua bela pessoa parecem uma emanação da divindade — disse Teodoro, — mas suas palavras são misteriosas e sombrias... Fale, senhora, fale, para que este seu servo compreenda.

— Você entendeu muito bem — disse Matilda, — mas uma vez mais ordeno-lhe que parta. Seu sangue, que ainda posso preservar, pesará sobre a minha cabeça, se eu perder mais tempo com inúteis discursos.

— Parto, senhora — disse Teodoro, — porque é de

sua vontade e porque não levarei os cabelos brancos de meu pai com amargura para o túmulo. Diga somente, adorável senhora, que tenho sua nobre compaixão.

— Fique — disse Matilda; — vou conduzi-lo à cripta pela qual Isabela escapou; ali há uma passagem que o levará até a Igreja de São Nicolau, onde poderá refugiar-se junto ao santuário.

— O quê? — disse Teodoro — Então foi outra e não sua adorável pessoa que ajudei a encontrar a passagem subterrânea?

— Foi — disse Matilda. — Não faça mais perguntas. Tremo só de ver que ainda permanece aqui. Fuja para o santuário.

— Para o santuário? — disse Teodoro. — Não, princesa; santuários são para donzelas desamparadas ou para criminosos. A alma de Teodoro não carrega nenhuma culpa, nem se cobrirá com nada que se pareça com isso. Dê-me uma espada, senhora, e seu pai irá saber que Teodoro não se rebaixa a uma fuga indigna.

— Jovem insolente! — disse Matilda. — Então ousa erguer seu braço contra o Príncipe de Otranto?

— Contra seu pai, de fato, não — disse Teodoro. Desculpe-me, senhora, eu tinha esquecido... Mas como poderia lançar os olhos sobre sua pessoa e recordar que

esta descende do tirano Manfredo?... Contudo ele é seu pai e, a partir desse momento, sepulto todas as minhas injúrias no esquecimento.

Um grunhido oco e profundo, que parecia vir de cima, surpreendeu a princesa e Teodoro.

— Bom Deus! Alguém nos ouviu! — disse a princesa.

Ambos pararam para escutar, mas, sem perceber nenhum outro ruído, concluíram que devia tratar-se do efeito de vapores aprisionados. Então a princesa, precedendo, com cautela, Teodoro, conduziu-o até a sala de armas de seu pai; equipou-o com uma armadura completa e o levou até o portão posterior.

— Evite a aldeia — disse a princesa — e todo o lado oeste do castelo. É lá que Manfredo e os estranhos devem estar fazendo sua busca. Caminhe pelo canto oposto. Mais além, atrás daquela floresta que fica ao leste, há uma cadeia de pedras, formando um labirinto de cavernas que chegam até o mar. Lá você pode esconder-se até que faça sinais para algum navio aproximar-se da costa e levá-lo a bordo. Vá! Que Deus guie seus passos!... E algumas vezes, em suas orações, lembre-se de... Matilda!

Teodoro jogou-se a seus pés, tomando sua mão

delicada, que, com esforço, ela impediu que beijasse, jurou sagrar-se cavaleiro na primeira oportunidade e pediu ardentemente sua permissão para tornar-se seu eterno defensor.

Antes que a princesa pudesse responder, um estrondo de trovão, que sacudiu as fundações do castelo, fez-se ouvir. Teodoro, indiferente à tempestade, teria forçado-lhe a resposta, mas a princesa, apreensiva, recuou apressadamente para dentro do castelo, ordenando ao jovem que partisse, com um ar que não permitia nenhuma desobediência. Ele suspirou e se retirou, mas com os olhos fixos no portão, até que Matilda, fechando-o, pusesse um fim àquela entrevista, na qual os corações dos dois jovens haviam sorvido tão profundamente uma paixão que ambos provavam, naquele momento, pela primeira vez.

Pensativo, Teodoro rumou ao convento para informar seu pai de sua liberdade. Lá soube da ausência de Jerônimo e da perseguição que estava sendo feita a Isabela, com alguns detalhes que, pela primeira vez, veio a conhecer. O generoso cavalheirismo de seu temperamento levou-o a desejar ajudá-la; mas os monges não podiam dar-lhe pista alguma do caminho que ela havia tomado. Não ficou tentado a ir muito longe em sua busca,

pois o vulto de Matilda gravara-se ardentemente em seu coração, de forma que ele não podia suportar afastar-se demasiado de sua morada. A ternura que Jerônimo havia manifestado por ele concorreu para confirmar sua relutância em partir e ele até se persuadiu de que a afeição filial era a principal razão de permanecer nas cercanias do castelo e do convento.

Mas antes que Jerônimo tivesse voltado, à noite, Teodoro finalmente resolveu seguir para a floresta indicada por Matilda. Ao chegar lá, procurou os lugares mais sombrios, que melhor se adequavam à doce melancolia que reinava em sua mente. Com esse espírito, penetrou quase insensivelmente as cavernas que muito tempo antes tinham servido de abrigo para ermitões, mas àquela época, dizia-se, na região, que eram assombradas por espíritos malignos. Recordou-se de ter ouvido tais histórias e, sendo de ânimo bravo e aventuroso, ele, de bom grado, cedeu à sua curiosidade, explorando os recessos secretos daquele labirinto. Não havia avançado muito quando pensou ouvir os passos de alguém que parecia fugir à sua frente.

Teodoro, embora acreditasse firmemente em tudo o que a santa fé ensina, não julgava que os homens bons fossem entregues sem razão aos obscuros poderes

malignos. Pensou que o lugar, provavelmente, estaria infestado mais por ladrões do que por aqueles agentes infernais que costumam molestar e confundir os viajantes. Já há muito tempo ele ansiava impacientemente por provar a sua coragem. De espada em punho, avançou cautelosamente, deixando que o ruido imperfeito de passos à sua frente apontasse-lhe o caminho. A armadura que estava envergando também o denunciava à pessoa que fugia dele. Teodoro, agora inteiramente convencido de que não estava enganado, redobrou seu passo, ganhando terreno sobre a pessoa que fugia. Ao alcançá-la, Teodoro deparou-se com uma mulher que caía, sem fôlego, à sua frente. Apressou-se em erguê-la, mas seu pavor era tão intenso que compreendeu que ela iria desmaiar em seus braços. Empregou as palavras mais ternas para dissipar seus temores e assegurou-lhe que, longe de maltratá-la, ele iria defendê-la com sua própria vida. A senhora, recuperando seu ânimo diante desse tratamento cortês, voltou os olhos para seu protetor e disse:

— Certamente já ouvi esta voz antes.

— Não que eu saiba — replicou Teodoro — a menos, imagino, que a senhora seja a princesa Isabela.

— Abençoado Deus! — exclamou ela — Você não foi enviado para perseguir-me, foi?

E dizendo tais palavras, jogou-se a seus pés, implorando que não a entregasse para Manfredo.

— Para Manfredo! — gritou Teodoro. — Não senhora! Já a salvei uma vez de sua tirania e isto não me custará pouco, mas a levarei até onde ele não possa mais alcançá-la.

— Será possível — disse ela — que você seja o generoso desconhecido que encontrei ontem à noite nos subterrâneos do castelo? Com certeza não se trata de um mortal, mas de meu anjo da guarda; deixe-me agradecer de joelhos...

— Espere, nobre princesa — disse Teodoro, — não se curve diante de um jovem pobre e sem amigos. Se o céu escolheu-me para ser seu libertador, ele se encarregará de cumprir sua obra e fortalecerá meu braço para defender sua causa. Mas venha, senhora, estamos muito perto da entrada da caverna. Busquemos lugares mais escondidos. Não ficarei tranquilo até que eu a tenha colocado fora de perigo.

— Ai! Que pretende, senhor? — disse ela. — Embora todas as suas ações sejam nobres, embora seus sentimentos traduzam a pureza de sua alma, será

conveniente para mim acompanhá-lo sozinha no interior desses complexos labirintos? Se formos encontrados juntos, que pensará o mundo severo de minha conduta?

— Respeito sua virtuosa pureza — disse Teodoro. — Nem tal suspeita fere minha honra. Pretendo levá-la para o lugar mais seguro dessas rochas e então, arriscando minha vida, guardar sua entrada contra toda criatura viva. Além disso, senhora — continuou ele, dando um profundo suspiro, — ainda que bela e perfeita como é, saiba que minha alma está devotada a outra pessoa. Além disso...

Um ruído surdo impediu que Teodoro continuasse a falar. Logo puderam ouvir distintamente:

— Isabela! Ei! Isabela!

A trêmula princesa entrou novamente em pânico. Teodoro esforçou-se por encorajá-la, mas em vão. Assegurou de que morreria antes de vê-la retornar às garras de Manfredo; e, pedindo que permanecesse escondida, avançou para impedir que a pessoa em seu encalço se aproximasse.

Na entrada da caverna, ele encontrou um cavaleiro armado conversando com um camponês, o qual garantia ter visto uma senhora passando pelos desfiladeiros de pedra. O cavaleiro estava se preparando para procurá-la

quando Teodoro, colocando-se em seu caminho, com a espada em riste, alertou-o severamente do perigo que corria se avançasse.

— E quem é você que ousa atravessar meu caminho? — disse o cavaleiro arrogantemente.

— Alguém que não ousa mais do que aquilo que pode fazer — disse Teodoro.

— Procuro a senhora Isabela — disse o cavaleiro — e soube que ela se refugiou entre esses rochedos. Não me impeça ou se arrependerá de ter provocado o meu rancor.

— Seu propósito é tão odioso como é desprezível seu rancor — disse Teodoro. —Volte imediatamente para onde veio ou logo saberemos qual rancor é mais terrível.

O estranho, que era o cavaleiro principal enviado pelo Marquês de Vicenza, tinha se afastado de Manfredo enquanto este estava ocupado em obter informações sobre o paradeiro da princesa e em dar ordens para evitar que esta caísse em poder dos três cavaleiros. Ele suspeitava que Manfredo estivesse a par do esconderijo da princesa; e agora este insulto, por parte de alguém que ele acreditava estivesse vigiando-a, confirmou as suas suspeitas. Desse modo, sem dar-lhe resposta alguma, desferiu um golpe de espada sobre Teodoro, que teria logo removido

todo obstáculo, não tivesse Teodoro, que o tomava por alguém do exército de Manfredo, amparado tal golpe em seu escudo. A coragem que por tanto tempo permanecera oculta no peito do jovem rapaz então irrompeu de uma vez: lançou-se impetuosamente sobre o cavaleiro, cujo orgulho e cólera incitavam altos feitos. O combate foi violento, mas fulminante. Teodoro feriu o cavaleiro em crês lugares e finalmente desarmou-o quando este desmaiou por perda de sangue.

O camponês, que tinha fugido à primeira investida, dera o alarme para alguns criados de Manfredo que, conforme suas ordens, tinham se espalhado pela floresta em busca de Isabela. Esses chegaram no momento em que o cavaleiro tombava, logo se dando conta de que se tratava do nobre desconhecido. Teodoro, apesar de seu ódio por Manfredo, não conseguiu suportar sua vitória sem compaixão e generosidade. Ficou ainda mais comovido quando soube das qualidades de seu adversário e foi informado de que não era um soldado, mas um inimigo de Manfredo. Ajudou os criados a tirarem a armadura do cavaleiro, esforçando-se por estancar o sangue que brotava de seus ferimentos. O cavaleiro, recobrando sua fala, disse com uma voz fraca e entrecortada:

— Generoso guerreiro, nós dois estávamos errados... Eu o tomei por um instrumento do tirano e percebo que você cometeu o mesmo engano... É tarde demais para desculpas...Vou desmaiar... Se Isabela está próxima, chame-a... Tenho importantes segredos para...

— Ele está morrendo ! — disse um dos criados. — Ninguém tem um crucifixo? Andreas, diga uma oração por ele.

— Tragam água — disse Teodoro. — Despejem em sua garganta e façam com que beba, enquanto corro para chamar a princesa.

Dizendo isso, ele voou até Isabela e narrou em poucas palavras que desgraçadamente havia ferido, por engano, um cavaleiro enviado pela corte de seu pai, e ele, antes de morrer, desejava dizer-lhe coisas importantes. A princesa, que ficara extremamente agitada ao ouvir a voz de Teodoro chamando-a, ficou perplexa com o que ouviu. Deixando-se conduzir por Teodoro, cuja nova prova de coragem reacendera-lhe o ânimo, aproximou-se do local onde jazia o cavaleiro ensanguentado; mas seus temores retornaram quando vislumbrou os homens de Manfredo. Estava a ponto de fugir novamente, se Teodoro não a fizesse notar que esses estavam desarmados, e se não os tivesse ameaçado de morte, caso ousassem aprisionar a

princesa. O desconhecido, abrindo seus olhos e fitando a mulher disse:

— Será você?... Por favor, diga-me a verdade... Será você Isabela de Vicenza?

— Sou eu — disse ela. — Que o bom Deus lhe devolva saúde!

— Então você... Então você... — disse o cavaleiro, lutando para falar — ... está vendo... seu pai!... Dê-me um...

— Oh! Por Deus! Horror! Que estou ouvindo? Que estou vendo? — gritou Isabela — Meu pai! Você é meu pai! Como veio até aqui, senhor? Pelo amor de Deus, fale!... Oh! Tragam socorro ou ele morrerá!

— É a pura verdade — disse o cavaleiro ferido, empregando todas as suas forças. — Sou Frederico, seu pai... Sim, vim para libertá-la... Não será... Dê-me um beijo de despedida...

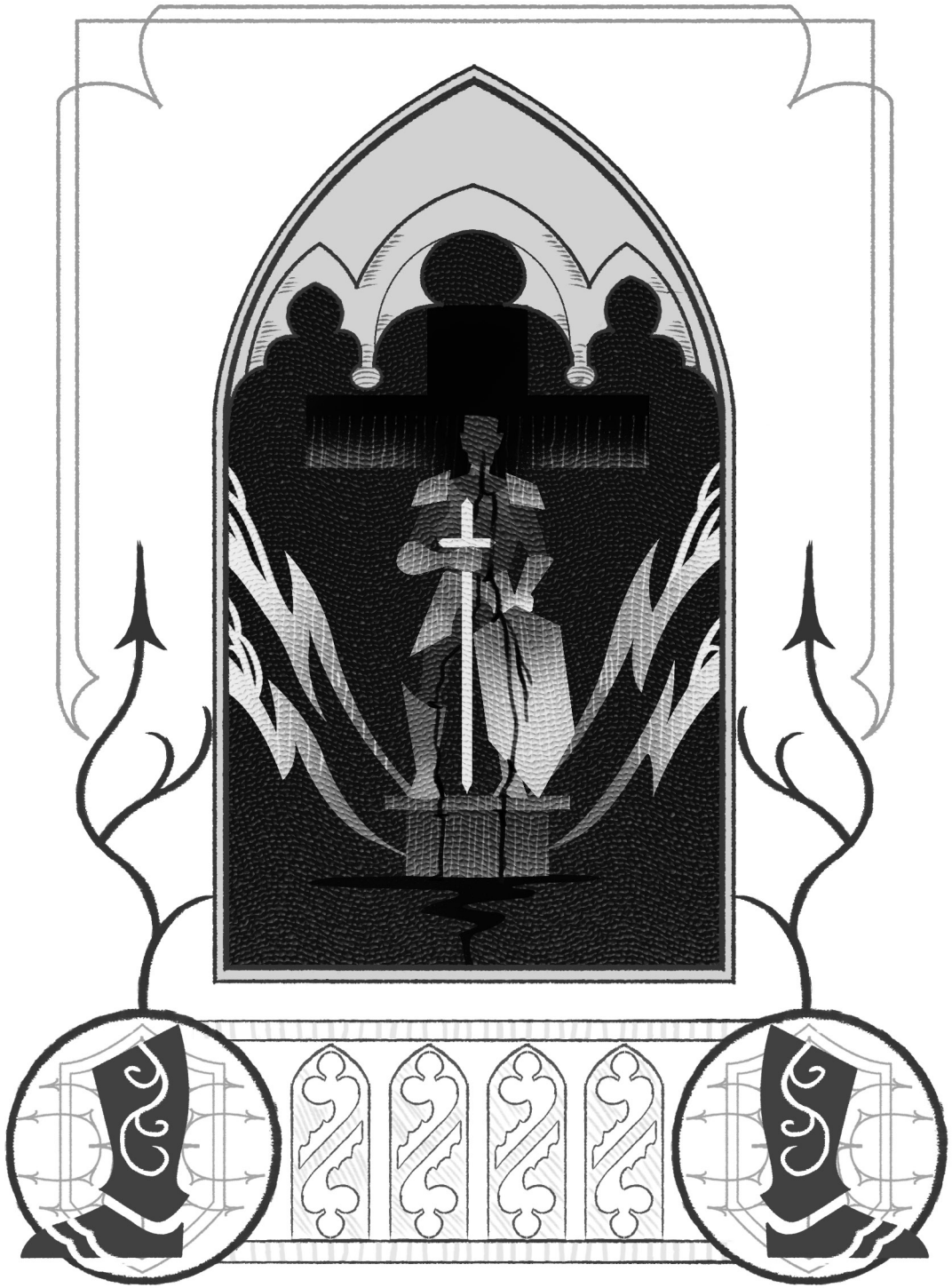
— Senhor — disse Teodoro, — não se canse, permita-nos que o levemos até o castelo.

— Para o castelo? — disse Isabela — Não. Não há ajuda mais próxima do que o castelo? Iria deixar meu pai à mercê do tirano? Se ele for para lá, não ouso acompanhá-lo... E, no entanto, como posso deixá-lo?

— Minha filha — disse Frederico, — não me

importa para onde serei levado: em poucos minutos estarei além de todo perigo, mas enquanto tiver olhos para contemplá-la, não me abandone, querida Isabela! Este bravo cavaleiro... nem sei quem ele é... protegerá sua inocência. Senhor, não abandonará minha filha, promete-me?

Teodoro, derramando lágrimas sobre sua vítima e jurando guardar a princesa com sua própria vida, convenceu Frederico a se deixar transportar para o castelo. Puseram-no sobre o cavalo de um criado, fechando seus ferimentos o melhor que podiam. Teodoro cavalgou a seu lado e a aflita Isabela, incapaz de se afastar dele, acompanhava-o pesarosamente atrás.



IV

Assim que o triste cortejo alcançou o castelo, Hipólita e Matilda, a quem Isabela, por intermédio de um dos criados, mandara avisai' de sua chegada, vieram ao seu encontro. Depois de ordenar que Frederico fosse medicado no aposento mais próximo, as mulheres retiraram-se para que os médicos examinassem os

ferimentos. Matilda corou ao ver Isabela e Teodoro juntos; mas tentou ocultar, abraçando sua amiga e demonstrando-lhe seu pesar pelo que ocorrera com seu pai. Os médicos logo saíram para assegurar a Hipólita que o marquês estava fora de perigo e que este desejava ver sua filha e as princesas. Teodoro, sob o pretexto de expressar sua alegria ao se ver livre da apreensão de que o combate pudesse ter sido fatal para Frederico, não pôde resistir ao impulso de acompanhar Matilda.

Ambos trocavam olhares com tanta frequência, que Isabela, observando Teodoro com a mesma atenção com que este observava Matilda, logo adivinhou o alvo de seus afetos. Enquanto essa cena sem palavras se passava, Hipólita perguntou a Frederico a razão de ter agido daquela estranha maneira de reclamar sua filha; lançando, ao mesmo tempo, várias desculpas para escusar o príncipe Manfredo pelo casamento contratado entre seus filhos. Frederico, apesar de estar encolerizado com o príncipe, não era insensível aos bons cuidados e benevolência de Hipólita; porém estava ainda mais comovido com as lindas formas de Matilda. Desejando retê-las ao lado de sua cama, resolveu pôr Hipólita a par de sua história.

Contou-lhe então que, quando prisioneiro dos

infiéis, ele tivera um sonho de que sua filha, da qual não tivera mais noticias desde que entrara no cativeiro, estava presa num castelo, onde corria o perigo de sofrer as mais terríveis desgraças; e que, se ele conseguisse obter sua liberdade e fosse para um bosque nas proximidades de Joppa1, obteria mais notícias. Alarmado com tal sonho, e incapaz de seguir as instruções que lhe foram dadas, suas cadeias tornaram-se-lhe ainda mais pesadas.

Contudo, enquanto seus pensamentos se ocupavam com meios de obter sua liberdade, recebeu a boa nova de que os príncipes confederados, que lutavam na Palestina, haviam pago o seu resgate. Ele imediatamente encaminhou-se para o bosque que lhe havia sido indicado em sonho. Por três dias ele e seus companheiros andaram a esmo pela floresta sem vislumbrar uma forma humana. Mas, na noite do terceiro dia chegaram a uma gruta, onde encontraram um venerável eremita já nas agonias da morte. Aplicando-lhe bálsamos revigorantes, o santo homem recobrou a fala. “Meus filhos”, disse ele, “fico-lhes grato pela caridade... mas é inútil... estou a caminho do descanso eterno... no entanto, morro com a satisfação de cumprir a vontade divina. Quando cheguei pela primeira vez a esta solidão, depois de ter visto meu país

cair nas mãos dos infiéis (já faz, ah!, mais de cinquenta anos que fui testemunha daquela horrenda cena!), São Nicolau apareceu para mim e me revelou um segredo, que me proibiu de transmitir a qualquer homem, a não ser no meu leito de morte. É chegada a estupenda hora e são vocês, sem dúvida, os guerreiros escolhidos para os quais devo revelar minha verdade. Assim que tiverem terminado os últimos serviços sobre este pobre corpo, cavem debaixo da sétima árvore do lado esquerdo desta caverna, e as suas dores irão... Oh! Bom Deus receba minha alma!..."

Com tais palavras aquele homem devoto expirou seu último sopro. Ao romper o dia — continuou Frederico, — quando havíamos entregue os santos vestígios à terra, cavamos conforme as suas instruções... Mas qual não foi o nosso espanto quando a aproximadamente seis pés de profundidade nós descobrimos uma enorme espada?... A mesma arma que está caída lá no pátio! Na lâmina, que estava, naquela ocasião, parcialmente desembainhada, embora desde aquela época esteja novamente embainhada, apesar de nossos esforços para removê-la, estavam escritas as seguintes frases... Não. Desculpe-me, senhora — acrescentou o marquês, voltando-se para Hipólita — se me contenho em pronunciá-las.

Respeito o seu sexo e sua situação e não quero ser culpado de ofender os seus ouvidos com sons injuriosos àquilo que lhe é mais caro.

Calou-se. Hipólita tremia. Ela não duvidava de que Frederico fora destinado pelos céus para levar a cabo o destino que parecia pairar sobre sua casa. Mirando com ansiosa ternura Matilda, uma lágrima silenciosa escorreu por sua face; mas, recompondo-se, ela disse:

— Prossiga, meu senhor, o céu nada faz em vão: os mortais têm que obedecer às ordens divinas com humildade e submissão. É nosso dever sujeitarmo-nos à sua ira, curvarmo-nos a seus decretos. Repita a sentença, meu senhor: ouviremos, resignadas.

Frederico ficou penalizado de ter avançado até aquele ponto. A digna e paciente firmeza de Hipólita infundiram-lhe profundo respeito, e o terno afeto silencioso com o qual a princesa e sua filha miravam-se uma à outra quase o fez derramar-se em lágrimas. No entanto, receoso de que sua recusa em obedecer fosse ainda mais alarmante, ele repetiu, com a voz sussurrante e entrecortada, os seguintes versos:

Onde achar o elmo que com esta espada condiz,
Rodeada de perigos encontrará a filha amada:

Só o sangue de Afonso pode salvá-la; e acalmar
O espectro que há tanto tempo ronda, inquieto.

— Que há nesses versos — disse Teodoro impacientemente — que diz respeito a estas princesas? Por que deveriam ficar chocadas com essa misteriosa extravagância, que tem tão pouca razão de ser?

— Suas palavras são rudes, meu rapaz — disse o marquês, — e, embora a sorte o tenha favorecido uma vez...

— Meu honrado senhor — disse Isabela, sentida com o ardor de Teodoro, que percebia ser ditado por seus sentimentos para com Matilda, — não se desgaste com os equívocos de um filho de camponês: ele se esqueceu da reverência que lhe deve; pois não está acostumado...

Hipólita, preocupada com a tensa atmosfera que se havia instalado, censurou Teodoro por sua ousadia, mas demonstrando apreço por seu zelo. Mudando o rumo da conversa, perguntou a Frederico onde havia deixado seu marido e senhor. Quando o marquês ia responder, ouviram um barulho do lado de fora. Erguendo-se para indagar a causa, Manfredo, Jerônimo e parte da tropa, que tinham ouvido alguns rumores do que se passara, entraram no aposento. Manfredo avançou rapidamente

em direção à cama de Frederico para se condoer junto com este de seu infortúnio e também para conhecer as circunstâncias do combate, quando, num transe de terror e surpresa, ele gritou:

— Ah! Você está aqui! Você, seu horrível espectro! Chegou a minha hora?

— Meu muito querido e nobre senhor — gritou Hipólita, amparando-o em seus braços. — Que está havendo? Por que tem os olhos assim saltados?

— O quê?— gritou Manfredo sem fôlego. — Não está vendo nada, Hipólita? Será que este horripilante fantasma foi enviado só para mim... para mim que não...

— Pela graça divina — disse Hipólita, — controle-se, domine a sua razão. Não há ninguém aqui exceto nós, seus amigos.

— O quê? Este não é Afonso! — gritou Manfredo — Vocês não estão vendo? Será um delírio de minha mente?

— Este, meu senhor — disse Hipólita, — este é Teodoro, aquele rapaz tão desafortunado...

— Teodoro! — disse Manfredo tristemente e levando a mão à testa — Teodoro, ou um fantasma, ele perturba a alma de Manfredo... Mas como chegou até aqui? E como está de armadura?

— Acredito que tenha ido à procura de Isabela — disse Hipólita.

— De Isabela? — tornou Manfredo, enfurecendo-se novamente. — Sim, sim, não há dúvida.... Mas como escapou do cárcere em que eu o tinha metido? Foi Isabela, ou este velho padre hipócrita, que o libertou?

— E seria, um pai um criminoso, meu senhor — disse Teodoro, — se tentasse libertar um filho seu?

Jerônimo, surpreso de ver-se assim de certo modo incriminado por seu filho, e sem fundamento algum, não sabia o que pensar. Ele não conseguia compreender como Teodoro puderia escapar, como obtivera aquela armadura e como se encontrara com Frederico. Ainda assim, ele não se aventurava a levantar nenhuma pergunta que pudesse inflamar a ira de Manfredo contra seu filho. O silêncio de Jerônimo convenceu Manfredo de que o religioso tinha ajudado Teodoro a escapar.

— E é assim, seu velho ingrato — disse o príncipe, dirigindo-se ao padre, — que você paga a generosidade minha e de Hipólita? E não contente em contrariar os mais caros desejos do meu coração, ainda armou este bastardo e o trouxe para cá, para meu próprio castelo, a insultar-me?

— Meu senhor — disse Teodoro, — está enganado

quanto a meu pai, nem ele nem eu somos capazes de dar abrigo a um só pensamento que atente contra a sua paz. Será insolência de minha parte entregar-me assim à vontade de sua alteza? — acrescentou ele, depondo a sua espada respeitosamente aos pés de Manfredo. — Examine o meu peito, senhor; golpeie-o, se suspeita que algum pensamento desleal nele se aloja. Não há um só sentimento em meu coração gravado, que não renda veneração ao senhor e aos seus.

A graça e o fervor com os quais Teodoro pronunciou essas palavras valeram-lhe a benevolência de todos os presentes. Até mesmo Manfredo comoveu-se... No entanto, ainda possuído pela angústia que lhe advinha pela semelhança de Teodoro com Afonso, sua admiração estava tingida de um horror secreto.

— De pé — disse Manfredo. — Tirar-lhe a vida não é o meu propósito no momento... Mas, conte-me a sua história e como foi que se ligou a este velho traidor aqui.

— Meu senhor! — disse Jerônimo prontamente.

— Silêncio, impostor! — exclamou Manfredo. — Não quero que ninguém lhe insinue nada.

— Meu senhor — disse Teodoro, — não quero auxílio algum; minha história é muito breve. Fui levado com cinco anos de idade para Algiers, junto com minha

mãe, que fora raptada por corsários na costa da Sicília. Ela morreu de desgosto em menos de um ano.

As lágrimas brotaram dos olhos de Jerônimo, em cujo rosto transpareceu uma avalanche de paixões angustiantes.

— Antes de morrer — continuou Teodoro, — enfiou um papel sob meu braço, debaixo das roupas, pelo qual vim a saber que era filho do Conde de Falconara.

— É a pura verdade — disse Jerônimo. — Sou aquele pobre pai.

— Peço-lhe, mais uma vez, que permaneça em silêncio — disse Manfredo. — Continue.

— Permaneci escravo — prosseguiu Teodoro — até dois anos atrás quando, acompanhando meu amo em suas navegações, fui libertado por uma embarcação cristã, que derrotou o pirata. Ao revelar a minha identidade ao capitão, este generosamente me deixou nas costas da Sicília. Mas ai!, ao invés de encontrar um pai, soube que sua propriedade, situada na costa, havia sido depredada durante a sua ausência pelo mesmo bandido que levara minha mãe e eu para o cativeiro. Seu castelo fora queimado e meu pai, ao retornar, vendeu tudo o que restava e abraçou a vida religiosa no reino de Nápoles, mas ninguém soube informar-me em que local

exatamente. Sem posses, sem amigos, quase sem esperanças de algum dia ter a alegria de abraçar meu pai, na primeira oportunidade, embarquei rumo a Nápoles. De lá viajei durante seis dias até esta província, sustentando-me pelo trabalho de minhas mãos. Até ontem de manhã, não acreditava que o céu tivesse me reservado outra sorte que não a de minha própria consciência tranquila e uma digna pobreza. Esta, meu senhor, é a história de Teodoro. Fui agraciado muito além do que esperava ao encontrar meu pai; incorrer no desagrado de sua alteza é um infortúnio que ultrapassa os meus castigos.

Teodoro calou-se. Um murmúrio de aprovação ergueu-se lentamente entre os presentes.

— Isto não é tudo — disse Frederico. — Sinto-me ’ obrigado a acrescentar o que ele omite. Embora ele seja modesto, eu devo ser generoso... É um dos jovens mais valorosos que existem em solo cristão. É afetuoso também; e, do pouco que o conheço, atesto que diz a verdade: se o que conta de si mesmo não fosse verdade, ele não o diria... e, no que me diz respeito, jovem, honro a honestidade que vem do seu nascimento. Mas agora, bem há pouco você me ofendeu; no entanto, o sangue nobre que corre em suas veias bem pode permitir-se que

ferva, ainda mais quando há tão pouco tempo encontrou a sua própria fonte. Vamos, meu senhor — disse, voltando-se para Manfredo — se posso perdoá-lo, certamente também pode: não é culpa deste jovem, se você o tomou por um espectro.

Esse gracejo amargo irritou a alma de Manfredo.

— Se seres do outro mundo — replicou ele, com arrogância — têm força para impressionar a minha mente com seus horrores, isso é algo que nenhum homem vivo consegue, ainda mais um rapazola arma...

— Meu senhor — interrompeu Hipólita, — seu hóspede necessita de repouso; não é melhor que todos nós o deixemos descansar?

Dizendo isto e tomando Manfredo pela mão, ela pediu licença a Frederico para sair, e liderou todos os demais. O príncipe, satisfeito em abandonar aquela conversa em que se vira obrigado a revelar seus mais secretos sentimentos, deixou-se conduzir para os seus próprios aposentos; não antes de permitir que Teodoro se retirasse junto com seu pai para o convento, mas com a condição de que se apresentasse ao castelo na manhã seguinte, coisa que muito agradou ao jovem.

Matilda e Isabela estavam preocupadas mais consigo mesmas e muito pouco contentes uma com a

outra para desejarem estender a conversa naquela noite. Separaram-se, dirigindo-se cada qual para o seu quarto, com mais expressões de cerimônia e poucas de afeto, do que era costume entre ambas desde o tempo de menina.

Se se separaram com pouca cordialidade, reencontraram-se ainda com maior impaciência, assim que o sol se levantou. Suas mentes estavam num estado tal que excluía o sono e cada uma repassou, durante a noite, uma infinidade de perguntas que desejava ter feito para a outra. Matilda refletiu que Isabela fora salva por Teodoro duas vezes em situações extremamente críticas, que ela não acreditava, cerem sido acidentais. É verdade que os olhos dele tinham se fixado nela, Matilda, durante todo o tempo no quarto de Frederico; mas isso poderia ter sido um meio para ocultar a sua paixão por Isabela de ambos os pais. Era melhor resolver essa situação. Ela queria saber a verdade, com medo de que pudesse enganar a sua amiga, alimentando uma paixão por seu amante. Assim o ciúme irrompeu, ao mesmo tempo que tomava emprestado uma desculpa à amizade para justificar a sua curiosidade.

Isabela, não menos irrequieta, tinha mais fundamentos para suas suspeitas. Tanto a língua como os olhos de Teodoro haviam confessado a paixão de seu coração,

isso era verdade... Mas Matilda podia não corresponder à sua paixão... Ela sempre parecera insensível ao amor; todos os seus pensamentos pareciam voltar-se para os céus... Por que a dissuadi? — disse Isabela para si mesma. — Sou castigada por minha generosidade... Mas onde teriam eles se encontrado? Onde?... Não pode ser; devo estar enganada... Talvez ontem à noite tenha sido a primeira vez em que ambos se encontraram... Deve ser outro o alvo que atraiu os seus afetos... Se for, não sou tão infeliz quanto pensei; se não for minha amiga Matilda... Como? Posso então desejar a felicidade com um homem que, de modo tão rude e desnecessário, demonstrou sua indiferença? E isso no exato momento em que a mais simples cortesia pedia por expressões de civilidade. Irei até minha querida Matilda que concordará comigo... os homens são falsos... vou me aconselhar com ela se devo tomar o hábito: ela vai se alegrar de me ver com tal ânimo; e eu lhe direi que já não me oponho à sua inclinação para o claustro.

Com isso em mente e determinada a abrir totalmente seu coração para Matilda, dirigiu-se para o quarto da princesa, a quem já encontrou vestida e pensativa, com o rosto entre as mãos. Essa postura, que correspondia tão bem ao que ela mesma sentia, fez renascerem as

suspeitas de Isabela e destruiu a confiança que ela intencionara depositar em sua amiga. Ambas coraram ao se encontrar; eram jovens demais para conseguir disfarçar suas emoções com formalidades. Depois de algumas perguntas e respostas insignificantes, Matilda indagou a Isabela a razão de sua fuga. Esta última, que quase se esquecera da paixão de Manfredo, de tão ocupada que estava com a sua própria, concluindo que Matilda havia se referido à última fuga do convento e que havia causado os eventos da noite precedente, retorquiu:

— Martelli anunciou no convento que sua mãe tinha morrido.

— Oh! — disse Matilda, interrompendo-a. — Bianca explicou-me o mal-entendido: vendo-me desmaiar, ela gritou "A princesa morreu!" E Martelli, que passava pelo castelo para recolher a sua esmola de costume...

— E o que a fez desmaiar? — disse Isabel,, sem prestar atenção a todo o resto.

Matilda corou, gaguejando:

— Meu pai... julgava um criminoso...

— Qual criminoso? — perguntou Isabela ansiosa.

— ...Um jovem — disse Matilda, — creio... penso que tenha sido aquele jovem que...

— O quê! Teodoro? — disse Isabela.

— Sim — respondeu ela. — Nunca o vi antes; não sei como ele ofendeu meu pai... mas, como ele prestou bons serviços a você, fico contente que meu senhor o tenha perdoado.

— Serviços a mim? — replicou Isabela. — Você chama de bons serviços ferir meu pai e quase causar a sua morte? Embora só ontem eu tenha recebido a bênção de conhecer um pai, espero que Matilda não pense que sou estranha ao afeto filial, de modo a não me magoar com os atos daquele rapaz audacioso, e que me seja impossível sentir qualquer afeição por alguém que ousou erguer seu braço contra o autor do meu ser. Não, Matilda, meu coração o detesta; e se você ainda mantém por mim a amizade que me devotou desde a infância, você também odiará um homem que esteve a ponto de me fazer miserável para sempre.

Matilda manteve a cabeça baixa e respondeu:

— Espero que minha querida Isabela não duvide da amizade de Matilda: nunca havia posto meus olhos sobre aquele rapaz até ontem. Ele é quase um estranho para mim. Mas como os médicos declararam que seu pai está fora de perigo, você não deve abrigar sentimentos ruins contra alguém que, tenho certeza, não sabia que o marquês era seu pai.

— Você toma o seu partido muito enfaticamente — disse Isabela, — considerando que ele é um estranho para você! Estou enganada ou ele também lhe retribui esta afeição?

— Que você quer dizer? — disse Matilda.

— Nada — disse Isabela, arrependendo-se de ter dado a Matilda uma pista da inclinação de Teodoro por ela.

Assim, mudou o rumo da conversa e perguntou o que levara Manfredo a tomar Teodoro por um espectro.

— Deus meu! — exclamou Matilda. — Você não notou a sua extrema semelhança com o retrato de Afonso na galeria? Eu já o tinha apontado para Bianca antes mesmo de tê-lo visto de armadura; mas com o elmo, ele é a imagem mesma daquele quadro.

— Não presto muita atenção em quadros — disse Isabela, — e acho que não examinei este rapaz tão atentamente quanto você parece ter feito... Ah! Matilda, o seu coração está em perigo... mas deixe-me avisá-la, como amiga. Ele me confessou que está apaixonado: não pode ser por você, pois ontem foi a primeira vez que vocês se viram..., não foi?

— Certamente — respondeu Matilda. — Mas por que a minha querida Isabela conclui de minhas palavras

que... — ela calou-se por uns instantes, depois continuou. — Ele a viu primeiro, e anda longe de mim a vaidade de acreditar que a minha pequena porção de encantos poderia atrair um coração devotado a você. Que você possa ser feliz, Isabela, qualquer que seja o destino de Matilda!...

— Minha adorável amiga — disse Isabela, cujo coração era puro demais para resistir a uma expressão de afeto, — é você a quem Teodoro admira; eu vi; tenho certeza disso; não permitirei que um pensamento de minha própria felicidade interfira com a sua.

Essa franqueza extraiu lágrimas da doce Matilda e o ciúme, que, por um instante, havia erguido uma atmosfera de frieza entre as duas adoráveis donzelas, logo cedeu à natural sinceridade e candura de suas almas. Cada uma confessou à outra a impressão que Teodoro lhe havia causado; e esta confidência foi seguida por um combate de generosidade, cada qual insistindo em ceder seu lugar à amiga. Por fim, o digno caráter de Isabela fez com que esta, recordando-se da preferência que Teodoro havia quase que declarado por sua rival, se resolvesse a dominai' a sua paixão e ceder a pessoa amada à sua amiga.

Durante essa disputa amigável, Hipólita entrou no quarto de sua filha.

— A senhora — disse ela para Isabela — demonstra tanta afeição por Matilda e revela interesse tão amável em tudo que diz respeito à nossa desafortunada casa, que não posso ter nenhum segredo com minha filha que você não possa ouvir.

As princesas eram todas atenção e expectativa.

— Saiba, então, senhora — continuou Hipólita, — e você, minha querida Matilda, que, estando totalmente convencida pelos acontecimentos desses dois últimos ominosos dias, é desígnio celeste que o cetro de Otranto passe das mãos de Manfredo para as do marquês Frederico, provavelmente fui inspirada com o pensamento de que se poderia evitar nossa inteira destruição pela união das duas casas rivais. Tendo isso em vista, propus a Manfredo, meu senhor, que entregasse a mão de minha querida, queridíssima filha, a Frederico, seu pai, Isabela.

— A minha mão para o senhor Frederico? — gritou Matilda... — ...Bom Deus! Graciosa mãe... e você mencionou isso a meu pai?

— Sim — disse Hipólita. — Ele ouviu com agrado minha proposta e ia expô-la ao marquês.

— Ah! pobre princesa! — gritou Isabela. — Que foi que fez? Que desgraça a sua inadvertida bondade está a preparar para si mesma, para mim e para Matilda!

— Eu a preparar a sua desgraça e a de minha filha? — exclamou Hipólita. — Que significa isso?

— Ai! — disse Isabela. — A pureza de seu próprio coração não a deixa enxergar a devassidão dos outros. Manfredo, seu esposo, aquele homem ímpio...

— Chega! — disse Hipólita. — Você não ouse em minha presença referir-se a Manfredo de modo desrespeitoso: ele é meu senhor e marido e...

— Mas não será por muito tempo — disse Isabela, — se conseguir levar a cabo as suas perversas intenções.

— Suas palavras me intrigam — disse Hipólita. — Os seus sentimentos são fogosos, Isabela, mas até hoje eu nunca os vira levá-la assim até a intemperança. Que fez Manfredo que a autorize a tratá-lo assim como um criminoso, um assassino?

— Ah! minha princesa virtuosa e crédula demais! — replicou Isabela — Não é contra a sua vida que ele intenta... É separar-se de si que ele planeja! Divorciar-se!

— Di... divorciar-se?

— Divorciar-se de minha mãe? — Exclamaram Hipólita e Matilda a um só tempo.

— Sim — disse Isabela. — E para completar o seu crime, ele deseja... não consigo dizê-lo!

— Que pode ser ainda pior do que o que acaba de pronunciar? — indagou Matilda.

Hipólita permaneceu em silêncio. A angústia impedia-a de falar e a lembrança das últimas e ambíguas frases de Manfredo confirmou o que acabara de ouvir.

— Bondosa! Cara senhora! Mãe! — gritou Isabela, lançando-se aos pés de Hipólita num transe de emoção. — Acredite, confie em mim... Morrerei mil vezes antes de consentir em insultá-la, antes de ceder a tão odioso... oh!...

— Isto é demais! — gritou Hipólita. — A quantos crimes um só crime conduz! Levante-se, querida Isabela. Não duvido de sua honestidade. Oh! Matilda, este golpe é pesado demais para você! Não chore, menina; e nem mais uma palavra, ordeno-lhe! Lembre-se de que ele ainda é seu pai!

— Mas você também é minha mãe — disse Matilda, ardorosamente, — e você é honrada, você é inocente!... Oh! Então... então não tenho motivos para lamentar-me?

— Não deve — exclamou Hipólita. — Vamos, tudo ainda acabará bem. Manfredo, com a dor de perder o seu filho, não sabia o que estava dizendo; talvez Isabela

o tenha compreendido mal. O seu coração é bom... e, minha filha, você não sabe de tudo. Há um destino que pende sobre nós. A mão da Providência está prestes a... Oh! Se eu pudesse salvá-las do naufrágio!... Sim — continuou ela num tom cheio de firmeza — talvez o meu sacrifício possa salvar a todos... Eu irei e me oferecerei a mim mesma para esse divórcio... Não importa o que aconteça comigo. Retirar-me-ei para o monastério vizinho e passarei o resto de minha vida entre orações e lágrimas por minha menina e... pelo príncipe!

— A senhora é boa demais para este mundo — disse Isabela, — tanto quanto Manfredo é execrável... Mas não pense, senhora, que a sua submissão determinará o meu comportamento. Juro... Ouçam-me vocês todos, anjos...

— Pare! Eu lhe peço — gritou Hipólita — Lembre-se de que você não depende de você mesma. Você tem um pai.

— Meu pai é por demais caridoso, por demais nobre — interrompeu Isabela — para ordenar uma ação ímpia. Mas se ele assim o ordenasse, pode um pai apreciar um ato amaldiçoado? Eu estava destinada ao filho, posso, então, casar-me com o pai?... Não, senhora, não. Força alguma me arrastaria ao odioso leito de Manfredo. Eu o detesto, abomino-o: todas as leis humanas e divinas o

proíbem... E minha amiga, minha querida Matilda! iria eu ferir a sua terna alma, causando algum insulto à sua adorada mãe? Minha própria mãe... Eu nunca conheci nenhuma outra...

— Oh! Ela é a mãe de nós duas! — clamou Matilda. — Poderemos um dia, Isabela, será que poderemos, adorá-la demasiadamente?

— Minhas adoradas meninas — disse a comovida Hipólita, — a ternura de vocês duas sobrepuja-me... mas não devo ceder a ela. Não cabe a nós escolhermos por nós mesmas; o céu, nossos pais e nossos maridos devem decidir por nós. Tenham paciência até que saibam o que foi que Manfredo e Frederico determinaram. Se o marquês aceitar a mão de Matilda, sei que ela obedecerá prontamente. A vontade divina pode interpor-se e evitar o resto. Mas que significa isso, minha filha? — continuou ela, vendo Matilda cair a seus pés numa torrente de lágrimas. — Mas não; não me responda, minha filha. Não devo ouvir uma palavra que não seja do agrado de seu pai.

— Oh! Não duvide de minha obediência, da minha terrível obediência a ele e a você! — disse Matilda. — Mas posso eu, oh mais respeitável das mulheres, posso

eu provar toda esta ternura, este mundo de bondade, e ocultar um pensamento da mais doce das mães?

— Que dirá? — irrompeu Isabela a tremer. — Controle-se Matilda.

— Não, Isabela — disse a princesa. — Não estaria à altura dessa incomparável mãe, se os mais profundos recessos da minha alma dessem abrigo a um pensamento sem sua permissão... Não, eu a ofendi. Deixei que uma paixão entrasse em meu peito sem o seu consentimento... Mas aqui eu a revelo, aqui confesso ao céu e...

— Minha filha! Minha filha! — disse Hipólita — Que palavras são essas? Que novas calamidades o destino nos reserva? Você, uma paixão? Você, nesta hora de destruição...

— Oh! Estou vendo toda a minha culpa ! — disse Matilda. — Eu me amaldiçoo por causai' à minha mãe mais esta dor. Ela é a coisa mais cara que tenho neste mundo... Oh! Nunca, nunca mais o verei!

— Isabela — disse Hipólita, — você está a par desse triste segredo, qualquer que ele seja. Fale...

— O quê? — gritou Matilda. — Será que contrariei a tal ponto o amor de minha mãe que não irá nem mesmo permitir que eu confesse a minha própria culpa? Oh! triste, triste Matilda!

— Você está sendo muito cruel — disse Isabela para Hipólita. — Consegue contemplar a angústia dessa mente virtuosa e não sentir piedade?

— Não se lamente, minha filha! — exclamou Hipólita, estreitando Matilda em seus braços. — Oh! Sei como ela é bondosa, como é honrada, toda ternura e cumpridora de seus deveres. Eu a perdoo, minha excelente, minha única esperança!

As princesas então revelaram a Hipólita a atração que ambas sentiam por Teodoro e a intenção de Isabela de renunciar a tal paixão em prol de Matilda. Hipólita reprovou-lhes a falta de recato e demonstrou-lhes a improbabilidade de que cada um dos pais consentisse em entregar sua herdeira a um homem tão pobre, ainda que de sangue nobre. Tirou algum conforto em saber que tal paixão era ainda tão recente e que Teodoro tinha poucas razões para suspeitar de sua existência. Ela deu ordens estritas de que evitassem toda comunicação com ele. Matilda prometeu fervorosamente; mas Isabela, dizendo a si mesma que iria apenas promover a união dele com sua amiga, não se decidiu a evitá-lo e nada respondeu.

— Irei ao convento — disse Hipólita — e pedirei que rezem novas missas para que nos salvem dessas calamidades.

— Oh minha mãe! — exclamou Matilda — Você pretende deixar-nos: pretende tomar o hábito e dar a meu pai uma oportunidade de cumprir os seus desígnios fatais? Ai! De joelhos, imploro que não faça isto... Deixar-me-á então como uma presa à mercê de Frederico? Seguirei seus passos para o convento.

— Fique em paz, minha menina — tornou Hipólita.

— Voltarei imediatamente. Nunca a abandonarei, a menos que seja a vontade dos céus e para o seu próprio benefício.

— Não me engane — disse Matilda. — Não me casarei com Frederico até que você o ordene. Ai! Que será de mim? 1

— Por que está agindo assim? — disse Hipólita. — Dei-lhe a minha palavra de que voltarei.

— Ah, minha mãe — replicou Matilda, — fique e salve-me de mim mesma. Um aceno de sua cabeça pode mais do que toda a severidade do meu pai. Entreguei meu coração e só você pode trazê-lo de volta.

— Nunca mais — disse Hipólita, — você deve descuidar-se, Matilda.

— Posso deixar Teodoro — disse ela, — mas devo casar-me com outro? Deixe-me acompanhá-la ao convento e lá refugiar-me para sempre deste mundo.

— A sua sorte depende do seu pai — disse Hipólita. — Empreguei mal o meu afeto, se este alguma vez me ensinou a reverenciar alguém que não o seu pai. Adeus, minha menina! Parto, para rezar por você.

O verdadeiro propósito de Hipólita era perguntar a Jerônimo se, em sã consciência, ela poderia ou não consentir no divórcio. Ela muitas vezes insistira com Manfredo para que renunciasse ao Principado, pois a sua fina consciência o considerava um fardo constante para ela. Tais escrúpulos conjuminavam-se para fazer com que a separação de seu marido se mostrasse menos terrível para ela do que teria parecido em qualquer outra situação.

Jerônimo, deixando o castelo durante a noite, tinha interrogado Teodoro severamente sobre a razão de tê-lo acusado diante de Manfredo de ser cúmplice de sua fuga.

Teodoro admitiu que tivera intenção de evitar que as suspeitas do príncipe caíssem sobre Matilda; e acrescentou que a santidade da vida e do caráter de Jerônimo o protegiam da cólera do tirano. Jerônimo ficou profundamente pesaroso ao conhecer o afeto de seu filho por aquela princesa e, deixando que descansasse, prometeu que, de manhã, o faria saber de importantes razões para

que dominasse tal paixão. Teodoro, tal como Isabela, ainda estava muito pouco familiarizado com a autoridade paterna para submeter-se às suas decisões contra os impulsos de seu próprio coração. Não tinha muita curiosidade em conhecer as razões do monge e muito menos disposição para obedecê-las. A adorável Matilda havia provocado nele impressões mais poderosas do que a afeição filial. Durante toda a noite, Teodoro deleitou-se com visões de amor; e não foi senão depois do serviço religioso matinal que ele se rendeu às ordens do padre de encontrá-lo diante do túmulo de Afonso.

— Meu rapaz — disse Jerônimo, quando o viu, — este atraso não me agrada. Então os mandamentos de um pai já pesam tão pouco?

Teodoro procurou desculpar-se desajeitadamente e atribuiu a sua demora a um excesso de sono.

— E sobre quem se demoraram os seus sonhos? — indagou o padre rispidamente.

Seu filho corou.

— Vamos, vamos — retomou o padre. — Jovem insensato, isto não pode ser. Erradique do seu peito esta paixão culpada.

— Paixão culpada! — gritou Teodoro — Que tem a culpa a ver com a beleza inocente e a honrada modéstia?

— É pecaminoso — replicou o padre — nutrir afeto por aqueles que o céu destinou à destruição. A raça de um tirano deve ser varrida da face da terra até a terceira ou quarta geração.

— Então o céu castiga o inocente pelos crimes do culpado? — clamou Teodoro. — A linda Matilda tem qualidades suficientes...

— Para destruí-lo — interrompeu Jerônimo. — Você já esqueceu que o bárbaro Manfredo já pronunciou a. sua sentença de morte duas vezes?

— Nem me esqueci, senhor — disse Teodoro, — de que foi a caridade de sua filha que me libertou de seu poder. Posso esquecer as injúrias, mas nunca os atos bons.

— As injúrias que você sofreu da raça de Manfredo — disse o padre — estão muito além do que você pode conceber... Não me responda, mas contemple esta santa imagem! Debaixo deste monumento de mármore, descansam as cinzas do bom Afonso, um príncipe dotado de todas as qualidades: o pai de seu povo! A alegria da humanidade! Ajoelhe-se, seu cabeça-dura, e ouça, enquanto seu pai lhe revela uma história de horror que expulsará todo o sentimento de sua alma, exceto os impulsos de sagrada vingança... Afonso! Príncipe por

demais injustiçado! Deixe que o seu espectro insatisfeito permaneça nos ares convulsos, enquanto meus lábios trêmulos... Ah! Quem vem aí?

— A mais miserável das mulheres — respondeu Hipólita, entrando no coro. — Bom padre, o senhor tem tempo para me ouvir?... Mas o que faz aqui este jovem ajoelhado? Que significa este horror impresso em cada semblante? Por que nesta tumba venerável... Ai! Vocês viram alguma coisa?

— Estávamos dirigindo nossas orações ao céu — respondeu o padre um tanto confuso — para que ponham fim às desgraças desta pobre província. Junte-se a nós senhora! A sua alma sem mácula pode obter algum perdão dos juízos que os prodígios desses últimos dias revelam tão claramente contra a sua casa.

— Rezo ardentemente ao céu para que os afaste — disse a piedosa princesa. — Você bem sabe que tem sido a ocupação de toda a minha vida pedir bênçãos a Deus para meu marido e minhas inocentes crianças... Uma, ai!, foi levada de mim! Que o céu proteja a minha pobre Matilda! Padre, interceda por ela!

— Todos os corações a abençoam! — gritou Teodoro arrebatado.

— Cale-se, insensato! — disse Jerônimo. — E você,

boa princesa, não lute contra os poderes do Altíssimo! O Senhor deu e o Senhor tira: bendiga o seu santo nome e obedeça aos seus decretos.

— É o que faço com toda a devoção — disse Hipólita.

— Mas não irá Ele poupar o meu único conforto? Terá Matilda que perecer também?... Ah. padre, vim... Mas peça que seu filho se retire. Nenhum outro ouvido além do seu pode escutar o que tenho a dizer.

— Que o céu lhe conceda todos os seus desejos, excelente princesa! — disse Teodoro retirando-se.

Jerônimo franziu o semblante.

Hipólita então revelou ao padre a proposta que fizera a Manfredo, de dar a mão de Matilda em casamento a Frederico, e a sua aprovação. Jerônimo não conseguiu esconder o seu mal-estar diante deste assunto, mas tentou dissimular, afirmando a improbabilidade de que Frederico, o mais próximo em sangue a Afonso, e que viera para reclamar o trono, cedesse a uma aliança com o usurpador de seu direito. Mas nada chegou aos pés da perplexidade do padre, quando Hipólita confessou que estava pronta a não se opor à separação de Manfredo e perguntou a sua opinião quanto à legalidade de sua aquiescência. O padre valeu-se rapidamente do seu pedido de conselho e, sem explicar a sua aversão ao

proposto casamento entre Manfredo e Isabela, pintou para Hipólita, com as cores mais terríveis, o aspecto pecaminoso de seu consentimento; anunciou-lhe castigos se ela assim agisse e admoestou-lhe, nos termos mais severos, para que se recusasse indignadamente a qualquer ato nesse sentido.

Manfredo, enquanto isso, havia levado a sua ideia ao conhecimento de Frederico e proposto um duplo casamento. Aquele príncipe fraco, que ficara impressionado com os encantos de Matilda, ouviu avidamente a oferta. Esqueceu sua inimizade com Manfredo, o qual agora ele tinha poucas esperanças de destronar através da força: e, dizendo a si mesmo que não haveria mal algum em unir sua filha ao tirano, encarava a sua própria sucessão ao principado como que facilitada pelo casamento com Matilda. Fez uma leve objeção à proposta, afetando, apenas formalmente, que não concordaria a menos que Hipólita consentisse no divórcio. Manfredo disse que se encarregaria da questão. Entusiasmado com seu sucesso e impaciente de ver-se logo em condição de esperar filhos, correu para o quarto de sua esposa, determinado a extorquir-lhe o seu consentimento. Ficou indignado ao saber que ela estava no convento. A sua culpa sugeriu-lhe que ela fora provavelmente avisada

por Isabela de suas intenções. Não sabia ao certo se a sua ida ao convento não implicava o desejo de lá permanecer até que esta pudesse levantar obstáculos ao seu divórcio. As suspeitas que ele já alimentara contra Jerônimo fizeram-no compreender que o padre não só iria opor-se a seus objetivos, mas poderia ter inspirado Hipólita para que se refugiasse no santuário. Impaciente por desvendar essa intriga e evitar o seu sucesso, Manfredo correu para o convento, chegando lá no exato instante em que o padre exortava encarecidamente a princesa a nunca consentir no divórcio.

— Senhora — disse Manfredo, — que negócios a trazem aqui? Por que não esperou o meu retorno?

— Vim, a fim de implorar uma bênção para as suas resoluções — respondeu Hipólita.

— As minhas resoluções não precisam da intervenção de um padre — exclamou Manfredo. — Será que de todos os mortais este velho traidor é o único com quem você se compraz em conversar?

— Príncipe profano! — disse Jerônimo. — É aos pés do altar que vem insultar um servo de Deus?... Mas, Manfredo, seus planos perversos já são conhecidos. O céu e esta virtuosa princesa já o conhecem. Não, não faça caretas, príncipe. A Igreja não teme as suas ameaças.

Seus trovões serão ouvidos muito acima de suas cóleras. Ouse levar adiante o seu maldito desígnio de divorciar-se, até que o veredito da Igreja seja revelado, e aqui lanço o anátema sobre a sua cabeça.

— Rebelde audacioso! — exclamou Manfredo, tentando esconder o pavor que as palavras do padre lhe inspiravam. — Então pensa que ameaçará seu legítimo príncipe?

— Você não é um príncipe legítimo — disse Jerônimo. — Você não é nenhum príncipe... Vá adiante, discuta seus negócios com Frederico e quando isso estiver selado...

— Está selado — replicou Manfredo: — Frederico aceita Matilda em casamento e concorda em abrir mão de sua exigência ao trono, a menos que eu não tenha nenhum rebento varão.

Quando pronunciou essas palavras, três gotas de sangue pingaram do nariz da estátua de Afonso. Manfredo empalideceu e a princesa caiu de joelhos.

— Olhem bem! — disse o padre. — Olhem este sinal miraculoso de que o sangue de Afonso nunca se misturará com o de Manfredo!

— Gracioso senhor — disse Hipólita, — resignemo-nos à vontade do céu. Não pense que esta esposa,

sempre devotada, rebela-se contra a sua autoridade. Não tenho outra vontade que não a de meu marido e da Igreja. Apelemos a este santo tribunal. Não depende de nós romper os laços que nos uniram. Se a Igreja aprovar a dissolução do nosso casamento, que assim seja... Restam-me apenas alguns anos, os mais tristes, para passar. Onde poderiam ser melhor empregados do que aos pés deste altar, em orações pela sua salvação e a de Matilda?

— Mas você não permanecerá aqui até essa hora — disse Manfredo. — Retorne comigo ao castelo e lá tomarei as medidas necessárias para o divórcio... E este padre intrometido não nos acompanhará; a minha hospitalidade nunca mais há de abrigar um traidor... e quanto ao fruto de sua reverência — continuou ele, — está expulso de meus domínios. Ele, suponho, não é um santo, nem está sob a proteção da igreja. Quem quer que se case com Isabela, não será o filho arrivista de um Falconara.

— Arrivistas — disse o padre — são aqueles que de um momento para outro se apoderam da coroa de príncipes legítimos; mas que passam como a grama e em seu lugar nada resta.

Manfredo, lançando um olhar de desprezo ao

monge, saiu conduzindo Hipólita; mas, à porta da igreja, sussurrou para um de seus homens que permanecesse escondido no convento e lhe avisasse imediatamente, se qualquer um do castelo aparecesse por lá.

V

Quanto mais Manfredo refletia acerca do comportamento do padre, mais se convencia de que Jerônimo estava a par de um amor entre Isabela e Teodoro. Porém, aquela sua nova atitude, tão diferente da sua docilidade anterior, causou-lhe ainda maiores apreensões. O príncipe suspeitava até mesmo que

o padre dependia de algum apoio secreto de Frederico, cuja chegada, coincidindo com a nova aparição de Teodoro, parecia confirmar tal correspondência. Mais perturbado ainda se sentia quando considerava a semelhança de Teodoro com o retrato de Afonso. Este último, ele não tinha dúvida alguma, morrera sem deixar herdeiros. Frederico tinha consentido em entregar Isabela a ele. Tantas contradições martelavam sua cabeça com um sem número de aflições. Vislumbrou apenas duas maneiras de ver-se livre de suas dificuldades. Uma era renunciar a seus domínios em prol do marquês. Mas o orgulho, a ambição e a crença numa antiga profecia, que acenava com uma possibilidade de preservá-los para a sua descendência, opunham-se a tal pensamento. A outra era levar adiante rapidamente o seu casamento com Isabela.

Depois de ruminar por longo tempo esses angustiantes pensamentos, enquanto se encaminhava silenciosamente ao lado de Hipólita para o castelo, ele finalmente expôs à princesa a causa de sua inquietude, empregando todas as insinuações e todo argumento plausível para obter o seu consentimento quanto ao divórcio, e até mesmo a sua promessa de promovê-lo. Hipólita não precisava de muita persuasão para curvar-se aos seus desejos. Mo início, tentou convencê-lo

de que seria melhor se renunciasse a seus domínios; mas, percebendo que eram inúteis as suas exortações, finalmente assegurou-o de que, na medida em que a sua consciência o permitisse, ela não iria erguer obstáculos à separação, embora, sem escrúpulos tão bem fundamentados quanto os que ele havia alegado, não tomaria a iniciativa de pedi-la.

Este acordo, embora não inteiramente satisfatório, bastou para reacender as esperanças de Manfredo. Confiava que seu poder e riqueza fariam com que seu pedido fosse rapidamente encaminhado à corte de Roma, de modo que resolveu obter o compromisso de Frederico de viajar para esse fim. O marquês se descobrira de tal forma apaixonado por Matilda, que Manfredo esperava obter dele tudo o que desejava; acenando com os encantos de sua filha, conforme o marquês se mostrasse mais ou menos disposto a colaborar com suas intenções. Mesmo a ausência de Frederico já seria um ponto material ganho até que ele pudesse tomar outras medidas para garantir a sua segurança.

Despachando Hipólita para os seus aposentos, ele rumou para os do marquês. Mas ao cruzar o grande saguão deparou-se com Bianca. Aquela rapariga, ele sabia, era confidente de ambas as princesas.

Imediatamente veio-lhe á mente a ideia de sondá-la a respeito das relações de Isabela e Teodoro. Chamando-a de lado junto ao recesso de uma das janelas e conquistando sua confiança com belas palavras e muitas promessas, perguntou se sabia alguma coisa do estado afetivo de Isabela.

— Eu! Meu senhor? Não, senhor... Sim, senhor... Pobre princesa! ela está terrivelmente preocupada com os ferimentos de seu pai; embora eu lhe diga que ele se sairá muito bem, sua alteza também não pensa assim?

— Não estou perguntando — retorquiu Manfredo — o que ela acha do estado de seu pai. Você conhece os seus segredos. Vamos, seja uma boa menina e me diga, por acaso há algum rapaz... ã?... você me entende.

— Deus me abençoe! se entendo a sua alteza? Não, eu não. Só recomendei algumas ervas curativas e repouso...

— Não falo de seu pai — retorquiu o príncipe impaciente. — Sei que ele se curará.

— Graças a Deus! Alegra-me ouvir sua alteza dizer isso; pois, embora eu pensasse que não devia afligir ainda mais a princesa, achei que o seu nobre pai estava assim um tanto pálido e tinha algo como que... Eu me lembro quando o jovem Ferdinando foi ferido pelo Veneziano.

— Você está fugindo do assunto — interrompeu Manfredo, — mas, pronto, tome aqui esta joia e talvez isso a ajude a concentrar sua atenção... Não, nada de obrigado; os meus presentes não pararão por aqui... Vamos, diga-me verdadeiramente: como está o coração de Isabela?

— Bem, sua alteza tem um tal jeito — disse Bianca; — para falar a verdade... Mas será que sua alteza sabe guardar segredos? Se um dia isso escapar-lhe pelos lábios...

— Não irá, não irá — gritou Manfredo.

— Não; mas jure, sua alteza... por tudo quanto é sagrado que, se algum dia alguém souber que eu disse... Bem, a verdade é a verdade. Nunca achei que a minha senhora Isabela sentisse muita afeição por meu jovem senhor, o seu filho; e ele era um garoto adorável, como qualquer um pode ver. Tenho certeza de que, se eu fosse uma princesa... Mas Deus meu! Tenho que ir ao encontro de minha senhora Matilda; ela deve estar perguntando o que se passou comigo.

— Fique! — gritou Manfredo. — Você ainda não respondeu à minha pergunta. Alguma vez você já levou alguma mensagem, alguma carta?

— Eu? Pela graça de Deus! — exclamou Bianca.

— Eu, levar uma carta? Eu nunca seria uma rainha. Espero que sua alteza saiba que, embora eu seja pobre, sou honesta. Sua alteza nunca ouviu o que o Conde Marsigli ofereceu-me, quando ele veio cortejar a minha senhora Matilda?

— Não tenho tempo — disse Manfredo — para perder com suas histórias. Não questiono a sua honestidade; mas é seu dever não ocultar nada de mim. Há quanto tempo Isabela conhece Teodoro?

— Ah! Não há nada que escape a sua alteza — disse Bianca. — Não que eu saiba de alguma coisa. Teodoro, com toda certeza, é um rapaz muito bem-apanhado e, como diz a minha senhora Matilda, é a cara mesma do bom Afonso. Sua alteza já reparou nisso?

— Já! Já!... Não... Você está me torturando — disse Manfredo. — Onde foi que se encontraram? Quando?

— ...Quem? A minha senhora Matilda? — perguntou Bianca.

— Não, não, Matilda não. Isabela. Quando foi que Isabela se encontrou pela primeira vez com esse tal Teodoro?

— Virgem Maria! Como eu poderia saber?

— Você sabe — insistiu Manfredo — e eu tenho que saber. Eu vou saber.

— Senhor! Sua alteza não está com ciúmes do jovem Teodoro? — exclamou Bianca.

— Com ciúmes! Não, não. Por que eu deveria estar com ciúmes?... Talvez eu esteja pensando em uni-los... se estiver certo de que tal ideia não repugnaria Isabela.

— Repugnar? Não, eu lhe garanto. — disse Bianca. — Ele é o mais belo mancebo que já pisou neste chão cristão. Nós todas estamos enamoradas dele. Não há uma só alma neste castelo que não se alegraria de tê-lo como príncipe... Isto é, quando chegar a hora de o céu chamar sua alteza...

— É mesmo? — disse Manfredo. — As coisas já chegaram a este ponto? Oh, este maldito padre!... Mas não devo perder tempo... Vá, Bianca, vá servir Isabela; mas lhe ordeno, nem uma palavra a respeito do que se passou aqui. Descubra como ela se sente com relação a Teodoro; traga-me boas notícias e esse anel ganhará um companheiro. Espere sob a escada em espiral: agora conversarei com o marquês e falarei mais com você quando eu voltar.

Manfredo, depois de uma troca de generalidades, pediu que Frederico dispensasse os dois cavaleiros que lhe faziam companhia, uma vez que tinha negócios urgentes a tratar. Assim que ficaram a sós, começou

habilmente a sondar o marquês em relação a Matilda e, notando que este estava disposto a dar seguimento aos seus desejos, principiou a dar pistas sobre as dificuldades que haveria na celebração daquele casamento, a menos que...

Naquele instante Bianca irrompeu na sala, o olhar esbugalhado e gestos que traduziam o mais desesperado terror.

— Oh! Meu senhor! Meu senhor! — gritou ela. — Estamos todos acabados! Ele voltou! Ele voltou!

— O que voltou? — gritou Manfredo, perplexo.

— Oh! A mão! O gigante! A mão!... Ajude-me! Estou a ponto de perder os sentidos! — gritou Bianca. — Não dormirei no castelo hoje à noite. Para onde irei? As minhas coisas podem vir depois, amanhã... Ah, se eu tivesse aceitado casar-me com Francesco! É isto que custa a ambição!.:.

— Que a aterrorizou a este ponto, meninota? — indagou o marquês. — Aqui você está a salvo; não se preocupe.

— Oh! A sua majestade é muito boa — disse Bianca; — mas não tenho coragem... Não, por favor, deixem-me ir... Prefiro deixar tudo para trás a ficar mais uma hora debaixo deste teto.

— Então vá, você perdeu a cabeça — disse Manfredo. — Não nos interrompa; tratávamos de assuntos importantes... Caro senhor, esta pobre coitada costuma ter ataques... Venha comigo, Bianca.

— Oh! Os santos! Não — disse Bianca. — Eles, com certeza, vieram alertar sua alteza; por que outra razão deveriam aparecer para mim? Digo minhas orações todo dia pela manhã e à noite... oh! se sua alteza tivesse acreditado em Diego! É a mesma mão da qual ele viu o pé no quarto da galeria... O padre Jerônimo sempre disse que a profecia iria cumprir-se um desses dias...

— Bianca — disse ele. — Preste bem atenção às minhas palavras... Você está delirando — disse Manfredo, enraivecido. — Saia já e guarde essas loucuras para amedrontar os seus companheiros.

— O quê! Meu senhor — gritou Bianca. — Então pensa que eu nada vi? "Vá para debaixo da escada em espiral" foi o que me disse... Assim como estou viva, eu o vi.

— Viu o quê? Diga-nos, cara jovem, que foi que você viu? — interveio Frederico.

— Pode sua alteza dar atenção — tornou Manfredo — ao delírio de uma pobre coitada, que ouviu tantas

histórias de fantasmas que agora chega a acreditar nelas?

— Isso é mais do que uma fantasia — disse o marquês. — O seu pavor é natural demais, forte demais, para ser fruto da imaginação. Diga-nos, cara jovem, que foi que a deixou assim?

— Sim, meu senhor, obrigado sua majestade — disse Bianca — ... Devo estar muito pálida; já estarei melhor quando me recompor... Eu seguia para o quarto de minha senhora Isabela, conforme as ordens de sua alteza...

— Não queremos saber das circunstâncias — interrompeu Manfredo: — uma vez que sua alteza o deseja, prossiga. Mas seja breve.

— Senhor, sua alteza se intromete tanto! — replicou Bianca — ...Temo que meu cabelo... tenho certeza de que nunca na minha vida... Bem, como eu dizia a sua majestade, estava indo, conforme as ordens de sua alteza, para o aposento de minha senhora Isabela. Ela fica no quarto azul claro, na ala direita, há um lance de escadas. Assim, quando cheguei diante dos degraus, olhava para este presente de sua alteza.

— Santa paciência! — disse Manfredo — Será que essa moça nunca vai chegar ao ponto? Que importa para

o marquês que eu lhe tenha dado uma bobagem como recompensa de seus leais serviços para com minha filha? Queremos saber o que você viu.

— É o que eu ia contar a sua alteza — disse Bianca, — se me permitir... Eu esfregava o anel, tenho certeza de que não tinha subido mais do que três degraus, quando ouvi o chacoalhar de uma armadura. Um tal ruído, o mesmo que Diego disse ter ouvido quando o gigante se voltou contra ele lá na galeria...

— Que ela quer dizer, meu senhor? — indagou o marquês — Então o seu castelo anda assombrado por gigantes e diabretes?

— O quê, meu senhor? Deus meu, então sua majestade não ouviu a história do gigante na galeria? — gritou Bianca. — Espanta-me que sua alteza não lhe tenha contado... Talvez não saiba que existe uma profecia...

— Essa baboseira é intolerável — interrompeu Manfredo. — Dispensemos esta pobre coitada, meu senhor: temos assuntos mais importantes a discutir.

— Com licença — disse Frederico, — isto não é baboseira. O enorme sabre que encontrei no bosque; aquele elmo lá embaixo, que é seu companheiro... Então

serão eles também visões saídas da cabeça dessa pobre mocinha?

— É o que Jaquez pensa, se assim o agrada, majestade — disse Bianca. — Ele diz que não passará esta lua sem que presenciemos algum estranho acontecimento. De minha parte, não ficaria surpresa se acontecesse amanhã; pois, como eu ia dizendo, quando ouvi o chacoalhar da armadura, comecei a suar frio... Olhei para cima e, se sua majestade me acreditar, vi sobre o último corrimão da grande escadaria a mão de uma armadura tão grande, tão grande... Pensei que ia desmaiar... Não parei de correr até chegar aqui... Bem que eu gostaria de estar bem longe deste castelo! Minha senhora Matilda disse-me ainda ontem pela manhã que a princesa Hipólita sabe de alguma coisa...

— Você é uma insolente! — gritou Manfredo. — Senhor marquês, receio que toda esta cena tenha sido armada para causar-me afronta. Então, meus próprios servos estão sendo subornados para espalhar histórias que insultam a minha honra? Reclame os seus direitos por meios viris; ou então, sepultemos nossas disputas, conforme tinha sido combinado, com o casamento de nossas filhas. Mas, acredite-me, não fica bem a um

príncipe da sua estirpe ser assim influenciado por raparigas mercenárias.

— Refuto tal imputação — disse Frederico; — até este momento, nunca tinha pousado os olhos nesta jovem. E não fui eu que lhe dei nenhuma joia!... Senhor, senhor, a sua consciência, a sua culpa, acusam-no e lançam suspeitas sobre mim... Mas guarde sua filha e não pense mais em Isabela: a sentença que já caiu sobre sua casa proíbe-me de tomar parte nisso.

Manfredo, alarmado com o tom resoluto com que Frederico pronunciou essas palavras, esforçou-se por acalmá-lo. Dispensando Bianca, fez tais reverências ao marquês e lançou elogios tão habilidosos a Matilda que Frederico, uma vez mais, vacilou. No entanto, como sua paixão era ainda tão recente, não podia suplantar, de uma só vez, todos os escrúpulos que ele havia concebido. Compreendera o suficiente das palavras de Bianca para convencer-se de que o próprio céu declarava-se contra Manfredo. Os casamentos propostos também adiavam por muito tempo a sua posse do trono, e o Principado de Otranto era uma tentação mais forte do que ter que o dividir com Matilda. Ainda assim, ele não se afastaria de uma vez de seus compromissos; mas intentando ganhar tempo, perguntou a Manfredo se de fato era verdade

que Hipólita consentia no divórcio. O príncipe, exaltado ao descobrir que não havia nenhum outro obstáculo e que tudo dependia de sua influência sobre sua esposa, assegurou ao marquês que isso era verdade e que este poderia obter satisfação pessoalmente com a própria princesa.

Enquanto estavam assim conversando, foram informados de que o banquete estava servido. Manfredo conduziu Frederico ao grande saguão, onde foram recebidos por Hipólita e pelas jovens princesas. Manfredo colocou o marquês ao lado de Matilda e sentou-se ele mesmo entre sua esposa e Isabela. Hipólita comportava-se com nobre gravidade, mas as duas moças estavam silenciosas e melancólicas. Manfredo, determinado a dobrar o marquês até o fim daquela noite, animou a festa que se estendeu até tarde, afetando grande alegria e oferecendo a Frederico repetidos copos de vinho. Este último, mais reservado do que o desejava Manfredo, declinou os seus frequentes convites com o pretexto de suas recentes perdas de sangue. Enquanto isso, o príncipe, para levantar o seu próprio espírito desordenado e aparentar despreocupação, entregava-se a amplos goles, embora não a ponto de intoxicar inteiramente os sentidos.

Noite alta, o banquete terminou. Manfredo ter-se-ia recolhido juntamente com Frederico; mas este último, alegando fraqueza e necessidade de repouso, retirou-se para os seus aposentos, dizendo galantemente ao príncipe que sua filha o entreteria enquanto ele mesmo não pudesse fazê-lo. Manfredo acatou a ideia e, para profundo desagrado de Isabela, acompanhou-a até seus aposentos. Matilda esperou por sua mãe, para que aproveitassem juntas a aragem noturna nas muralhas do castelo.

Assim que o grupo se dissolveu, Frederico, deixando seu quarto, indagou se Hipólita estava sozinha. Um dos criados, que não a vira sair, disse que a tal hora ela geralmente se retirava para o seu oratório, ali ele provavelmente a encontraria. Durante o repasto, o marquês contemplara Matilda com paixão sempre crescente. Agora desejava encontrar Hipólita com a disposição de ânimo que seu marido prometera. Os prodígios que o tinham alarmado estavam agora esquecidos no meio do turbilhão dos seus desejos. Suavemente e sem que ninguém o visse, avançou para os aposentos de Hipólita,

ali entrando, determinado a encorajar a sua aquiescência quanto ao divórcio; pois estava ciente de que Manfredo faria da posse de Isabela uma condição inalterável para entregar Matilda aos seus desejos.

O marquês não se surpreendeu com o silêncio que reinava nos aposentos da princesa. Concluiu, tal como lhe haviam dito, que esta estava em seu oratório, e seguiu adiante. A porta encontrava-se entreaberta; a noite, sombria e carregada. Empurrando a porta devagar, viu uma pessoa ajoelhada diante do altar. Quando chegou mais perto, percebeu que o vulto não parecia uma mulher, mas alguém trajando um longo capote de lã, as costas voltadas para o marquês. A pessoa parecia inteiramente absorvida em suas orações. O marquês estava a ponto de sair, quando a figura, erguendo-se, parou por alguns instantes como que meditando, sem o encarar fixamente. O marquês, esperando que aquela santa pessoa se aproximasse e querendo desculpai'-se por sua interrupção pouco educada, disse:

— Reverendo padre, estou à procura da senhora Hipólita.

— Hipólita! — respondeu uma voz cavernosa. — Então você veio a este castelo para procurar a senhora Hipólita?

E então, o vulto, virando-se lentamente, exibiu para Frederico as mandíbulas descarnadas e as órbitas vazias de um esqueleto, embrulhado no manto de um ermitão.

—Anjos da graça, protejam-me! — gritou Frederico, recuando.

— Faça por merecer sua proteção — completou o espectro.

Frederico, caindo de joelhos, implorou ao fantasma que tivesse piedade dele.

— Você não se lembra de mim? — disse a aparição. — Lembre-se do bosque de Joppa!

—Você é aquele santo ermitão? — exclamou Frederico a tremer. — Posso fazer algo pela sua paz eterna?

— Então você foi libertado do cativeiro — disse o espectro — para se entregar aos deleites carnais? Já se esqueceu da espada enterrada e da profecia divina nela gravada?

— Não, não me esqueci — disse Frederico. — Mas diga, abençoado espírito, que mandamento tem para mim? Que há ainda para ser feito?

— Esqueça Matilda! — disse a aparição. E desapareceu.

O sangue de Frederico congelou em suas veias. Por alguns minutos permaneceu imóvel. Então, caindo prostrado, a face diante do altar, implorou a intercessão de todos os santos para que o perdoassem. Uma torrente de lágrimas seguiu-se à sua comoção, e a imagem da linda Matilda precipitou-se em seus pensamentos contra a sua vontade; ali permaneceu caído, num conflito entre a penitência e a paixão.

Antes que pudesse recompor-se de tal estado de agonia espiritual, a princesa Hipólita, com uma vela na mão, entrou sozinha no oratório. Vendo um homem caído no chão, ela deixou escapar um grito, achando que ele estava morto. Seu susto trouxe Frederico de volta a si. Erguendo-se rapidamente, sua face banhada de lágrimas, ele teria fugido de sua presença; mas Hipólita, detendo-o, suplicou-lhe que explicasse a razão de sua desordem e por qual estranha circunstância ela o encontrara ali, naquela postura.

— Ah! Virtuosa princesa!... — disse o marquês, perpassado de dor; e estancou.

— Pelo amor de Deus, meu senhor — clamou Hipólita, — revele a causa dessa tortura! Que significam esses suspiros pesarosos, esse tom alarmado ao pronunciar meu nome? Que desgraças tem o céu ainda

guardadas para a mísera Hipólita?... Ainda queda em silêncio?... Por todos os anjos compassivos, conjuro-lhe, oh nobre príncipe — continuou ela, caindo a seus pés, — a revelar o propósito que jaz em seu coração... Vejo que se condói por mim, que se condói pelas duras penas que me infligiu... Fale, por piedade!... Aquilo que sabe diz respeito à minha filha?

— Não posso falar — gritou Frederico, fugindo bruscamente. — Oh! Matilda!

Deixando a princesa assim de modo tão abrupto, ele correu para o seu próprio quarto. À porta, foi abordado por Manfredo, o qual, intoxicado de vinho e amor, viera à sua procura para passarem algumas horas da noite entregues ã música e ã farra. Frederico, ofendido com um convite tão alheio ao estado de ânimo em que se encontrava, empurrou-o rudemente para o lado e, entrando em seu quarto, bateu a porta intempestivamente contra Manfredo, trancando-a.

O orgulhoso príncipe, enfurecido diante deste comportamento injustificável, retirou-se num estado de espírito capaz dos excessos mais fatais. Enquanto atravessava o pátio, veio ao seu encontro aquele criado que ele havia deixado no convento espionando as ações de Jerônimo e Teodoro. O homem, quase sem fôlego de

tanto correr, informou a seu senhor que Teodoro e uma senhora do castelo estavam naquele momento entretendo uma conversa particular em frente ao túmulo de Afonso, na Igreja de São Nicolau. Ele seguira Teodoro até lá, mas a escuridão da noite impedira-o de ver quem era a mulher.

Manfredo, que já estava com os ânimos inflamados, e a quem Isabela afastara de si, quando este lhe comunicara sua paixão com muito pouca reserva, não duvidava que a inquietude que ela tinha manifestado era ocasionada por sua impaciência em encontrar-se com Teodoro. Provocado por este pensamento e enfurecido com o pai do rapaz, ele correu secretamente para a grande igreja. Esgueirando-se imperceptivelmente pelas naves laterais, e guiado por um imperfeito raio de luar que brilhava através dos vitrais, avançou em direção ao túmulo de Afonso, para onde o dirigiam sussurros indistintos das pessoas que ele procurava. Os primeiros sons que ouviu foram:

— Mas, ai!, será que isso depende de mim? Manfredo nunca permitirá o nosso casamento.

— Não, isto irá impedi-lo! — gritou o tirano, sacando a sua adaga e enterrando-a por cima do ombro, no peito da pessoa que então exclamou:

— Ai de mim, fui ferida! — gritou Matilda, tombando.

— Bom Deus, receba a minha alma!

— Bárbaro, monstro desumano! Que você fez? — gritou Teodoro, lançando-se sobre ele e arrancando a adaga de suas mãos.

— Abaixe, abaixe esta mão ímpia — gritou Matilda. — É meu pai!

Manfredo, como que saindo de um transe, golpeou seu peito, arrancou os cabelos e tentou recuperar sua adaga das mãos de Teodoro para dar cabo de si mesmo. Teodoro, apenas um pouco mais senhor de si e a custo dominando a sua dor para auxiliar Matilda, atraíra com seus gritos alguns monges que vieram prestar ajuda. Enquanto uns tentavam, juntamente com o aflito Teodoro, estancar o sangue da princesa agonizante, outros lutavam para evitar que Manfredo fizesse algum mal a si mesmo com as próprias mãos.

Matilda, resignando-se pacientemente à sua sorte, respondeu com olhares de amor agradecido aos cuidados de Teodoro. Ainda assim, muitas vezes e tanto quanto a sua debilidade o permitia, implorava aos presentes que consolassem seu pai. Jerônimo a essa altura já fora informado da notícia fatal e acudiu à igreja. Seus

olhares pareciam censurar Teodoro; mas voltando-se para Manfredo, disse:

— Agora, tirano!, veja como se cumprem plenamente os infortúnios que pesam sobre sua cabeça impia e devota! O sangue de Afonso implorou ao céu por vingança e o céu permitiu que seu altar fosse manchado pelo assassinato, para que você possa derramar o seu próprio sangue ao pé do sepulcro deste príncipe!

— Homem cruel! — gritou Matilda, — agravar ainda mais as desgraças de um pai! Que o céu abençoe meu pai e perdoe-o assim como eu o perdoo! Meu senhor, meu gracioso senhor, será que pode perdoar sua filha? Na verdade, não vim aqui para encontrar Teodoro! Eu o vi rezando neste túmulo, para onde minha mãe me havia enviado para rezar por você, por ela... Querido pai, abençoe a sua filha e diga que a perdoa.

— Perdoá-la! Um monstro assassino? — gritou Manfredo. — Como assassinos podem perdoar? Pensei que você era Isabela; mas o céu dirigiu minha mão amaldiçoada para o coração da minha própria filha!... Oh! Matilda... Não consigo dizer... Pode desculpar a cegueira, da minha raiva?

— Posso, desculpo e que o céu me confirme! — disse Matilda. — Mas enquanto ainda tenho vida para

indagar... oh, minha mãe! Como ela vai sentir!... Você a confortará, meu senhor? Não a relegará? Ela o ama de verdade... Oh, vou desmaiar! Levem-me para o castelo... Poderei viver até que ela Venha fechar meus olhos?

Teodoro e os monges tentaram convencê-la de que seria melhor ser transportada para o convento; mas sua insistência em ir para o castelo era tamanha que, colocando-a sobre uma liteira, levaram-na para onde ela pedia. Teodoro segurava sua cabeça com o braço e debruçado sobre ela de modo agonizante e exasperado, ainda tentava infundir-lhe esperanças de vida. Jerônimo, do outro lado, confortava-a com discursos celestiais e erguendo um crucifixo á sua frente, o qual ela banhou com suas lágrimas inocentes, preparou-a para o seu trânsito para a imortalidade. Manfredo, envolto na angústia a mais profunda, seguia a liteira em desespero.

Antes de chegarem ao castelo, Hipólita, informada da terrível catástrofe, correra para encontrar-se com sua filha assassinada; mas quando viu o aflito cortejo, a enormidade de sua dor privou-a dos sentidos e ela caiu por terra, inerte, desmaiada. Isabela e Frederico, que a socorreram, padeciam praticamente com a mesma intensidade. Somente Matilda parecia estar insensível à sua própria situação: cada pensamento seu transbordava de

ternura para com sua mãe. Ordenando que parassem a liteira, assim que Hipólita voltou a si, ela chamou por seu pai. Este se aproximou, incapaz de falar qualquer coisa. Matilda, tomando a sua mão e a de sua mãe, cerrou ambas nas suas próprias mãos, e então as levou à altura do seu coração. Manfredo não conseguiu suportar este ato de patética compaixão. Lançou-se ao chão e amaldiçoou o dia em que havia nascido. Isabela, apreensiva de que tais emoções superassem o que Matilda podia suportar, tomou a responsabilidade de ordenar que Manfredo fosse conduzido e mantido em seus aposentos, enquanto determinava que Matilda fosse levada para o aposento mais próximo. Hipólita, somente um pouco mais viva do que sua filha, não prestava atenção em nada a não ser na menina; quando os ternos cuidados de Isabela quiseram também retirá-la, enquanto os médicos examinavam o ferimento de Matilda, ela gritou:

— Retirar-me? Nunca! Nunca! Vivo apenas para ela, e com ela expirarei.

Matilda abriu os olhos ao ouvir a voz de sua mãe, mas fechou-os novamente sem falar. O seu pulso cada vez mais fraco e a úmida frieza da mão logo afastaram todas as esperanças de recuperação. Teodoro seguiu os

médicos até uma sala vizinha e os ouviu pronunciar a sentença fatal com uma comoção próxima ao frenesi...

— Já que viva não pode ser minha — gritava ele — pelo menos será minha na morte!... Pai! Jerônimo! Venha unir as nossas mãos! — gritou ele para o padre, que, juntamente com o marquês, havia acompanhado os médicos.

— Que significa essa loucura? — disse Jerônimo. — E isto é hora para casamentos?

— É sim, é sim — gritava Teodoro; — ai, já não há nenhuma outra!

— Rapaz, você é por demais imprevidente! — disse Frederico. — Então pensa que daremos ouvidos a seus arroubos de paixão numa hora sombria como esta? Que pretensões alimenta para com a princesa?

— As de um príncipe — disse Teodoro; — do soberano de Otranto. Este reverendo, meu pai, pôs-me a par de minha origem.

— Você está delirando — disse o marquês. — Não há outro príncipe de Otranto além de mim, agora que Manfredo, com este assassinato, com este sacrílego assassinato, deitou por terra todos os seus direitos.

— Meu senhor — disse Jerônimo, assumindo um ar de comando — ele diz a verdade. Não era minha intenção

que o segredo fosse revelado tão cedo; mas o destino precipitou a sua hora. O que a sua paixão inflamada revelou, a minha língua o confirma. Saiba, príncipe, que, quando Afonso pôs-se a caminho da Terra Santa...

— Será esta agora hora de explicações? — gritou Teodoro. — Pai, venha e una-me à princesa: ela será minha... em tudo o mais eu respeitosamente lhe obedecerei. Minha vida! minha adorada Matilda! — prosseguiu Teodoro, correndo para a sala onde ela se encontrava. — Você não será minha? não vai abençoar o seu...

Isabela fez-lhe sinais para que fizesse silêncio, percebendo que a princesa estava se aproximando de seu fim.

— O quê? Ela está morta? — gritou Teodoro. — Será possível?

A violência de suas exclamações trouxeram Matilda de volta a si. Erguendo os olhos ela olhou em volta em busca de sua mãe...

— Vida da minha alma! Estou aqui... — gritou Hipólita; — não pense que vou deixá-la!

— ...Oh! Você é boa demais — disse Matilda; — mas não chore por mim, mãe! Estou indo para onde a dor não tem morada... Isabela, você me amou de verdade; dê

agora o seu carinho a esta querida, querida senhora! Vou mesmo... desmaiar!

— Oh! minha filha! minha filha! — disse Hipólita numa torrente de lágrimas. — Não posso retê-la nem mais um instante?

— Não é possível — disse Matilda. — ...Encomende-me ao céu... Onde está meu pai? Perdoe-o, querida mãe... perdoe-o, por minha morte; foi um erro... Oh! Tinha me esquecido... querida mãe, jurei nunca mais rever Teodoro... Talvez tenha sido isso que nos trouxe esta calamidade... mas não foi intencional... você pode me perdoar?

— Oh! Não maltrate ainda mais a minha alma agonizante! — disse Hipólita; — você nunca poderia me ofender... Ai! ela está desmaiando! Socorro! socorro!

— Queria dizer algo mais — disse Matilda, esforçando-se ao máximo; — mas não consigo... Isabela... Teodoro... por mim... oh!

Ela expirou. Isabela e suas damas só conseguiram retirar à força Hipólita de junto do cadáver; mas Teodoro ameaçou destruir todos que tentassem removê-lo dali. Deu mil beijos naquelas mãos frias como o mármore e sussurrou todas as expressões que o amor desesperado poderia ditar.

Isabela, enquanto isso, acompanhava a torturada Hipólita aos seus aposentos. No meio do caminho, depararam com Manfredo que, perdido em seus próprios pensamentos e ansioso por contemplar uma vez mais o rosto de sua filha, rumava para a sala onde ela se encontrava. Como a lua agora estava alta, ele distinguiu nos semblantes desse triste cortejo o acontecimento que ele temia.

— O quê? Está morta? — gritou ele, quase fora de si.

Naquele instante um estrondo de trovão sacudiu o castelo até as suas fundações; a terra tremeu e o ruído de uma armadura que não podia pertencer a nenhum mortal fez-se ouvir às suas costas. Frederico e Jerônimo pensaram que o Dia do Juízo tinha chegado. O monge, arrastando Teodoro consigo, correu para o pátio. No instante em que Teodoro apareceu, as paredes do castelo atrás de Manfredo desabaram, impelidas por uma força poderosa, e a figura de Afonso, ampliado a uma imensa grandeza, apareceu no centro das ruínas.

— Este é Teodoro, o legítimo herdeiro de Afonso! — disse a visão.

E tendo pronunciado tais palavras, acompanhado por um estrondo de trovão, a figura ascendeu

solenemente rumo ao céu, onde as nuvens, abrindo um clarão, deixavam entrever o vulto de São Nicolau; que, juntamente com o espectro de Afonso que se lhe juntava, breve sumiu da vista humana envolto num esplendor de glórias.

Os presentes caíram prostrados, a face sobre o chão, reconhecendo a vontade divina. Quem primeiro quebrou o silêncio foi Hipólita.

— Meu senhor — disse ela ao abatido Manfredo, — veja a vaidade da grandeza humana! Conrado se foi! Matilda já não está mais entre nós! Em Teodoro contemplamos o verdadeiro Príncipe de Otranto. Por qual milagre isso se deu, não sei... É o suficiente para nós, nossa sentença já foi dada! Que mais podemos fazer senão dedicar as poucas e deploráveis horas que nos restam a mitigar a ira divina? Se o céu nos rejeita, para onde mais poderemos ir senão para aquelas santas celas que ainda nos oferecem um abrigo?

—Ah! Mulher sem mácula, mas infeliz! Desgraçados sejam os meus crimes! — replicou Manfredo. — Meu coração finalmente se abre às suas admoestações. Oh! quisera... mas não pode ser... que tudo não passasse de um pesadelo... deixe-me pelo menos fazer justiça a mim mesmo! Cobrir a minha cabeça de vergonha é

tudo que me resta para sacrificar à ofendida vontade divina. A minha história atraiu estes castigos: deixe que minha confissão alivie... Mas ai! Que pode aliviar a usurpação de um trono e o assassinato de uma criança? Uma criança assassinada em lugar sagrado!... Ouçam, senhores, e que este registro sangrento se torne um alerta para futuros tiranos!... Afonso, como vocês todos sabem, morreu na Terra Santa... Vocês podem me interromper; dirão que ele não morreu de morte natural... É verdade... Por que mais esta taça de fel Manfredo tem que sorver até o fim? Ricardo, meu avô, era seu ajudante de quarto... Eu quisera lançar um véu sobre os crimes de meus antepassados... mas é inútil: Afonso morreu envenenado. Um testamento falso declarou Ricardo seu herdeiro. Seus crimes continuaram; ainda assim, ele não perdeu nenhum Conrado, nenhuma Matilda! Estou pagando o preço da usurpação por todos! Um dia, uma tempestade o assaltou. Assombrado por sua culpa, ele jurou a São Nicolau fundar uma igreja e dois conventos, se continuasse vivo até chegar a Otranto. O sacrifício foi aceito: o santo apareceu-lhe em sonho e prometeu que os descendentes de Ricardo iriam reinar em Otranto até que o seu verdadeiro senhor crescesse para habitar o castelo e enquanto existisse um descendente varão de

Ricardo para governar... Ai! ai! nem varão nem mulher sobreviveram dessa raça miserável, além de mim mesmo!... Estou acabado... Os infortúnios desses últimos três dias contam o resto. Como este jovem pode ser o herdeiro de Afonso, não sei... no entanto, não duvido. A ele pertencem estes domínios; renuncio... no entanto, não sabia que Afonso tivera um herdeiro... Não questiono a vontade do céu... a pobreza e a oração preencherão meu horrível vazio até que Manfredo seja chamado para junto de Ricardo.

— O que falta é que eu conte a minha parte — disse Jerônimo. — Quando Afonso içou velas rumo à Terra Santa, uma tempestade lançou-o às costas da Sicília. O outro navio, que transportava Ricardo e sua equipe, como meu senhorio deve ter ouvido, foi dele apartado.

— É bem verdade — disse Manfredo, — e o título com que me chama é mais do que um proscrito pode querer... Bem, que assim seja... continue.

Jerônimo corou e prosseguiu.

— Por três meses o senhor Afonso ficou preso na Sicília pela força dos ventos. Lá ele se enamorou de uma linda donzela chamada Vitória. Ele era por demais religioso para tentá-la com amores ilícitos. Casaram-se. No entanto, considerando este amor incongruente com

o sagrado juramento de armas que fizera, resolveu esconder tal casamento até que tivesse retornado da cruzada, quando se propunha a reencontrá-la e reconhecê-la como sua legítima esposa. Quando a deixou, ela estava grávida. Durante a sua ausência, deu à luz uma menina. Mas mal acabara de sentir as dores do parto, recebeu a notícia fatal da morte de seu esposo e da sucessão de Ricardo. Que podia fazer uma mulher sem amigos, totalmente desamparada? Acreditariam em seu testemunho?... No entanto, meu senhor, tenho um documento autêntico...

— Não é preciso — disse Manfredo; — os horrores desses dias, a visão que acabamos de presenciar, tudo concorda com sua evidência, muito mais do que mil pergaminhos. A morte de Matilda e a minha expulsão...

— Controle-se, meu senhor — tornou Hipólita, — este santo homem não pretendia reavivar as suas chagas.

Jerônimo prosseguiu.

— Não me demorarei no que for desnecessário. A menina a que Vitória deu à luz foi, em sua maturidade, me dada em casamento. Vitória morreu e o segredo permaneceu guardado em meu peito. A narrativa de Teodoro explica o resto.

O padre calou-se. A desconsolada companhia retirou-se para a parte do castelo que ainda permanecia em pé. Dc manhã, Manfredo assinou sua abdicação ao principado, com a aprovação de Hipólita, e cada um deles tomou o hábito religioso num dos conventos vizinhos. Frederico ofereceu sua filha em casamento ao novo príncipe, para o que muito concorreu a afeição de Hipólita para com Isabela. Mas o pesar de Teodoro era ainda muito recente para admitir o pensamento de outro amor e foi só depois de muitas conversas com Isabela, a respeito de sua adorada Matilda, que se convenceu de que não poderia ser feliz a não ser unindo sua vida a alguém com quem pudesse partilhar para sempre a melancolia que se havia apossado de sua alma.

Horace Walpole, (nascido em 24 de setembro de 1717, Londres, Inglaterra - falecido em 2 de março de 1797, Londres), foi um escritor inglês, historiados de arte e colecionador conhecido por seu romance The Castle of Otranto (1764), o primeiro romance gótico no idioma inglês e uma das primeiras histórias de terror literárias. Ele foi talvez o escritor de cartas mais assíduo de sua época, e construiu Strawberry Hill, uma mansão neogótica.